



XXXIII  
ENCONTRO  
NACIONAL  
ASSOCIAÇÃO  
PORTUGUESA  
DE LINGUÍSTICA

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

27 A 29 DE SETEMBRO DE 2017

**Colégio do Espírito Santo - Universidade de Évora**

# Livro de Resumos

Com o patrocínio de



CIDEHUS

Centro Interdisciplinar  
de História, Cultura e Sociologia  
da Universidade de Évora  
UIDB14600032013



# Programa

**27.09.2017 – 4ª FEIRA - Tarde**

11.00	<b>RECEÇÃO AOS PARTICIPANTES</b> Colégio do Espírito Santo	
13.00	Pausa para almoço	
14.00	<b>SESSÃO DE ABERTURA XXXIII ENAPL-</b> Anfiteatro 131 – Colégio do Espírito Santo	
	<b>COMUNICAÇÕES ORAIS</b>	
	Sala 118	Sala 119
14.30	AUGUSTO SOARES DA SILVA e DAFNE PALÚ <i>Construções de se no PE no PB e a ausência do clítico: perda morfológica de clítico ou estratégia de impessoalização?</i>	ANABELA GONÇALVES <i>Núcleos funcionais e reestruturação: uma análise comparada entre PE e PB</i>
15.00	MÁRCIA DOS SANTOS MACHADO VIEIRA <i>Impessoalização discursiva: padrões construcionais com verbo suporte haver no PB</i>	INÊS VITORINO e MARIA LOBO <i>Aquisição de estruturas com subida de clítico em PE</i>
15.30	PAULA LUEGI, MÁRCIO LEITÃO, MÁRIO CARVALHO, MATHEUS BARBOSA e MARIA ARMANDA COSTA <i>Efeitos de codificação e de recuperação no processamento de pronomes reflexivos com e sem marcação de género em PE e em PB</i>	MADALENA COLAÇO e CAROLINA GRAMACHO <i>A concordância em expressões nominais coordenadas com apenas um determinante</i>
16.00	SARA MORGADO, MARIA LOBO e PAULA LUEGI <i>Efeitos de animacidade do antecedente na interpretação de pronomes sujeito</i>	NÁDIA CANCEIRO, GABRIELA MATOS e MADALENA COLAÇO <i>Nem e nem (- sequer) em PE</i>
16.30	Pausa para café	

17.00	<p style="text-align: center;"><b>SESSÃO PLENÁRIA 1</b> <b>ISABEL MARGARIDA DUARTE</b> <i>Vantagens de uma gramática de usos para o PE. Alguns exemplos</i> Anfiteatro 131 – Colégio do Espírito Santo</p>
18.00	<p style="text-align: center;"><b>VISITA GUIADA À</b> UNIVERSIDADE DE ÉVORA – COLÉGIO DO ESPÍRITO SANTO</p>
19.00	<p style="text-align: center;"><b>CONVÍVIO</b></p>

## 28.09.2017 – 5ª FEIRA - Manhã

	COMUNICAÇÕES ORAIS	
	Sala 118	Sala 119
9.00	JOANA TEIXEIRA <i>Divergência seletiva no estágio final de aquisição de L2: dados sobre a construção com there em inglês.</i>	ÂNGELA QUARESMA e FAUSTO CAELS <i>Gêneros procedimentais em manuais de Ciências Naturais</i>
9.30	ALEXANDRA FIÉIS e ANA MADEIRA <i>Interpretação de pronomes em português L2: efeitos de transferência?</i>	FAUSTO CAELS, ÂNGELA QUARESMA e LUÍS FILIPE BARBEIRO <i>Sobre o papel da língua nas taxonomias científicas</i>
10.00	NÉLIA ALEXANDRE e ANABELA GONÇALVES <i>Construções copulativas em português L2 por falantes chineses num corpus de aprendentes</i>	NOÉMIA JORGE e CARLA SILVA <i>A síntese – da descrição linguística à transposição didática</i>
10.30	CHAO ZHOU, MARIA JOÃO FREITAS e ADELINA CASTELO <i>Aquisição das consoantes laterais do PE por aprendentes chineses</i>	MARIA JOSÉ FINATTO <i>Corpus-amostra Português do século XVIII- enfoque diacrónico de terminologias da Medicina em atividades de ensino para estudantes de Letras no Brasil</i>
11.00	Pausa para café	

COMUNICAÇÕES ORAIS		
	Sala 118	Sala 119
11.30	BRUNA GÓIS PAVÃO FERREIRA e MÁRCIA DOS SANTOS MACHADO VIEIRA <i>Ficar, tornar-se e virar em construções relacionais: variação e/ou mudança construcional</i>	MARÍA SAMPEDRO MELLA <i>As formas de tratamento no PE: estudo da fala juvenil</i>
12.00	MARISA CAMPOS <i>Micro-variação nas orações completivas finitas na variedade angolana do português</i>	ALEXANDRA GUEDES PINTO e JOANA TEIXEIRA <i>Marcas de deixis social no género textual acórdão e seu contributo para a construção da relação interacional</i>
12.30	PATRÍCIA COSTA <i>Ideofones em Santome</i>	ISABEL ROBOREDO SEARA <i>Cosmética verbal: o uso eufemístico no discurso político</i>
13.00	Pausa para almoço	

## 28.09.2017 – 5ª FEIRA - Tarde

13.30	<b>REUNIÃO DA ASSEMBLEIA GERAL DA APL</b> Entrega de prémio de investigação APL / Maria Helena Mira Mateus Anfiteatro 131 – Colégio do Espírito Santo	
16.00	Pausa para café	
	<b>COMUNICAÇÕES ORAIS</b>	
	Sala 118	Sala 119
16.30	NÁDIA BARROS e SÓNIA FROTA <i>Fraseamento prosódico em variedades do PE</i>	CELESTE RODRIGUES e MARIA DO CARMO LOURENÇO GOMES <i>Representações gráficas da nasalidade: aprendizagem do código alfabético</i>
17.00	VERA CABARRÃO, FERNANDO BATISTA, HELENA MONZ, ISABEL TRANCOSO e ANA ISABEL MATA <i>Adaptação acústica prosódica entre falantes</i>	MARIA MAFALDA MENDES <i>A emergência do período como unidade de organização textual na escrita infantil</i>
17.30	<b>SESSÃO DE PÓSTERES 1 - Centros</b> Claustro do Colégio do Espírito Santo	
18.30	<b>MESA-REDONDA</b> <b>A INVESTIGAÇÃO EM LINGUÍSTICA EM PORTUGAL</b> ISABEL FALÉ (MODERADORA) ANABELA GONÇALVES – CLUL ISABEL PEREIRA – CELGA/ILTEC JOÃO VELOSO – CLUP RUTE COSTA – CLUNL Anfiteatro 131 – Colégio do Espírito Santo	
20.30	<b>Jantar do XXXIII Encontro Nacional da APL</b> <b>Restaurante Cozinha do Cardeal</b>	

## 30.09.2017 – 6ª FEIRA - Manhã

COMUNICAÇÕES ORAIS		
	Sala 118	Sala 119
9.00	PILAR BARBOSA <i>Os infinitivos flexionados de "control parcial" são casos de controlo obrigatório?</i>	ISABELLE SIMÕES MARQUES e MICHELLE KOVEN <i>(Co)narrações de viagens para Portugal por luso-descendentes no facebook</i>
9.30	ANA LÚCIA SANTOS, ALICE JESUS e SILVANA ABALADA <i>Controlo de objeto com infinitivo (não) flexionado</i>	RUTE ROSA, AUDRIA LEAL, MARTA FIDALGO, MATILDE GONÇALVES e NOÉMIA JORGE <i>Organizadores textuais e plano de texto: que relações?</i>
10.00	ANA MARIA BRITO e GABRIELA MATOS <i>Relativas livres e interrogativas parciais: paralelos e diferenças.</i>	MARIA ALDINA MARQUES e ISABEL MARGARIDA DUARTE <i>'Lá' em sequências narrativas orais</i>
10.30	PILAR BARBOSA, MARIA do CARMO LOURENÇO e SÍLVIA ARAÚJO <i>Dependências múltiplas na periferia esquerda</i>	AUDRIA LEAL <i>O "narrar" em textos multimodais: o caso do gênero reportagem</i>
11.00	Pausa para café	

COMUNICAÇÕES ORAIS		
	Sala 118	Sala 119
11.30	<p>ANA MARGARIDA RAMALHO, DINA ALVES e MARIA JOÃO FREITAS</p> <p><i>Construção e avaliação de um instrumento de avaliação fonológica – o CLCP-PEuropeu</i></p>	<p>TELMO MÓIA</p> <p><i>Localização temporal e definição de fronteiras nas expressões com "entre"</i></p>
12.00	<p>MARIA MANUEL VIDAL, MARISA LOUSADA e MARINA VIGÁRIO</p> <p><i>Music influence on phonologic awareness in 3 to 4 year-olds with typical development and primary language impairment</i></p>	<p>VICTOR MÉRCIA JUSTINO</p> <p><i>Tipologia semântica das condicionais no Português de Moçambique, com foco na distribuição do tempo e modo verbais</i></p>
12.30	<p>MARA MOITA e MARIA LOBO</p> <p><i>Compreensão e produção oral de interrogativas Q em crianças surdas com implante coclear portuguesas</i></p>	
13.00	Pausa para almoço	

**30.09.2017 – 6ª FEIRA - Tarde**

14.30	<b>SESSÃO DE PÓSTERES 2</b> Claustro do Colégio do Espírito Santo
15.30	<b>SESSÃO PLENÁRIA 2</b> <b>SALVADOR PONS</b> <i>De un modelo de periferia a un modelo bidimensional en la gramaticalización de los marcadores del discurso</i> Anfiteatro 131 – Colégio do Espírito Santo
16.30	<b>SESSÃO DE ENCERRAMENTO</b>

## SESSÃO DE PÓSTERES 1

Pósteres de investigadores juniores dos centros de investigação convidados para a mesa-redonda.

## SESSÃO DE PÓSTERES 2

ANA CAROLINA VALENTE, PÂMELA FAGUNDES TRAVASSOS & MARCIA DOS SANTOS MACHADO VIEIRA - "Deu um driblinho" e "fez um golazo": *expressões para conceptualizar o quotidiano dos brasileiros*

CAMILA ALMEIDA e ANTÔNIO CARVALHO – *Um estudo de alguns aspectos filológico e semântico-lexicológico da lexia CULPA em bandos Mato-Grossenses*

CAROLINA SERRA e FLAVIANE FERNANDES-SVARTMAN – *As estruturas SVO e o fraseamento prosódico no português do Brasil*

CHIARA TRUPPI – *Cópulas e orações copulativas em Kriyol: inventário, distribuição sintática e variação*

DANIELLE GOMES – *Vocalismo postônico não final no Português de São Tomé*

ELENA LOMBARDO – *Para uma caracterização linguística dos testemunhos do "Sumario de todas as cousas sucedidas em Berberia..." – Os clíticos*

HELENA CARMO, MARA MOITA e ANA MINEIRO – *Pares mínimos na Língua Gestual Portuguesa*

IRIA DEL RÍO GAYO, AMÁLIA MENDES e SANDRA ANTUNES – *Tagset para a anotação de erros no corpus COPLE2*

ISABEL SEBASTIÃO – *Coesão e coerência na aprendizagem da escrita epistolar – ensino básico*

KARILENE XAVIER e CAROLINA SERRA – *A pronúncia dos róticos em sucessos musicais do início do século XX*

NAILIA BALDÉ – *Aquisição de interrogativas-wh múltiplas em L2 português por falantes de russo em contexto formal*

NATALIA ZANINETTI MACEDO – *Estudo de criações antroponímicas no Brasil com base no sistema da língua inglesa*

PAULA LUEGI, MARCUS MAIA e ARMANDA COSTA – *Impossibilidade, Obligatoriedade e Opcionalidade: o uso de formas nulas e plenas em PE e em PB em contextos de subordinação*

RODRIGO PEREIRA, TJERK HAGEMEIJER e MARIA JOÃO FREITAS – *Consoantes róticas e variação no Português de São Tomé*

SÍLVIA FIGUEIREDO BRANDÃO e ALESSANDRA DE PAULA – *Róticos no português falado em Moçambique*

VANESSA LÓPEZ – *Participios parasíticos em português? O caso do Gerúndio composto*

# Sessões Plenárias

## SESSÃO PLENÁRIA 1

### ISABEL MARGARIDA DUARTE

#### Vantagens de uma gramática de usos para o PE. Alguns exemplos

Tendo em conta os pressupostos teóricos que valorizam a descrição do uso do sistema e não apenas do sistema em abstrato, defenderemos a necessidade de uma gramática de usos para o Português Europeu. Tal descrição implica lidar com a complexidade, a gradualidade dos fenómenos linguísticos, a contextualização obrigatória dos discursos, quer em géneros discursivos quer nas suas circunstâncias enunciativas, mas testemunha que as regularidades existem também no uso e não deve haver um corte excessivo entre descrever a língua e descrever o uso da língua. Contrariamente ao que acontece no Português do Brasil, são escassos os trabalhos que se debruçam sobre esses usos e mais escassos ainda os que se ocupam das produções orais, nomeadamente interacionais e informais, baseadas em *corpora*. É necessário prestar mais atenção aos usos, sobretudo à descrição do funcionamento da língua enquanto discurso atualizada em determinados géneros discursivos, como a conversa informal. Essas análises são cruciais quer para o ensino do Português como língua estrangeira, quer como língua materna, uma vez que descrever apenas o sistema, a variedade padrão, geralmente escrita, é redutor cientificamente e pouco eficaz do ponto de vista do ensino. Mas as descrições dos usos são também essenciais para os estudos de tradução ou as análises contrastivas quer de línguas diferentes, quer de diversas variedades do português. Partindo de pequenas experiências de investigação que têm lugar com estudantes universitários, propomos um percurso de pesquisa com *corpora* de conversas familiares, que tentem dar conta dos usos orais pouco vigiados da língua, em contexto de interação. Serão adiantados, por fim, dois exemplos desse percurso: o do marcador apresentativo “é assim” e o dos quantificadores nominais vagos, com função de atenuação e de diminuição da responsabilidade enunciativa do locutor, “um bocado” e “um bocadinho”. Terminaremos mostrando como a análise de *corpora* de conversas informais permite, até, compreender melhor algumas características de textos literários.

## SESSÃO PLENÁRIA 2

### SALVADOR PONS

#### **De un modelo de periferia a un modelo bidimensional en la gramaticalización de los marcadores del discurso**

Los trabajos sobre periferias buscan encontrar una regla que permita predecir el tipo de contenidos que se sitúan tanto en periferia derecha como en periferia izquierda. Sin embargo, a pesar de los esfuerzos dedicados a ello, hasta ahora no se ha llegado a una generalización sin excepciones.

En esta conferencia se va a defender que el problema de las periferias adolece de dos sesgos en su planteamiento: en primer lugar, el concepto "posición" no está bien definido: "izquierda" y "derecha" son dos conceptos relativos, que solo se definen con respecto a una unidad. Dicha unidad –segundo problema– es única, y eso se da independientemente de que se aborde el problema sobre una unidad de tipo gramatical (oración), pragmática (enunciado) o interactiva (turn-constructional unit). Este problema se puede solucionar si las unidades y las posiciones se sustituyen por un modelo de unidades discursivas como el desarrollado por el grupo Val.Es.Co, en el que el discurso se divide en siete unidades jerárquicas (subacto, acto, intervención, turno, intercambio, diálogo y discurso) dentro de las que se pueden distinguir cuatro posiciones (inicial, media, final e independiente). El resultado es un modelo bidimensional que ofrece una gran flexibilidad para acomodar los cambios históricos en los movimientos entre gramática y discurso.

Para ejemplificar esta idea, se presentarán los resultados de un metanálisis de la evolución histórica de treinta y cuatro marcadores del discurso del español, lo que permite distinguir diferentes movimientos del cambio. La conclusión de esta estrategia es que cuando un modelo unidimensional se sustituye por otro bidimensional ya no tiene sentido hablar de gramaticalización, sino de gramaticalizaciones.

# **Resumos – Comunicações orais e pósteres**

por ordem alfabética do apelido do primeiro autor

## NÉLIA ALEXANDRE e ANABELA GONÇALVES

### Construções copulativas em português L2 por falantes chineses num corpus de aprendentes

**Introdução.** As línguas podem diferir quanto à possibilidade de ocorrência explícita de um verbo cópula em construções copulativas. Concretamente, o Português exige que a cópula seja sempre explícita, enquanto línguas como o Chinês não têm a cópula lexicalmente expressa em certos contextos: se o predicado matriz for um AP, normalmente a cópula *shì* 'ser/estar' não ocorre (1a) e quando ocorre tem uma leitura contrastiva, como em (1b) (Huang *et al.* 2009). Note-se que a cópula pode ser omitida *inclusive* em frases negativas (2). Contudo, se o predicado principal for um NP ou um PP, a cópula tipicamente ocorre (3).

O contraste entre Português e Chinês é particularmente interessante no contexto de aquisição de uma L2. Na realidade, embora o mesmo tipo de predicação esteja envolvido nas duas línguas, a forma como elas a codificam é diferente, o que pode constituir um problema para a aquisição destas construções em Português por falantes de Chinês. Nesta comunicação analisaremos a produção de construções copulativas predicativas por chineses a aprender Português L2. Os dados são extraídos de um recorte do Learner Corpus do Português L2 (COPLE2) (Antunes *et al.* 2016), composto por 323 textos escritos de 129 falantes nativos adultos de Chinês distribuídos por dois níveis de proficiência: elementar e intermédio.

**Objetivo.** Nesta comunicação, são nossos objetivos (i) analisar até que ponto as propriedades da L1 influenciam as produções em L2; (ii) apresentar uma análise comparativa do Português e do Chinês que dê conta do contraste referido acima e da forma como os falantes adultos adquirem estas construções em Português L2; (iii) discutir o contributo dos estudos baseados em *corpora* deste género para a investigação em L2. Quanto ao primeiro objetivo, mostraremos que a construção em estudo é problemática para os nossos informantes nos casos em que o Português e o Chinês diferem. Relativamente ao segundo, propomos que a diferença entre as duas línguas está nos traços da categoria funcional *Pred*. No que diz respeito ao terceiro, sugeriremos que é preciso trabalhar com *corpora* anotados gramaticalmente de forma fina (e manual) e cruzar estes dados com dados experimentais (controlados) (Lozano & Mendikoetxea 2013).

**Hipóteses.** Na linha de Adger & Ramchand (2003:325), assumiremos que as construções copulativas predicativas contêm uma categoria funcional *Pred* que é o núcleo do domínio em que as relações temáticas são licenciadas, como em (4), com um traço formal [V]. Se os valores do traço [V] em *Pred* forem diferentes nas duas línguas, esperamos que os chineses a aprenderem PL2 tenham produções linguísticas mais próximas da sua L1, como em (5), para o nível intermédio. Se os valores do traço [V] em *Pred* forem idênticos, os produtos linguísticos dos aprendentes chineses de PL2 serão próximos da gramática-alvo, mesmo no nível elementar (6).

**Discussão.** Proporemos que as diferenças observadas nas construções copulativas predicativas em Português e Chinês decorrem do valor do traço [V] em *Pred*. Em Português, *Pred* tem traço [*N*] (Pesetsky & Torrego 2004), que obriga ao *Merge* de um verbo cópula em *Pred*; a cópula pode ser, assim, vista como uma manifestação sintática do núcleo *Pred*. Em Chinês, por outro lado, [V] em *Pred* é não interpretável ([*uV*]); por isso, [*uV*] funciona como uma sonda que procura no seu domínio um alvo que também tenha traços [V]. Se o raciocínio estiver correto, [V] em *Pred* pode ser valorado por um adjetivo, por *Agree* local, em Chinês. Quando o XP em (4)

corresponde a um PP ou a um NP, [V] em *Pred* não consegue ser valorado e a derivação explode; a única forma de salvar a derivação é por inserção tardia (por Merge) de uma cópula em *Pred*, satisfazendo [V].

### Dados

- (1) a. Zhang san gao-xìng le.  
Nome Nome muito-contente CRS  
'Zhang San está (agora) feliz.'
- b. Zhang san shì gao-xìng le.  
Nome Nome ser muito-contente CRS  
'Zhang San está (agora verdadeiramente) feliz.'
- (2) Zhang san bú gao-xìng le.  
Nome Nome NEG muito-contente CRS  
'Zhang San está (agora verdadeiramente) infeliz.'(ambos adaptados de Sun 2006:151)
- (3) Mulan shì yì-ge yanyuan.  
Mulan ser um-CL ator  
'Mulan é uma atriz.' (adaptado de Wu 2011:851)
- (4) [TP [T' [T [PredP [Pred' Pred [XP]]]]]]
- (5) A praia *ó*é [AP fatástica], ondas *ò*são [AP boas] e pessoas *ò*são [AP alegres e simpáticas].( zh001CVMTD)
- (6) a. Lisboa é [DP um cidade lindissimo]. (zh023CAETF)
- b. Agora eu estou [PP em Lisboa]. (zh029CAETF1)

### Referências bibliográficas

- Adger, D. & Ramchand, G. (2003). Predication and equation. *Linguistic Inquiry* 34,325-359.
- Alexopoulou, T.; Geertzen, J.; Korhonen, A. & Meurers, D. (2015). Exploring big educational learner corpora for SLA research: Perspectives on relative clauses. *International Journal of Learner Corpus Research* 1:1, 96-129.
- Antunes, S., A. Mendes, A. Gonçalves, M. Janssen, N. Alexandre, A. Avelar, A. Castelo, I. Duarte, M. J. Freitas, J. Pascoal & J. Pinto (2016), Apresentação do Corpus de Português Língua Estrangeira/Língua Segunda – COPLÉ2. In A. Moreno; F. Silva & J. Veloso (orgs.). *Textos Selecionados do XXX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, nº1, Porto: APL/FLUP, 85-103.
- Lozano, C. & Mendikoetxea, A. (2013). Learner corpora and second language acquisition: the design and collection of CEDEL2. In A. Díaz-Negrillo; N. Ballier & P. Thompson (eds.). *Automatic Treatment and Analysis of Learner Corpus Data*. Amsterdam: John Benjamins, 65-100.
- Pesetsky, D. & E. Torrego (2004). Tense, case, and the nature of syntactic categories. In J. Guéron & J. Lecarme (eds.). *The Syntax of Time*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 495-537.
- Sun, C. (2006). *Chinese: a linguistic introduction*. Cambridge: CUP.
- Wu, Y. (2011). The interpretation of copular constructions in Chinese: Semantic underspecification and pragmatic enrichment. *Lingua* 121, 851-870.

## CAMILA ALMEIDA e ANTÔNIO CARVALHO

### Um estudo de alguns aspectos filológico e semântico-lexicológico da lexia CULPA em bandos Mato-Grossenses

**Resumo:** O bando é um gênero discursivo de cunho oficial e diplomático, uma ordem ou decreto assinado por um Governador e Capitão-general, autoridade representativa do rei que se destina ao povo, ocorreu tão somente no período colonial. Os três bandos selecionados para este trabalho foram expedidos pelo quarto Governador e Capitão-general da Capitania de Mato Grosso, Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, datados em 03.02.1773, 18.06.1773 e 18.09.1778. Para o desenvolvimento deste estudo, foram feitas as edições fac-similar e semidiplomática dos bandos, analisadas as obras lexicográficas Dicionário de Bluteau, Dicionário de Houaiss da Língua Portuguesa, Novo Aurélio do século XXI, Dicionário Jurídico de Guimarães, Enciclopedia do Advogado Soibelman. Por conseguinte desse procedimento, foi analisada a lexia culpa, tendo em vista a sua incisiva presença na sociedade contemporânea. Pretende-se neste estudo apresentar a analisar o léxico, apontando o vocabulário relacionado a área jurídica presentes no documento manuscrito, com as utilizadas atualmente nesse campo, a observar se há a manutenção, mudança de sentido, uso e/ou desuso. O referencial teórico-metodológico está pautado nos estudos filológicos de Spina (1977), Cambraia (2005) e Azevedo Filho (1987). Já para as considerações analíticas referentes ao léxico jurídico nos bandos, ampara-se nos estudos da lexicologia de Biderman (1981, 2001), e também da lexicografia, com consulta a dicionários especializados.

**Palavras-Chave:** Filologia; Lexicologia; Bandos.

#### Referências

- BELLOTO, Heloísa Liberalli. Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A ciência da Lexicografia. In.: Alfa, São Paulo, 28 (supl.) : 1-26, 1984.
- \_\_\_\_\_. Dimensões da palavra. Filologia e Linguística Portuguesa, n. 2. São Paulo: Humanitas, 1998. p. 81-118. \_\_\_\_\_. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, A. M. R R de; ISQUIERDO, A. N. (orgs.). As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2.ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.
- \_\_\_\_\_. O conhecimento, a terminologia e o dicionário. In.: Cienc. Cult. [online]. 2006, vol.58, n.2, pp. 35-37.
- BLUTEAU, Padre Raphael. Vocabulário portuguez e latino. Coimbra: Collegio das artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. 8v. Disponível em: <<http://de.bnportugal.pt/L2771-80/>> Acesso em 10 de mai. de 2017.
- CAMBRAIA, César Nardelli. Introdução à crítica textual. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DUBOIS, Jean et al. Dicionário de linguística. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1998 (Traduzido por Prof. Dr. Izidoro Blikstein et al.).
- FREYRE, Gilberto. Contribuição para uma sociologia da biografia: O exemplo de Luiz de Albuquerque governador de Mato Grosso no fim do século XVIII. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso, 1978.
- GUIMARÃES, Deocleciano Torrieri (org.). Dicionário técnico jurídico. São Paulo: Rideel, 1995.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. História geral da civilização brasileira. A época colonial: administração, economia, sociedade. 14. ed. V. 2. Tomo I. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- MELO, Gladstone Chaves de. Iniciação à filologia e à linguística portuguesa. 6. ed. rev. e melhor. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.
- SOIBELMAN, Leib. Enciclopédia do advogado. 3 ed.rev. e aum. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1981.
- SPINA, Segismundo. Introdução à edótica: Crítica textual. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Ars Poetica/Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- TRÍPOLI, César. História do direito brasileiro (ensaio). São Paulo: RT, 1936. I e II v.

## NAILIA BALDÉ

### Aquisição de interrogativas-wh múltiplas em L2 português por falantes de russo em contexto formal

O propósito deste trabalho surge da observação de que o Português e o Russo dispõem de estratégias diferentes para formar estruturas interrogativas-WH múltiplas (IWHM). O Português pertence ao grupo de línguas em que apenas um constituinte-WH pode ser movido para uma posição periférica pré-verbal (1). Por sua vez, em Russo, o recurso ao movimento de todos os constituintes-WH para o início da frase é obrigatório (2).

- (1) a. Quem escolheu o quê? Português  
 b. \* Quem o que escolheu?
- (2) a. Kto chto vibral? Russo  
 quemNOM. o queACC. escolheu  
 Quem escolheu o quê?  
 b. \* Kto vibral chto?  
 quemNOM. escolheu o quêACC.

Assim, verificando que as duas línguas partilham a estratégia de movimento de um constituinte-WH para a periferia esquerda da frase, observamos divergências quanto à posição de constituinte(s)-WH mais baixo(s). Para explicar a motivação para o movimento múltiplo em umas línguas e não em outras, adoto a hipótese de Cheng (1991), seguida por Zavitnevitch-Beaulak (2005), cuja proposta se baseia no facto de, em línguas diferentes, os constituintes interrogativos serem formados de modo diferente. Em particular, em Russo, os morfemas-WH terão natureza ambígua, e, portanto, serão movidos por razões de desambiguação. Por sua vez, em Português, em interrogativas-WH múltiplas padrão, os constituintes-WH não são ambíguos e a subida de um, e apenas um, constituinte-WH é necessária para a ativação do nó C por intermédio da verificação de traços [uwh/iQ], com conseqüente atribuição de clause type (The Clausal Typing Hypothesis de Cheng, 1991).

Tendo em conta a diferença na composição morfológica e realização sintática de constituintes-WH em Russo e em Português, e assumindo a hipótese de acesso total à GU, no sentido em que todos os traços que compõem determinadas categorias gramaticais realizadas em itens lexicais estão disponíveis na aquisição de L2, no âmbito da presente comunicação, pretende-se apresentar os dados de falantes não nativos de Português como L2, testando a hipótese de remapeamento de traços (Lardiere, 2000, 2007, 2008, 2009, e.o.). Serão discutidos os resultados obtidos através de uma tarefa de juízo de aceitabilidade de falantes de L2 de aquisição tardia (adult learners/late acquisition) em diferentes estádios de aquisição e inseridos em ambiente de aquisição formal (embora as estruturas em análise não sejam objeto de ensino explícito em contexto de aula). Apresentarei ainda os resultados de um grupo de controlo composto por falantes de Português como L1.

**Palavras-chave:** constituintes-WH múltiplos, movimento-WH, aquisição de L2 Português

**Referências**

- CHENG, Lisa Lai-Shen (1991). *On the typology of wh-questions*. Tese de Doutorado, Cambridge, Mass: MIT Press.
- LARDIERE, Donna (2000). Mapping features to forms in second language acquisition. In J. Archibald (Ed.), *Second language acquisition and linguistic theory*. Malden, MA: Blackwell, pp. 102-129.
- LARDIERE, Donna (2007). Acquiring (or assembling) functional categories in second language acquisition. In A. Belikova, L. Meroni, & M. Umeda (Eds.), *Proceedings of the 2nd Conference on Generative Approaches to Language Acquisition North America (GALANA)*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, pp. 233-244.
- LARDIERE, Donna (2008). Feature-Assembly in Second Language Acquisition. In J. Liceras, H. Zobl & H. Goodluck (Eds.), *The role of formal features in second language acquisition* New York: Lawrence Erlbaum Associates, pp. 106-140.
- LARDIERE, Donna (2009). Some thoughts on the contrastive analysis of features in second language acquisition. *Second Language Research* 25,2, pp. 173-227.
- ZAVITNEVICH-BEAULAC, Olga (2005). On Wh-movement and the Nature of Wh-Phrases – Case Re-Examined. *Skase Journal of Theoretical Linguistic*, 2(3): 75-100.

## PILAR BARBOSA

### Os infinitivos flexionados de “controle parcial” são casos de controle obrigatório?

#### Are “partial control” inflected infinitives obligatorily controlled?

**1. Goals** In recent years, it has been proposed that there are languages in which there are two kinds of obligatory control (OC), the familiar type of control that is attested in non-inflected, Caseless infinitives, and a new type of control, found in infinitives in which the null subject has Case (Modesto 2010, Sheehan 2014). The evidence comes from Portuguese, a language with two types of infinitives, inflected (cf. (1b)) and non-inflected (cf. (1a)):

- (1) a. A mãe convenceu as criançasi a [—]<sub>i</sub> **almoçar** mais cedo.  
the mother convinced the children to — have.lunch more early  
b. A mãe convenceu a criançasi a [— ]<sub>i</sub> **almoçarem** mais cedo].  
the mother convinced the children to [—] have.lunch.3PL more early  
'Their mother convinced the children to have lunch earlier.'

Modesto (2010), on the basis of Brazilian Portuguese (BP) and Sheehan (2014), based on data from European Portuguese (EP), argue that the (a) and (b) examples in (1) are instances of OC. The arguments given in favor of OC I-infinitives come from so-called *partial control* examples such as (2):

- (2) a. Eu preferia /prometi reunirmo-nos mais tarde. /  
I would.prefer/promised to.gather.1PL-ourselves more late  
'I would prefer/promised to meet later'  
b. Convenci a professora a reunirmo-nos mais tarde.  
Convinced.1SG the teacher to gather.1PL-ourselves more late  
'I convinced the teacher to meet later'

On the other hand, it has been known at least since Pires (2006) that non-inflected infinitives differ from inflected infinitives (I-infinitives) in crucial ways. So, for example, while inflected infinitives may take split antecedents (cf. (3a)), non inflected infinitives cannot (cf. (3b)):

- (3) a. O Pedro convenceu a Maria a **irem** morar juntos.  
the Pedro convinced the Maria to go.3PL live together  
b. \*O Pedro convenceu a Maria a ir morar juntos  
the Pedro convinced the Maria to go live together  
'Pedro convinced Maria to live together'

This contrast is expected under the assumption that (3b) is a case of OC while (3a) contains a *pro* subject and is not a case of OC. Under the proposal that (3a) is an instance of OC the contrast between (3a) and (3b) is particularly puzzling, as it would entail that there are two distinct types of OC, a nontrivial conclusion. For this reason, we believe this claim should be carefully scrutinized. This talk will examine the arguments given in favor of the claim that examples such as (3a) are instances of OC and it will argue that there are no reasons to posit this new kind of OC, at least not on the basis of EP. The cases that fall under this new species of OC can all be explained as instances of (accidental) coreference.

**2. Empirical Arguments** Modesto (2010) and Sheehan (2014) claim that an I-infinitive embedded under *prometer* 'promise', *preferir* 'prefer' or *convencer* 'convince' cannot have a subject with independent reference. This claim, however, is not confirmed either by native speaker intuitions or by naturally occurring data. (4), containing an embedded subject with independent reference, is perfectly grammatical:

- (4) [O diretor do departamento]<sub>i</sub> convenceu [a presidente do Conselho]<sub>k</sub> a fazermos a reunião sem eles<sub>i+k</sub>  
 the head of.the department convinced the president of.the Counsel to have.1PL the meeting without them  
 'The head of the department convinced the president of the Counsel that we have the meeting without them.'

Moreover, a quick search on the web retrieves a number of examples containing the verbs under discussion and an inflected infinitive with a subject with independent reference both in BP and in EP. Here we quote an example from BP, but similar examples can be found in EP:

- (5) Sobre as obras da Etec de Itaquera, Alckmin prometeu estarem prontas em três meses,  
 about the works of.the Etec of Itaquera, Alckmin promised to.be.3PL ready in three months ...  
 'Concerning the works of Etec of Itaquera, Alckmin promised that they would be ready in three months...'

Further arguments against an OC analysis of I-infinitives include the following facts:

I. While a non-inflected infinitive doesn't allow for a strict reading under ellipsis, an I-infinitive does:

- (6) a. A secretária prometeu telefonar às 10 e a Maria também prometeu. *Sloppy only*  
 the secretary promised t o.call at.the 10 and the Maria also promised  
 b. A secretária prometeu sermos atendidos às 10 e a médica também prometeu. *Strict only*  
 the secretary promised to.be.1PL received at.the 10 and the doctor also promised  
 'The secretary promised that we would be received at 10 and the doctor also promised.'

II. While a non-inflected infinitive doesn't allow for a long distance construal, an inflected infinitive does:

- (6) Elesi disseram-me que o médicok prometeu não [—]<sub>i</sub> sentir\*(em) nada.  
they told-me that the doctor promised not to.feel.3PL nothing.  
'They told me that the doctor promised that they wouldn't feel anything.'

III. C-command is not required with an I-infinitive:

- (7) O professor convenceu a mãe das criançasi a [—]<sub>i</sub> serem autorizadas a ir à visita de estudo.  
the teacher convinced the mother of.the children to be.3PL allowed to go to.the trip of study  
'The teacher convinced the children's mother that they would be allowed to go to the field trip.'

**3. Analysis** Sheehan (2017) proposes that non-inflected OC infinitives are derived by movement (cf. Hornstein 1999), while OC I-infinitives are derived under *Agree*, established between a thematic head in the matrix with a  $[D: ]^{EPP}$  feature and *pro* raised to the edge of the embedded CP. *pro* has Case, so it is inactive, but it can agree with the thematic head, valuing  $[D: ]^{EPP}$ . Improper movement, however, prevents it from A-moving to satisfy the associated EPP feature. Consequently, another DP ( $DP_2$ ) is merged in the Spec of the thematic head in the matrix. Thus, at the C-I interface, the thematic head is associated with two distinct arguments: its  $[D: ]^{EPP}$  feature has been valued by embedded *pro*<sub>1</sub>, whereas  $DP_2$  occupies its thematic Spec position. This gives rise to OC: the fact that the same thematic head is connected with two distinct arguments imposes a requirement that *pro*<sub>1</sub> must not be distinct from  $DP_2$ , so either  $1=2$  (exhaustive control) or  $1<2$  (partial control).

One intriguing feature of this system, however, is that the *Agree* relation in question appears to be indifferent to phi-features. In effect, the person feature of *pro* can differ from that of its "controller":

- (8) Preferes reunirmo-nos mais tarde?  
prefer.2SG to.meet.1PL-us more late 'Would you prefer to meet later?'

Sheehan (2017) claims that this follows under the assumption that  $[D: ]^{EPP}$  probes for a referential index and nothing else. However, by definition, *Agree* is phi-feature matching (where match = nondistinctness of features), so if *Agree* is the relevant relation, it should fail in (8). On the other hand, the one relation that is sensitive to referentiality is coreference. That coreference (rather than *Agree*) is the relevant notion in these cases is confirmed by the fact that  $DP_2$  cannot be a nonreferential QP:

- (9) \*Nenhum aluno prometeu reunirem-se às 10.  
no student promised to-meet.3PL-SE at.the 10.

Nonreferential QPs are notoriously known for not being capable of participating in coreference relations, so the contrast between (8) and (9) can be accounted for under the assumption that the relation that is established between *pro* and the antecedent in the matrix is one of coreference. Sheehan's (in press) explanation for the ungrammaticality of (9) is that negative QPs lack an index; therefore, they cannot value  $[D: ]^{EPP}$ . The problem with this account, however, is that negative QPs can bind *pro*:

(10) Nenhum aluno prometeu que *pro viria*. 'No student promised that he would come.'

Since variable binding, by definition, entails coindexing, the negative QP must be able to bear an index. Thus, Sheehan's explanation for the ungrammaticality of (9) is untenable. On the coreference (or overlapping reference) account, the contrast between (8) and (9) follows naturally. We thus conclude that the idea that there are two distinct kinds of OC is problematic both on empirical and conceptual grounds.

### References:

- Modesto, Marcello (2010) What Brazilian Portuguese says about control: remarks on Boeckx & Hornstein. *Syntax* 13 (1): 78-96.
- Pires, Acrísio (2006). The minimalist syntax of defective domains: Gerunds and infinitives. Amsterdam: John Benjamins.
- Sheehan, Michelle (2014) Portuguese, Russian and the theory of control. In H. Huang, E. Poole & A. Rysling (eds.), *Proceedings of the 43rd Annual Meeting of the Northeast Linguistics Society* 43-2, 115-126. Amherst: GLSA.
- Sheehan, Michelle (in press) On the difference between exhaustive and partial control. A. Gonçalves & A. L. Santos (eds.) *Complement clauses in Portuguese: syntax and acquisition*. Amsterdam: John Benjamins.

## PILAR BARBOSA, MARIA do CARMO LOURENÇO e SÍLVIA ARAÚJO

### Dependências múltiplas na periferia esquerda

#### Multiple dependencies in the left-periphery: a case for nesting over crossing

**1. GOALS** It has often been observed that Clitic Left Dislocation (CLLD) in Romance yields deviant results when embedded under the domain of *wh*-movement (compare the European Portuguese (EP) example (1a) with (1b)). According to Duarte 1997, however, examples such as (1b) improve when the clitic is absent (cf. (2), a case of simple Topicalization). One other relevant observation is that the degree of acceptability of these structures depends on the height of the base position associated with the topic (Barbosa 2005). Thus, there is a contrast between high dative EXPERIENCERS (3b) and lower datives (3b) regardless of the presence of the clitic. These observations, however, have never been checked against a sufficiently large pool of native speaker informants. In the present study, we report on a series of acceptability judgement tasks designed to determine the extent to which such structures with multiple dependencies are accepted by native speakers and the factors that contribute to improved acceptability.

#### 2. THE STUDIES

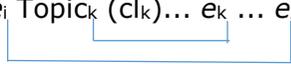
**2.1 STUDY 1** The first study aimed to determine the role of two independent factors: (i) the height of the base position associated with the topic; (ii) presence *versus* absence of the resumptive clitic. 64 native speakers of EP participated in the study (average age 21,6; SD=6,80). The experimental items consisted of relative clauses containing a left-dislocated/topicalized phrase, as in (3a,b). All of the testitems contained Dative topics, evenly divided in two conditions: high EXPERIENCERS (as in (3a)) and low GOALS (as in (3b)). Presence *versus* absence of the resumptive clitic was another factor manipulated in the experimental design so that half of the sentences of each of the two conditions (EXPERIENCER and GOAL) contained a clitic and the other half didn't. Subjects were asked to rate each sentence using a 7-point Likert scale. An exploratory analysis was conducted using the package ezANOVA (*mixed models*). The analysis revealed a significant main effect of the factor "Theta-role" ( $F(1,62) = 92,2$   $p < 0,000001$ ) but no significant effect of the factor "Clitic" ( $F(1,62) = 0,034$   $p < 0,853963$ ). In sum, the basis for the contrast between (3a) and (3b) is empirically confirmed.

**2.2. DISCUSSION** (3a,b) differ from each other in the way the scopes of the the *wh*-item and the topic interact. Schematically, (3a) corresponds to the structure in (4a) and (3b), to the structure in (4b). While (4a) involves nested dependencies, (4b) involves crossing dependencies. Interestingly, nested dependencies have been argued to be favored over crossing dependencies quite generally (cf. Fodor's 1978 *Nested Dependency Constraint* – NDC). In order to verify whether the NDC is indeed operative in these structures, a second grammaticality judgement task was designed.

**2.3. STUDY 2** The experimental items in this study consisted again in relative clauses containing topicalization/left-dislocation constructions. This time, however, the function of the topic was held constant and we manipulated the height of the base position of the relative operator (subject *versus* low dative, cf. (5-6)). Each condition corresponded to a different pattern of scope interaction: nesting (cf. (6b)) *versus* crossing (cf. (5b)). Presence *versus* absence of the resumptive clitic was also manipulated in the experimental design: half of the sentences of each of the two conditions (*Wh*subject *versus Wh*-dative) contained a clitic and the other half didn't. Subjects were asked to rate each sentence using a 7-point Likert scale. Again, an exploratory analysis was conducted using the

package ezANOVA (*within-groups*). Two factors with two levels each were considered ("Function": *Whsubject* e *Wh-dative*; "Clitic": *with and without a clitic*). The analysis reveals a significant effect of the factors "Function" ( $F(1,59) = 21,4$   $p < 0,000021$   $SS=25,13$   $MSe=1,17$ ) and "Clitic" ( $F(1,59) = 10,6$   $p < 0,001846$   $SS=7,00$   $MSe=0,66$ ). Table 1 shows the mean and Standard Deviation (SD) values. These results indicate that intersecting paths contribute to lower acceptability rates and so does the presence of the resumptive clitic.

**3. FINAL DISCUSSION** The results obtained in the two studies support the view that the NDC is operative thus confirming its generality (Steedman 2009). As for the role of the clitic, it is not entirely clear why its presence contributes to lower acceptability rates. Yet another aspect that is worth mentioning is that speakers considerably differ from one another in the ratings attributed to these sentences. This may suggest that the acceptability rates found are due to processing factors. In order to assess the way these constructions are processed in real time, a self-paced reading version of Study 2 is currently under way. Results will be reported in the talk.

- (1) a. Não sei se, este livro, **o** vou dar à Maria.  
not know if this book it will.1sg give to.the M.  
'I don't know if, this book, I'll give it to Maria'  
b. \*/??? Não sei a quem, este livro, **o** vou oferecer.  
not know to whom this book it will.1sg give
- (2) ?Não sei ainda a quem, este livro, vou oferecer [—]  
not know yet to whom this book will.1SG offer  
I don't know to whom, this book, I will offer [—].'
- (3) a. Vi hoje a casa que<sub>i</sub>, à Maria<sub>k</sub>, mais **(lhe<sub>k</sub>)** convém e<sub>k</sub> comprar e<sub>i</sub>.  
saw.1SG today the house that to.the Maria, more (CL.DAT.3FSG) is.convenient to-buy  
'Today I saw the house that suits Mary the best'.  
b. \* Já li o livro que<sub>i</sub>, à Maria<sub>j</sub>, **(lhe<sub>j</sub>)** ofereceu e<sub>i</sub> e<sub>j</sub> ontem o João.  
already read.1SG the book that to.the Maria CL.DAT.3SG offered yesterday the J.
- (4) a. que<sub>i</sub> Topic<sub>k</sub> (cl<sub>k</sub>)... e<sub>k</sub> ... e<sub>i</sub>  

- b. que<sub>i</sub> Topic<sub>k</sub> (cl<sub>k</sub>)... e<sub>i</sub> ... e<sub>k</sub>  


(5) WH-SUBJECT

- a. Esse é o editor que<sub>i</sub>, os teus artigos<sub>k</sub>, nunca (os<sub>k</sub>) quis e<sub>i</sub> publicar e<sub>k</sub> nessa revista.  
 that is the editor that the your articles never (them) wanted to.publish in.that journal.  
 'That is the editor that, your article, never wanted to publish in that journal'

- b. . . . que<sub>i</sub> os teus artigos<sub>k</sub> (cl<sub>k</sub>)... e<sub>i</sub> quis publicar e<sub>k</sub> na revista



(6) WH-DATIVE

- a. Esse é o revisor a quem, os teus textos, já (os) tentei enviar várias vezes.  
 that is the referee to whom the your texts already (them) tried to.send several times  
 'That is the referee who, your texts, I have already tried to send to several times.'

- b. ... a quem<sub>i</sub> os teus artigos<sub>k</sub> (cl<sub>k</sub>)... tentei enviar e<sub>k</sub> ... e<sub>i</sub>



Table 1 – Study 2 – Mean and Standard Deviation

Function	Clitic	Mean	SD
		WH-SUBJECT	with clitic
WH-SUBJECT	without clitic	2,93	0,67
WH-DATIVE	with clitic	3,23	0,76
WH-DATIVE	without clitic	3,59	0,77

SD = Standard Deviation

## References

- Barbosa, P. (2006). 'Minimalidade e Predicação'. In Fátima Oliveira e Joaquim Barbosa (orgs.), *XXI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística. Textos seleccionados*, pp. 183-201.
- Duarte, I. (1987). *A construção de Topicalização na Gramática do Português: Regência, Ligação e Condições sobre Movimento*. Dissertação de doutoramento. Universidade de Lisboa.
- Duarte, I. (1997) Ordem de Palavras e Estrutura Discursiva. In A. M. Brito, F. Oliveira, I. Pires de Lima & R. M. Martelo (orgs.), *Sentido que a Vida Faz – Estudos para Oscar Lopes*. Porto: Campo das Letras.
- Fodor, J. D. (1978). "Parsing strategies and constraints on transformations ." *Linguistic inquiry*, 9(3), Summer 1978, 427-473.
- Steedman, M. (2009). On the generality of the nested-dependency constraint and the reason for an exception in Dutch. *Linguistics*, 21(1), pp. 35-66.

## NÁDIA BARROS e SÓNIA FROTA

### Fraseamento prosódico em variedades do PE

Estudos sobre o fraseamento prosódico e entoacional nas línguas românicas e suas variedades apontam para a existência de variação, nomeadamente nos padrões de fraseamento em frases com a estrutura Sujeito (S), Verbo (V) e Objeto (O), assim como diferenças nos fatores sintáticos e prosódicos que afetam o fraseamento (Cruz 2013; D'Imperio et al. 2005; Elordieta et al. 2005; Frota 2000, 2014; entre outros). A partir de estudos prévios sobre o fraseamento prosódico e entoacional no Português Europeu (PE) (Barros 2014; Barros & Frota 2015; Cruz 2013; Frota 2000, 2014; Frota & Vigário 2007; Vigário & Frota 2003), bem como de estudos comparativos entre o Português e outras línguas Românicas (D'Imperio et al. 2005; Elordieta et al. 2003, 2005; entre outros), este estudo pretende caracterizar variedades Setentrionais e Centro-Meridionais do Português Europeu que não foram estudadas, até ao momento, quanto ao fraseamento prosódico.

O presente estudo, que se integra num projeto de Doutoramento financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, está a ser desenvolvido no âmbito do projeto *InAPoP* – Atlas Interactivo da Prosódia do Português. Os dados em análise foram recolhidos *in loco*, seguindo a metodologia e tarefas do *InAPoP*, e incluem dados de cinco regiões: Porto e Braga, variedades Setentrionais; Coimbra, Castelo Branco e Évora, variedades Centro-Meridionais. O corpus de leitura é composto por 76 enunciados declarativos neutros, em que a complexidade sintática e prosódica (constituintes ramificados/não-ramificados), bem como a extensão em número de sílabas, foram variáveis controladas. O corpus foi desenhado e utilizado previamente para o estudo do fraseamento prosódico nas línguas Românicas e suas variedades (D'Imperio et al. 2005; Elordieta et al. 2003, 2005; Frota & Vigário, 2007; Vigário & Frota 2003). As produções analisadas resultam da leitura de falantes nativas de cada região, do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 20 e os 45 anos de idade. Os dados foram submetidos a uma análise prosódica e entoacional, dentro do quadro da Fonologia Prosódica e do modelo Métrico-Autossegmental da Fonologia Entoacional (Nespor & Vogel 2007; Ladd 2008; Frota 2000, 2014; entre outros), e analisados em *Praat* (Boersma & Weenink 2013), onde foi feita a anotação dos contornos nucleares e dos constituintes prosódicos, de acordo com o P-ToBI (Frota et al. 2015), num total de 1520 enunciados.

Os resultados preliminares confirmam resultados reportados anteriormente para o PE, quanto à presença de variação no fraseamento prosódico: a ramificação e a extensão dos constituintes têm um peso diferente no fraseamento de enunciados com a estrutura SVO, sendo (S)(VO) o padrão mais frequente nas variedades Setentrionais e Centro-Meridionais aqui estudadas (Fig.1), e (SVO) o padrão mais frequente no Português Europeu Padrão (SEP, falado em Lisboa) e no Algarve (Cruz 2013; Frota 2000, 2014). Por outro lado, as variedades do PE parecem não apresentar diferenças quanto ao tipo de pistas utilizadas para a marcação de fronteiras prosódicas, sendo os sintagmas entoacionais internos marcados por um tom de fronteira alto (H%), com ou sem inserção de pausa, e o limite do sintagma entoacional final apresentando a configuração nuclear H+L\* L%, a mais frequente nas declarativas neutras (Frota 2014). A investigação, ainda em curso, contribui, assim, para estender a base empírica e aprofundar o conhecimento da variação prosódica no PE e da tipologia dos padrões de fraseamento prosódico nas línguas Românicas.

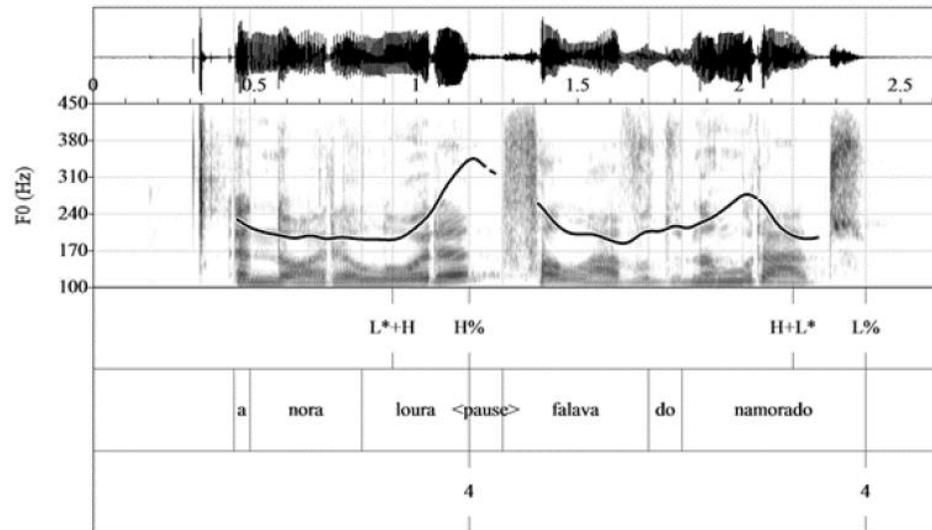


Figura 1. Contorno entoacional do enunciado *A nora loura falava do namorado*, padrão (S)(VO), produzido por falante de Castelo Branco.

### Referências selecionadas

- Barros, N. (2014). *Fraseamento prosódico em Português: Uma análise entoacional de construções parentéticas e tópicos em duas variedades do Português Europeu* (Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal).
- Barros, N., & Frota, S. (2015). Prosodic phrasing in parentheticals and topics across varieties of European Portuguese. In The Scottish Consortium for ICPHS 2015 (Ed.), *Proceedings of the 18th International Congress of Phonetic Sciences*. Glasgow, UK: the University of Glasgow. ISBN 9780852619414.
- Boersma, P., & Weenink, D. (2013). *Praat: Doing phonetics by computer* (Version 5.3.41).
- Cruz, M. (2013). *Prosodic variation in European Portuguese: Phrasing, intonation and rhythm in central-southern varieties* (Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal).
- D'Imperio, M., Elordieta, G., Frota, S., Prieto, P., & Vigário, M. (2005). Intonational phrasing in Romance: The role of syntactic and prosodic structure. In S. Frota, M. Vigário, & M. J. Freitas (Eds.), *Prosodies* (pp. 59–97). Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Elordieta, G., Frota, S., & Vigário, M. (2005). Subjects, objects and intonational phrasing in Spanish and Portuguese. *Studia Linguistica*, 59 (23), 110-143.
- Frota, S. (2014). The intonational phonology of European Portuguese. In S.A. Jun (Ed.), *Prosodic Typology II* (pp. 6-42). Oxford: Oxford University Press.
- Frota, S. (Coord.) (2012-2015). *InAPoP - Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese* (Financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, PTDC/CLELIN/119787/2010) [<http://labfon.letras.ulisboa.pt/InAPoP/>].
- Frota, S., & Vigário, M. (2007). Intonational phrasing in two varieties of European Portuguese. In T. Riad, & C. Gussenhoven (Eds.), *Tones and Tunes* (Vol. 1, pp.265-291). Berlin: Mouton de Gruyter.
- Frota, S., Oliveira, P., Cruz, M., & Vigário, M. (2015). *P-ToBI: Tools for the transcription of Portuguese prosody*. Lisboa: Laboratório de Fonética, CLUL/FLUL. ISBN: 978-989-95713-9-6. [<http://labfon.letras.ulisboa.pt/InAPoP/PToBI/>]
- Ladd, R. (2008). *Intonational Phonology* (2ª ed.). Cambridge: Cambridge University Press.
- Nespor, M., & Vogel, I. (2007). *Prosodic phonology: With a new foreword*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Vigário, M., & Frota, S. (2003). The intonation of Standard and Northern European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 2 (2), 115-137.

## SÍLVIA FIGUEIREDO BRANDÃO e ALESSANDRA DE PAULA

### Róticos no português falado em Moçambique

Este estudo insere-se no Projeto Três variedades urbanas do Português em contraste, que objetiva analisar fenômenos variáveis que se observam no Português de São Tomé (PST) e no Português de Moçambique (PM) em contraste com o Português do Brasil (PB). Parte-se da hipótese de Petter (2015, entre outros), que considera a existência de um continuum afro-brasileiro, também no que tange a fenômenos fonético-fonológicos.

Estudos sobre o PST (Brandão, 2016, entre outros) demonstram que, nessa variedade, há significativa instabilidade na produção dos róticos, não havendo convergência de normas em relação ao PE, que lhe serve de referência. Tal fato decorreria da situação multilinguística que caracteriza a área e, em especial, da influência do Forro, o crioulo considerado a “língua nacional”.

A escolha da variedade urbana do PM, foco da pesquisa que ora se apresenta, leva em conta que, contrariamente ao que ocorre em São Tomé (em que o Português é a L1 de 98,4% da população), em Moçambique, o quadro de falantes do Português é reduzido: apenas 6,5% da população o têm como L1, embora seja ela a língua oficial; (b) a comunidade moçambicana de falantes de Português constituiu-se muito recentemente, tendo sido praticamente nula a difusão desta língua durante os primeiros quatro séculos de colonização; (c) coexistem com o Português, de estatuto minoritário, diversas línguas Bantu, também minoritárias; (d) a grande maioria dos falantes de Português concentra-se nas áreas urbanas (72,4%) pelo fato de nelas existir maior acesso à educação formal; (e) os falantes de Português L1 predominam entre os mais jovens, decrescendo seu número entre os de mais de 50 anos (Gonçalves, 2010: 26-35).

Analisa-se o chamado R forte nos contextos (1) pré-vocálico (a) inicial de vocábulo – como em roça, regra – e (b) intervocálico – como em corrida, terra; e (2) pós-vocálico (a) interno – como em parte, corta – e (b) externo – como em correr, flor, qualquer. As análises, realizadas à luz da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich; Labov; Herzog, 1968), baseiam-se em dados selecionados de entrevistas com indivíduos distribuídos por sexo, faixa etária e nível de escolaridade. Controlaram-se variáveis de cunho estrutural e social. Os dados demonstram que o tepe predomina em todos os referidos contextos, secundado pela vibrante alveolar nos contextos pré-vocálicos, e que é pouco significativa a não concretização do R em contexto pós-vocálico externo. Fatores de natureza social são relevantes para a definição desse quadro.

#### Referências:

- BRANDÃO, S. F. Aspectos da variedade urbana do Português de São Tomé: resultados e metas de pesquisa. In: AGUILERA, V. A.; DOIRON, M.P. B. (Orgs.) *Estudos geossociolinguísticos brasileiros e europeus: uma homenagem a Michel Contini*. Cascavel/Londrina: EDUNIOESTE/EDUEL, 2016. p. 67-88.
- GONÇALVES, P. *A gênese do Português de Moçambique*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010.
- PETTER, M. M. T. Ampliando a investigação do continuum afro-brasileiro de português. *PAPIA*, São Paulo, 25(2): 305-317, 2015.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of linguistic change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (orgs.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.

## ANA MARIA BRITO e GABRIELA MATOS

### Relativas livres e interrogativas parciais: paralelos e diferenças.

Vários estudos têm salientado a proximidade de frases como (1), (2) e (3), em que a oração subordinada pode ser uma interrogativa parcial, como em (1) e (2) ou uma relativa livre, como em (3). Uma propriedade é comum aos exemplos (1), (2) e (3): em todos opera o movimento-*wh*, que coloca numa posição inicial da oração encaixada o constituinte *o que*, parecendo que em qualquer caso estamos perante subordinação argumental finita, em que a frase é complemento do verbo da frase subordinante. No entanto, tem sido destacado para várias línguas que estas frases têm um comportamento diverso (para o português, veja-se Brito 1991, Brito & Duarte 2003, Mória 1996, Veloso 2013): (i) as interrogativas subordinadas requerem tipicamente um predicado superior de inquirição ou desconhecimento (1) e (2); o mesmo não acontece com as relativas livres (3)); (ii) as interrogativas subordinadas, mas não as relativas livres, admitem a aproximação a “*se+oração (sem sintagma-wh)*” (4)-(5); (iii) a substituição por um sintagma de natureza nominal é muito mais restringida nas interrogativas subordinadas do que nas relativas livres (6)-(7)); (iv) as interrogativas subordinadas, ao contrário das relativas livres no português padrão, ocorrem com *é que*, (8)-(9); (v) as interrogativas subordinadas, diferentemente das relativas livres, não apresentam efeitos de ilha quando há extração de um constituinte da subordinada (10)-(11).

Para captar diferenças de comportamento como as explicitadas, na Gramática Generativa pré-minimalista, propôs-se que nas interrogativas indiretas o complemento selecionado é CP (12), mas nas relativas livres é um DP que contém o CP, havendo uma camada nominal suplementar neste último caso (13).

Porém, esta análise pode ser repensada no quadro Minimalista atual (Chomsky 2008, 2013, 2015), em que a Teoria X-barra foi eliminada e a operação de compor (*merge*) constrói a estrutura hierárquica e dá conta do movimento de constituintes (*external merge*, *internal merge*). Para a Estrutura Sintagmática Nua, não há distinção intrínseca entre núcleos e sintagmas, a não ser pela posição que ocupam relativamente ao núcleo que atribui a etiqueta à estrutura formada por Compor. A ambiguidade categorial do complemento selecionado pelo verbo em (16) pode ser atribuída ao facto de a estrutura subordinada poder herdar tanto de C<sub>int</sub> como de D<sub>wh</sub> a sua etiqueta. No primeiro caso, ocorreria um C(P) interrogativo e *o que* seria interpretado como sintagma, (16a); no segundo caso, *o que* seria o núcleo D<sub>wh</sub> e a sua etiqueta seria transmitida, (16b), originando uma relativa livre, (14)-(15). Ceccheto & Donati (2010), Donati & Ceccheto (2011) propõem uma análise nestes termos para as palavras-*wh* (*what*, *whom*, etc.) do inglês.

A questão é saber se no português *o que*, *quem* e formas do mesmo tipo são, de facto, núcleos (que, consoante transmitam ou não a sua etiqueta à estrutura, são interpretados como núcleo ou como sintagma) ou se contam como sintagmas, i.e. objetos sintáticos compostos. O contraste entre (3) e (17) sugere que tais formas têm estatuto de núcleo, por oposição ao sintagma-*wh que trabalhos*, que é excluído da relativa livre, embora aceite na interrogativa subordinada, (18). Num quadro pré-minimalista, Ambar (1992), embora referindo que tais formas são palavras *wh* simples, assume que são sintagmas que têm um núcleo vazio, com os traços [±humano,...] (ver (19)), e que tal núcleo vazio tem de ser regido, motivando movimento do verbo para C, (20). Esse movimento não seria necessário se estivermos sintagmas *wh* explícitos (*D-linked*), (21).

No quadro minimalista é possível uma análise alternativa. Admitimos que *o que* é um núcleo D<sub>wh</sub> que resulta da incorporação (*merge*) com um núcleo nominal com os traços [N -hum], (22); no entanto, sendo um núcleo, pode ser interpretado como núcleo ou

como sintagma. O movimento do verbo nas interrogativas independentes em (20a) decorrerá da necessidade de marcar C como núcleo para que este possa transmitir a sua etiqueta C à frase interrogativa, (23). No caso das relativas livres ou interrogativas parciais subordinadas, a natureza D(P) ou C(P) do constituinte é sancionada(determinada) pela seleção categorial do predicado superior.

### Exemplos

- (1) Não sei o que fizeste.
- (2) Pergunto/ignoro o que fizeste.
- (3) Admiro o que fizeste.
- (4) Pergunto/ignoro se fizeste isso.
- (5) \*Admiro se fizeste isso.
- (6) Pergunto/ignoro {√ isso/\*/?essa questão/\*/?essa atitude/\*essa causa}
- (7) Admiro {√ isso /√ essa atitude/ √essa causa /?essa questão}
- (8) Pergunto/ignoro o que é que fizeste
- (9) \*Admiro o que é que fizeste.
- (10) Este é o livro que o professor não sabe quem leu. (Móia 1996)
- (11) \* Este é o livro que o professor elogiou quem leu. (Móia 1996)
- (12) ... [CP o que<sub>i</sub>[C'[C +wh / +int] [IP ... t<sub>i</sub> ...]]]
- (13) ... [DP e [CP o que<sub>i</sub> [C'[C +wh/ - int] [IP ... t<sub>i</sub> ...]]]]]
- (14) ... [C o que [C][T ... o que ...]]
- (15) ... [D[D o que][C [T ... o que ...]]
- (16) a. ....V [C o que fizeste] / b. ....V [D o que fizeste]
- (17) \*Admiro que trabalho fizeste.
- (18) Pergunto/ignoro que trabalho fizeste.
- (19) o que: [whP o que[ - , <-hum> ] ]
- (20) a. [CPO que [C fez] a criança ]?  
b. \*O que a criança fez?
- (21) Que disparates a criança fez?
- (22) [Dwh [-hum [Dwho\_que]] [-hum]]
- (23) [C(P)int [o\_que] Cint [T(P) ]

### Referências:

- Ambar, M. (1992) *Para uma Sintaxe da Inversão Sujeito Verbo em Português*. Lisboa: Edições Colibri.
- Brito, A. M. (1991) *A sintaxe das orações relativas em Português. Estrutura, mecanismos interpretativos e condições sobre a distribuição dos morfemas relativos*. Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de Linguística da Universidade do Porto. Porto.
- Brito, A. M. & Duarte, I. (2003) Oração relativas e construções aparentadas. In Mateus, M. H. et al. (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*, 6ª ed., Lisboa: Caminho, 675 – 684.

- Chomsky, N. (2008). On phases. In Freidin, R., Otero, C. & Maria-Luisa Zubizarreta, M. L. (eds.) *Foundational Issues in Linguistic Theory*, Cambridge, MA: MIT Press.
- Chomsky, Noam. (2013) Problems of Projection. In *Lingua*, 130, Special Issue "Core Ideas and Results in Syntax". 33-49.
- Cecchetto, C. & Donati, C. (2010) On labeling: Principle C and head movement, *Syntax*, 2010, DOI: 10.1111/j.1467-9612.2010.00140.x
- Donati, C. & C. Cecchetto 2011. Relabeling heads. A unified account for relativization structures. *Linguistic Inquiry*, 42:4, 519-560.
- Móia, T. (1996) A sintaxe das orações relativas sem antecedente expresso do Português. In. Gonçalves, A. & Colaço, M. & Miguel, M. & Móia, T. 1996. *Quatro estudos em sintaxe do Português. Uma abordagem segundo a teoria dos princípios e parâmetros*. Lisboa: Edições Colibri. 149-188.
- Veloso, R. (2013). Subordinação relativa. In. Raposo, E.P. et al. 2013. *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Vol. II: 2061 – 2134.

## VERA CABARRÃO, FERNANDO BATISTA, HELENA MONZ, ISABEL TRANCOSO e ANA ISABEL MATA

### Adaptação acústica prosódica entre falantes

O presente estudo analisa a adaptação acústico-prosódica entre falantes em diálogos espontâneos em Português Europeu (PE). O principal objectivo deste trabalho é a análise de semelhanças acústico--prosódicas entre falantes, nomeadamente observar se há evidências de adaptação nos diálogos, se essa adaptação tem diferentes graus relacionados com o comportamento acústico-prosódico partilhado pelos falantes, se depende do papel desempenhado pelos falantes no diálogo (dador ou seguidor) e, finalmente, se estes mostram tendência para se adaptar a determinados interlocutores independentemente do papel que desempenham.

A adaptação entre falantes, também designada por *entrainment* ou acomodação, tem sido descrita como a capacidade partilhada pelos seres humanos de ajustar o seu comportamento e discurso ao do seu interlocutor (Benus, 2014; Brennan *et al.*, 1996). Esta estratégia tem sido estudada sob diversas perspectivas, quer para compreender quais os mecanismos linguísticos, por exemplo, a nível acústico--prosódico (Gravano *et al.*, 2014; Levitan e Hirschberg, 2011; Levitan, 2014), lexical e sintático (Lopes *et al.*, 2013; Nenkova *et al.*, 2008; Pardo, 2006), psicológicos e sociais (Benus, 2014) que a motivam, quer para replicar este comportamento tipicamente humano em sistemas de diálogo automáticos (Levitan, 2014). Apesar de bastante estudado em línguas como o Inglês ou Mandarim, em PE, este tópico só agora começa a ser alvo de análise.

Neste trabalho, foi usado um conjunto de diálogos do *corpus* CORAL (Trancoso *et al.*, 1998, ISLRN 499-311-025-331-2), nomeadamente 48 diálogos entre 24 falantes (12 homens e 12 mulheres). O grau de familiaridade entre interlocutores varia desde pares que não se conhecem a um par de gémeas idênticas. Todos os falantes desempenham o papel de dador e de seguidor duas vezes com interlocutores diferentes, o que permite observar se os falantes se comportam de modo distinto de acordo com o papel e/ou com o interlocutor.

Para medir a adaptação entre falantes ao nível do diálogo (*global entrainment*), foram usados dois grupos de pistas acústico-prosódicas: as *knowledge-based* (Moniz *et al.*, 2014), pistas que já provaram ter impacto neste tipo de tarefas (*e.g.*, duração, *pitch* ( $f_0$ ), energia, medidas de articulação de fala), e as eGeMAPS (*Extended Geneva Minimalistic Acoustic Parameters for Voice Research and Affective Computing*, Eyben *et al.*, 2016), pistas adotadas em tarefas paralinguísticas. Com base nestas medidas, e seguindo o trabalho de Levitan e Hirschberg (2011) e Levitan (2014), foi calculada a semelhança entre falantes num mesmo diálogo (pares de falantes), a semelhança entre falantes que não participam no mesmo diálogo (não-pares) e a semelhança entre um mesmo falante em diálogos diferentes.

Os resultados mostram evidências de adaptação entre pares de falantes ao nível de *pitch*, energia, medidas de tempo e de qualidade de voz, ainda que esta seja expressa em diferentes graus, pois os falantes não se adaptam com os mesmos pares e nas mesmas pistas. Quando ambos os falantes são mulheres, há mais adaptação independentemente do papel desempenhado, tendência seguida pelos pares em que ambos são homens e, por fim, pelos pares mistos. Os resultados mostram ainda que os falantes se assemelham mais a nível acústico-prosódico, em pistas como máximo, mínimo, média e mediana de  $f_0$  e de energia, bem como nos parâmetros

de qualidade de voz, aos seus interlocutores do que aos não--interlocutores, ou seja, falantes com quem não interagem. Ainda assim, os falantes demonstram ser mais semelhantes ao seu próprio discurso em diferentes diálogos do que aos seus interlocutores em praticamente todas as pistas analisadas. Ao desempenhar o papel de dador, os falantes mostram ser consistentes num conjunto mais alargado de pistas do que quando são seguidores, o que mostra mais flexibilidade em se ajustar ao interlocutor quando desempenham este papel.

Este estudo, que analisa o grau de adaptação acústico-prosódica entre falantes ao nível do diálogo, servirá de base a uma análise posterior ao nível de adaptação entre enunciados em pares de falantes, bem como à adaptação no uso de constituintes afirmativos e marcadores discursivos.

### **Bibliografia:**

- Benus, S. (2014). Social aspects of entrainment in spoken interaction. *Cognitive Computation*, 6(4), 802-813.
- Brennan, S. E., & Clark, H. H. (1996). Conceptual pacts and lexical choice in conversation. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, 22(6), 1482.
- Eyben, F., Scherer, K. R., Schuller, B. W., Sundberg, J., André, E., Busso, C., Devillers, L.Y., Epps, J., Laukka, P., Narayanan, S. & Truong, K. P. (2016). The Geneva minimalistic acoustic parameter set (GeMAPS) for voice research and affective computing. *IEEE Transactions on Affective Computing*, 7(2), 190-202.
- Gravano, A., Beňuš, Š., Levitan, R., & Hirschberg, J. (2014, December). Three ToBI-based measures of prosodic entrainment and their correlations with speaker engagement. In *Spoken Language Technology Workshop (SLT)*, 2014 IEEE (pp. 578-583). IEEE.
- Levitan, R., and Hirschberg, J. (2011) "Measuring acoustic-prosodic entrainment with respect to multiple levels and dimensions." *Interspeech 2011*.
- Levitan, R. (2014). *Acoustic-prosodic entrainment in human-human and human-computer dialogue* (Doctoral dissertation, Columbia University).
- Lopes, J., Eskenazi, M., & Trancoso, I. (2013). Automated two-way entrainment to improve spoken dialog system performance. In *2013 IEEE International Conference on Acoustics, Speech and Signal Processing* (pp. 8372-8376). IEEE.
- Moniz, H., Batista, F., Mata, A. I., & Trancoso, I. (2014). Speaking style effects in the production of disfluencies. *Speech Communication*, 65, 20-35.
- Nenkova, A., Gravano, A., & Hirschberg, J. (2008). High frequency word entrainment in spoken dialogue. In *Proceedings of the 46th annual meeting of the association for computational linguistics on human language technologies: Short papers* (pp. 169-172). Association for Computational Linguistics.
- Pardo, J. S. (2006). On phonetic convergence during conversational interaction. *The Journal of the Acoustical Society of America*, 119(4), 2382-2393.
- Trancoso, I., do Céu Viana, M., Duarte, I., & Matos, G. (1998). Corpus de diálogo CORAL. in *PROPOR'98 - III Encontro para o Processamento Computacional da Língua Portuguesa Escrita e Falada*, Porto Alegre, Brasil, 1998.

## FAUSTO CAELS, ÂNGELA QUARESMA e LUÍS FILIPE BARBEIRO

### Sobre o papel da língua nas taxonomias científicas

Esta apresentação incide sobre a construção linguística do conhecimento científico, focando em particular o modo como a classificação de fenómenos naturais é textualizada em manuais de Ciências. A apresentação tem como enquadramento teórico os estudos de género da “Escola de Sydney” (e.g. Rose 2012, Rose e Martin 2012) e socorre-se de dados recolhidos no âmbito do Projeto *Textos, géneros e conhecimento – para o mapeamento dos usos disciplinares da língua nos diferentes níveis de ensino*, desenvolvido no CELGA-ILTEC (2017-2019).

A classificação de fenómenos naturais constitui um tema recorrente nos manuais escolares, sendo preferencialmente textualizado por meio de um género designado “relatório classificativo” (Martin 2007, Veel 1997). Num estudo recente dedicado a manuais portugueses, Caels (2016) conclui que a instanciação deste género pode assumir diferentes formas, distinguindo entre textos canónicos, que seguem de perto as características definidoras do género, e textos não canónicos, que apresentam uma ou mais características atípicas.

É objetivo desta apresentação aprofundar a noção de “instanciação não canónica” levantada no referido estudo, considerando em particular a primeira etapa do relatório classificativo, designada “Sistema de Classificação”. Para o efeito, foi constituído um corpus de textos de manuais de Ciências Naturais do 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico, tendo sido identificadas e descritas as suas diferentes configurações linguísticas. A análise realizada evidencia que são escassas as instanciações canónicas da etapa em questão. Entre as atipicidades identificadas, destacam-se as seguintes: (a) ausência total da etapa, (b) ausência de critérios de classificação, (c) desencontro entre os tipos enunciados na primeira etapa e os tipos descritos na segunda etapa e (d) apagamento da classificação enquanto produto humano. As informações em falta nos textos podem estar incluídas, ou não, noutra texto do mesmo manual, com ou sem remissão explícita. A apresentação finalizará com uma breve reflexão sobre as implicações das atipicidades recenseadas. Segundo se argumentará, os textos com uma instanciação não canónica falham em explicitar verbalmente um ou mais significados essenciais ao processo de classificação. Daqui resultam textos ambíguos ou opacos, que podem comprometer, por um lado, a construção do conhecimento científico e, por outro, dificultar a tarefa de compreensão leitora dos alunos.

**Palavras-chave:** Género, Manuais escolares, Ciências Naturais, Classificação Científica

#### Referências bibliográficas:

- Caels, F. (2016) *Os textos de Ciências na disciplina de PLNM: uma abordagem baseada em Género*. Tese de Doutoramento. Universidade de Lisboa.
- Martin, J. R. (2007) *Construing knowledge: a functional linguistic perspective*. In: Christie, F. & Martin, J. R. (eds.) *Language, Knowledge and Pedagogy: Functional Linguistic and Sociological Perspectives*. London and New York: Continuum. 34-64.
- Martin, J. R. & Rose, D.. (2008) *Genre Relations: Mapping Culture*. London: Equinox.
- Rose, D. & Martin, J. R. (2012) *Learning to Write, Reading to Learn – genre, Knowledge and Pedagogy in the Sydney School*. London: Equinox.
- Veel, R. (1997) *Learning how to mean – scientifically speaking: apprenticeship into scientific discourse in the secondary school*. In: Christie, F. & Martin, J.R. (eds.) *Genre and Institutions: social processes in the workplace and school*. London: Pinter. 161-95.

## MARISA CAMPOS

### Micro-variação nas orações completivas finitas na variedade angolana do português

**1.Introdução:** Neste trabalho investigou-se a variação presente nas orações completivas verbais finitas na variedade angolana do português. De acordo com trabalhos de Chavagne (2005), Cabral (2005), Gonçalves (2013), Adriano (2014), esta variedade apresenta comportamentos particulares nestas estruturas, contudo, os dados apresentados nos referidos trabalhos não inconclusivos quanto aos contextos linguísticos e sociolinguísticos em que tais diferenças surgem, dificultando, assim, a determinação de padrões no funcionamento destas construções na variedade angolana. Para dar conta desta questão, olhou-se para três domínios: i) seleção do modo; ii) omissão e adição de preposições; e iii) omissão do complementador.

**2.Metodologia:** Para este estudo, recorreu-se a uma base empírica assente em produções espontâneas e num inquérito linguístico. O *corpus* reúne textos produzidos no âmbito da comunicação social, num domínio escrito (164 textos/ 88 861 palavras) e oral (mais de 7 horas de gravação). A constituição de um *corpus* específico para o estudo visou a observação dos fenómenos no seu contexto de ocorrência e também serviu de base para a elaboração das questões do inquérito. Este último é composto por duas tarefas de produção induzida (tarefa de preenchimento), para testar a seleção do modo e a supressão e adição de preposições, e por uma tarefa de juízo de gramaticalidade, para testar a omissão do complementador. O inquérito foi realizado por falantes residentes em Luanda (grupo de teste), e o seu desempenho foi comparado ao de falantes de Lisboa (grupo de controlo). O universo de informantes do estudo é de 54; todos são falantes nativos do português e têm formação superior. *Questões de investigação:* relativamente ao modo, pretendia-se averiguar a oscilação na seleção do modo em função da classe semântica do verbo matriz. Analisaram-se seis classes semânticas: três que induzem indicativo (de ficção, de conhecimento e declarativos) e outras três que induzem conjuntivo (volitivos, avaliativos, diretivos) (cf. Marques 1995, 2009, 2010, 2013). Quanto à complementação oblíqua, interessava compreender se havia particularidades distintas das já previstas para o português europeu (cf. Peres & Mória 1995, Duarte 2003, Raposo & Xavier 2013, Barbosa 2013). No caso da supressão de preposições a variável foi o tipo de preposição - *a* e *de* -, e no caso da adição a variável foi a classe semântica dos verbos. Por último, no que diz respeito a omissão do complementador, sabe-se que a omissão é um fenómeno marcado na generalidade das línguas românicas, mas possível em determinados contextos (cf. Poletto 1995, Brovotto 2002, Duarte 2003, Duarte *et al* 2005, Barbosa 2013); foi testada essa possibilidade na variedade angolana tendo em conta o modo, e consequentemente a classe semântica do verbo matriz, em contextos de encaixe simples; e também a presença de estruturas relativas, isto é, em contextos de encaixe complexo.

**3.Resultados e discussão:** Verificou-se que a variação é mais expressiva nos seguintes casos: i) seleção do modo indicativo com verbos que selecionam o modo conjuntivo (na variedade europeia), designadamente com verbos avaliativos (29%, grupo de teste, contra 1,6%, grupo de controlo) (ex: *O estudante lamentou que o professor **tinha** dado uma nota inferior à que esperava*); tal oscilação pode estar relacionada com a associação do modo ao traço de epistemicidade; ii) substituição de preposições: este fenómeno não estava previsto, contudo, revelou-se bastante recorrente nas tarefas de produção induzida, com um padrão de substituição consistente em direção ao uso de preposições com mais conteúdo semântico (47,5%, GT, contra 13%, GC) (nomeadamente a substituição de *a* por *para*; ex: *Eles sempre se opuseram **para** que outras pessoas contribuíssem com críticas construtivas.*). Já no

caso das adições, não foi possível a aplicação de nenhuma generalização e os casos de oscilação são muito pontuais; é necessário um melhor cruzamento entre as questões semânticas e aspetos sintáticos, nomeadamente a sintaxe dos verbos (ex: *Eles sempre acreditaram de que esta era sem dúvida a melhor estratégia (...)*); iii) a respeito da omissão do complementador, em geral, verifica-se que, apesar de estar mais presente na variedade angolana, ainda assim é pouco aceite entre esse grupo (abaixo de 10%) e há também muitos casos de incerteza; em todo o caso, os contextos que geram maior aceitação são quando a oração completiva é selecionada por determinados verbos que selecionam o modo indicativo, em contextos de encaixe simples; isso pode dever-se a características intrínsecas desses verbos (ex: *Vimos [-] pelas horas era um pouco tarde.*). A omissão também é possível quando a completiva está associada a um encaixe complexo, nomeadamente quando está encaixada numa estrutura relativa mais alta (ex: *Ele procurou consensos políticos para aprovar leis que sabia [-] podia fazer passar sem problemas.*); estruturas deste tipo ocorrem muito nos dados espontâneos. O tipo de recuperação do elemento relativizado e/ou a proximidade do pronome relativo podem favorecer a omissão.

## 5. Bibliografia

- ADRIANO, Paulino Soma (2014) *Tratamento morfossintático de expressões e estruturas frásicas do português em Angola: Divergências em relação à norma europeia*. Universidade de Évora. Tese de Doutoramento.
- BARBIERS, Sjef (2009) Locus and limits of syntactic microvariation. *Lingua*, 119 (11), pp. 1607-23.
- BROVETTO, Claudia (2002) Spanish Clauses without Complementizer. In *Current Issues in Romance Linguistics*, Satterfield, Teresa, Christina Tortora and Diana Cresti (eds.). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 33-46.
- CABRAL, Lisender Augusto Vicente (2005) *Complementos verbais preposicionais do português em Angola*. Universidade de Lisboa. Tese de Mestrado.
- CHAVAGNE, Jean-Pierre (2005) *La langue portugaise d'Angola. Etudes des écarts par rapport à la norme européenne du portugais*. Université de Lyon 2. Tese de Doutoramento.
- CORNIPS, Leonie, Cecilia Poletto (2005) On standardising syntactic elicitation techniques (part 1). *Lingua*, 115, pp. 939-57.
- DUARTE, Inês, Anabela Gonçalves, Matilde Miguel (2005) Propriedades de C em frases completivas. In *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Duarte, Inês e Isabel Leiria (org.). Lisboa: APL, pp. 549-62.
- HENRY, Alison (2005) Variation and Syntactic Theory. In *The Handbook of Language Variation and Change* (2nd ed.), Chambers, Jack K., Peter Trudgill and Natalie Schilling-Estes (eds.). Malden/Oxford: Blackwell, pp. 267-82.
- MARQUES, Rui (2009) On the selection of mood in complement clauses. In *Cross-linguistic Semantics of Tense, Aspect and Modality*, Hogeweg, Lotte, Helen de Hoop and Andrej Malchukov (eds.). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 179-204.
- POLETO, Cecilia (1995) Complementizer Deletion and the Verb Movement in Italian. *Working Papers in Linguistics*, vol. 5, nº 2, pp. 49-79.
- RIZZI, Luigi (2014) On the elements of syntactic variation. In *Linguistic Variation in the Minimalist Framework*, Picallo, M. Carme (ed.). Oxford: Oxford University Press, pp. 13-35.
- TORREGO, Leonardo Gómez (1999) La variación en las subordinadas substantivas: Dequeísmo y queísmo. In *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Bosque, Ignacio y Violeta Demonte, vol. 2. Madrid: Espasa Calpe, pp. 2105-45.

## NÁDIA CANCEIRO, GABRIELA MATOS e MADALENA COLAÇO

### Nem e nem (- sequer) em PE

**1. Objeto e objetivos.** A partícula *nem* tem sido caracterizada ora como conjunção coordenativa negativa, simples (*nem*) ou correlativa (*nem...nem*), ora como marcador negativo não-conjuncional.

Tem-se assumido que *nem*-conjunção entra em construções de coordenação aditiva (Matos 2003a, Matos e Raposo 2013), (1a,b), ou disjuntiva (Matos 2003a, Peres 2013), (1c), e que *nem* marcador de negação não conjuncional, entre outros casos (cf. Matos 2003b, Peres 2013), pode ocorrer em expressões de focalização e ser intensificado por *sequer* ou *mesmo*, (2). Como mostramos nos exemplos em (1a,b) vs. (3a,b) e (2) vs. (4), as duas instâncias de *nem* partilham a característica de a sua ocorrência estar restringida a domínios frásicos negativos: assim, os constituintes pós-verbais encabeçados por *nem* produzem frases agramaticais na ausência de um marcador de negação frásica no primeiro termo coordenado (cf. (3)) ou na frase simples em que ocorrem (cf. (4)). Esta propriedade suscita a questão da semelhança entre *nem* conjuncional e *nem* marcador de negação. Por sua vez, os exemplos em (5) e (6) parecem pôr em causa o estatuto conjuncional de *nem* em estruturas coordenadas, dada a sua coocorrência com uma conjunção coordenativa. Por outro lado, assumindo que *nem* deve ocorrer em contextos de polaridade negativa, e considerando que as expressões parentéticas estão fora do escopo dos constituintes da frase hospedeira (De Vries 2006, Matos e Colaço 2011), importa explicar porque é que a presença da negação na frase hospedeira é requerida para legitimar *nem* na expressão parentética (cf. (7) vs.(8)).

São, pois, objetivos centrais deste trabalho: (a) delimitar as propriedades de *nem* enquanto conector coordenativo e determinar a sua correlação com o marcador de negação não conjuncional que pode ocorrer na expressão *nem sequer*; (b) identificar o modo de legitimação de *nem* em estruturas coordenadas (integradas e parentéticas) e não-coordenadas; e (c) explicar situações de ambiguidade entre estas duas unidades.

Como ponto de partida do nosso estudo, procederemos à análise de dados de *corpora*.

**2. Distinção entre *nem* conjuncional e *nem* escalar.** Admitimos que há argumentos discursivos e sintáticos para distinguir *nem* conjunção coordenativa e *nem* marcador de negação em exemplos como (2). Do ponto de vista pragmático-discursivo, a partícula *nem* não conjuncional que pode surgir com *sequer* é, em português europeu (PE), um marcador de negação enfática e exibe um valor escalar, como o seu equivalente *ni* em espanhol (e.g. Sanchez Lopes 1999 e Albelda & Gras 2011). *Nem* escalar cria uma escala negativa de probabilidades, situando o elemento focalizado no ponto mais alto dessa escala (Albelda & Gras 2011). É este *nem* que coocorre com a conjunção coordenativa em (5) e (6). Com efeito, estas expressões linguísticas podem ser parafraseadas com a explicitação da expressão *sequer*, como mostram (9)-(10), produzindo uma interpretação escalar (veja-se, para o espanhol, Bosque 1980, elaborado sobre o estudo de Fauconier 1975). Pelo contrário, as conjunções *nem/nem...nem* em estruturas de coordenação não parentética rejeitam a coocorrência com uma conjunção, (11)-(12), e não admitem a presença de *sequer*, não apresentando, pois, um valor escalar, (13). Os casos de (14) mostram, no entanto, que, na coordenação parentética, *nem* escalar é permitido.

Exemplos como (15) e (16) evidenciam, ainda, diferenças de comportamento entre *nem* coordenativo e *nem* escalar: este último, devido ao facto de situar o constituinte focalizado no topo de uma escala negativa, impede a sua conjugação com outros elementos que estariam posicionados noutras posições dessa mesma escala.

**3. Legitimação de *nem*.** Na linha de Matos (1999, 2001), admitimos que, para um domínio sintático ser negativo, é necessário que o seu núcleo seja negado. Assim, em posição pré-verbal, *nem* pode negar o núcleo do constituinte em que se insere, (17)-(18). Porém, quando ocorre em posição pós-verbal, a sua legitimação depende da presença de um outro elemento negativo que negue o núcleo desse domínio (cf. (1) vs (3) e (2) vs (4)). Neste trabalho, proporemos que, tanto nas construções que envolvem *nem* conjuncional como nas que envolvem *nem* escalar, o valor negativo no núcleo da frase decorre ou da presença de um marcador de negação ou do próprio *nem* em posição pré-verbal.

**4. Ambiguidade entre *nem* conjuncional e *nem* escalar.** O confronto entre (18) e (19), e (20) e (21) leva-nos a levantar a hipótese de a ambiguidade frequente entre os dois tipos de *nem* se dever a traços de foco que ambos exibem.

Exemplos:

- (1) a. O jornalista não terminou a reportagem **nem** publicou as fotografias do evento.  
 b. A Ana não tomou [**nem** café **nem** chá].  
 c. Não sei **nem** se fico **nem** se parto.
- (2) Ele não cumprimentou **nem** (**sequer/mesmo**) o Primeiro Ministro.
- (3) a. \*O jornalista terminou a reportagem **nem** publicou as fotografias do evento.  
 b. \*A Ana tomou **nem** café **nem** chá.
- (4) \*Ele cumprimentou **nem** (**sequer/mesmo**) o Primeiro Ministro.
- (5) a. Tenho imensos cartões de desconto, porém quando quero pagar não os tenho comigo e **nem** me fazem falta. (Oliveira 2011:55)  
 b. O Rui não escreveu os artigos ontem, porque não teve tempo **ou nem** se preocupou com isso. (Oliveira 2011:55)  
 c. A Ana quer viajar até Florença mas **nem** se atreve a comprar bilhetes de avião, pois tem medo de voar. (Oliveira 2011:55)
- (6) a. Não atendia o telefone, não respondia ao correio e **nem** abria a porta (...). (CetemPublico, par=ext294057-clt-95b-2)  
 b. Só que isto não é uma corrida de automóveis e nem os melhores fazem sempre os jogos mais difíceis. (CetemPublico, par=ext1226070-des-93b-2).
- (7) a. Por isso não há, **nem podia haver**, nada de pessoal. (CetemPublico, par=ext191637-des-98a-1)  
 b. A dificuldade da tarefa está em que Helmut Kohl não pode (**nem quer**) dar a imagem de que está aceder ao veto do primeiro-ministro John Major a Jean-Luc Dehaene (...). (CetemPublico, par=ext801530-pol-94b-3).
- (8) a. \*Por isso há, **nem** podia haver, nada de pessoal.  
 b. \*(...) Helmut Kohl pode (**nem quer**) dar a imagem de que está a ceder ao veto do primeiro-ministro John Major a Jean-Luc Dehaene (...).

- (9) a. Tenho imensos cartões de desconto, porém quando quero pagar não os tenho comigo **e nem sequer** me fazem falta.  
 b. O Rui não escreveu os artigos ontem, porque não teve tempo **ou nem sequer** se preocupou com isso.
- (10) a. Não atendia o telefone, não respondia ao correio **e nem sequer** abria a porta (...) "  
 b. Só que isto não é uma corrida de automóveis **e nem sequer/mesmo** os melhores fazem sempre os jogos mais difíceis.
- (11) a. A Ana não tomou café (**??e/\*ou**) **nem** chá.  
 b. A Ana não tomou **nem** café (**??e/\*ou**) **nem** chá.  
 c. Não foi café (**??e/\*ou**) **nem** chá que a Ana tomou. (cf. Não foi café nem chá que a Ana tomou.)
- (12) Não sei se fico (**\*e/\*ou**) **nem** se parto
- (13) a. ??Não foi café nem **sequer** chá que a Ana tomou.  
 b. ??Não foi nem café **nem sequer** chá que a Ana tomou.
- (14) a. √Não foi café, **nem sequer** chá, que a Ana tomou.  
 b. √Não sei se fico, **nem sequer** se parto
- (15) [O jornalista não terminou a reportagem **nem** publicou as fotografias] e **também não** compareceu à gala de atribuição dos prémios.
- (16) \*O jornalista não quis **nem** terminar a reportagem, e também não publicar as fotografias.
- (17) Nem o Pedro veio ao casamento da Maria.
- (18) Nem o Pedro nem o Paulo vieram ao casamento da Maria.
- (19) O Pedro e o Paulo não foram ao casamento da Maria.
- (20) O jornalista não terminou a reportagem **nem** publicou as fotografias.
- (21) O jornalista não terminou a reportagem **e não** publicou as fotografias.

### Referências:

- ALBELDA, M. & P. GRAS. 2011. La partícula escalar ni en español coloquial. *Nuevas aportaciones sobre partículas discursivas del español*. Pamplona: EUSA.
- BOSQUE, I. 1980. Sobre la Negación. Gramática Generativa Transformacional del español. Madrid: Catedra.
- FAUCONIER, F. 1975. Pragmatic scales and logical structures. *Linguistic Inquiry*. 4: 353-375.
- MATOS, G. 2001. Negative Concord and the Minimalist Approach. *Romance Languages and Linguistic Theory* 1999, 245-280. Amsterdam: John Benjamins
- MATOS, G. 2003a. Estruturas de coordenação. In *Gramática Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho
- MATOS, G. 2003b. Aspectos sintáticos da negação. In *Gramática Língua Portuguesa*.
- MATOS, G. & COLAÇO, M. 2011. Floating parenthetical coordinate clauses. In Berns, Janine, Haike Jacobs & Tobias Sheer (eds.). *Romance Languages and Linguistic Theory* 2009, 203-221. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- MATOS, G. & RAPOSO, E. 2013. Estruturas de coordenação. *Gramática do Português*, vol. II, cap. 35.
- PERES, J. 2013. Negação. *Gramática do Português*, vol. I, cap. 14.
- OLIVEIRA, M.C. 2011. *A Sintaxe da coordenação e os conectores conclusivos*. Tese de Doutoramento, FLUP.
- SANCHEZ LOPES, C. 1999. La negación. Gramática descriptiva de la lengua española. Madrid: Espasa.
- DE VRIES, Mark. 2006. The Syntax of Appositive Relativization: On Specifying Coordination, False Free Relatives and Promotion. *Linguistic Inquiry*, 37(2): 229-270.

## HELENA CARMO, MARA MOITA e ANA MINEIRO

### Pares mínimos na Língua Gestual Portuguesa

Apesar da diferença de modalidade, a estrutura sublexical das línguas gestuais é análoga à das línguas orais. Numa análise comparativa aos pares mínimos da Língua Gestual Americana, Stokoe (1960) verificou que os gestos têm uma estrutura fonológica interna constituída por um número limitado de pequenas unidades significantes, tal como acontece com os sons das línguas orais. Essas unidades significantes distribuem-se por diferentes parâmetros fonológicos: configuração, localização, movimento, orientação da palma da mão e marcadores não manuais (Sandler & Lillo-Martin 2006), que se podem combinar simultânea e sequencialmente (Sandler 1989, Liddell & Johnson 1989).

O reconhecimento de pares mínimos numa língua possibilita não só que sejam identificadas as unidades fonológicas dessa mesma língua, mas também que se realizem estudos em várias áreas da aquisição e do processamento linguístico.

Embora a Língua Gestual Portuguesa (doravante, LGP) seja uma língua com mais de 200 anos, os seus parâmetros fonológicos foram apenas explorados ao nível do parâmetro configuração (Amaral *et al.* 1994; Carmo 2010; Moita *et al.* 2012). Para a LGP, ainda não foram estabelecidas as unidades fonológicas pertencentes a esta língua, e não existe uma lista de pares mínimos linguisticamente analisada.

O presente estudo teve como objetivo listar e analisar um conjunto de pares mínimos da LGP. Para esse efeito, foi criada uma lista de 100 gestos correspondentes a 50 possíveis pares mínimos considerando os cinco parâmetros fonológicos descritos para as línguas gestuais: configuração, localização, movimento, orientação da palma da mão e marcadores não manuais (Sandler & Lillo-Martin 2006). Estes 100 gestos foram produzidos de forma elicitada por 5 indivíduos adultos surdos gestuantes nativos da LGP.

O presente estudo apresenta a primeira lista de pares mínimos da LGP com uma análise fonológica às unidades mínimas encontradas.

### Referências Bibliográficas:

- Amaral, M. A., Coutinho, A. & Martins, M.R.D. (1994). *Para uma gramática da Língua Gestual Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Carmo, P. (2010). *Aquisição da Língua Gestual: estudo longitudinal de uma criança surda dos 10 aos 24 meses*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Católica Portuguesa.
- Liddell, S. K. & Johnson, R.E. (1989). American Sign Language: the phonological base. *Sign Language Studies* 64, 197-277.
- Moita, M.; Carmo, P.; Ferreira, J.P. & Mineiro, A. (2012). *A preliminar description and analysis of the phonology of Portuguese Sign Language for computational modelling purposes*. Apresentação de poster na Conferência Formal and Experimental Advances in Sign language Theory, junho 2012, Polónia, Varsóvia.
- Sandler, W. (1989). *Phonological Representation of the Sign: Linearity and non linearity in American Sign Language*. Dordrecht: Foris.
- Sandler, W. & Lillo-Martin, D. (2006). *Sign Language and Linguistics Universals*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Stokoe, W. C. (1960). Sign language structure: An outline of the visual communication systems of the American deaf. *Studies in Linguistics: Occasional Papers*, 8. Buffalo: University of Buffalo.

## MADALENA COLAÇO e CAROLINA GRAMACHO

### A concordância em expressões nominais coordenadas com apenas um determinante

Em português europeu (PE), contrariamente ao que acontece noutras línguas - como o inglês e o espanhol, por exemplo -, existem fortes restrições sobre os DPs com o formato <DET N/NP CONJ N/NP>.

Na Gramática de Cunha & Cintra (1984), encontramos a seguinte afirmação: "Quando empregado antes do primeiro substantivo de uma série, o artigo deve anteceder os substantivos seguintes, ainda que sejam todos do mesmo género e do mesmo número." No entanto, a coordenação de expressões nominais com um único determinante realizado é possível em certos contextos. É possível, por exemplo, quando o determinante e os nomes ocorrem em formas de plural, (1).

É frequente considerar-se que a ocorrência de um ou de mais do que um determinante quando os nomes ocorrem no singular depende do nível estrutural em que opera a coordenação, o que se reflete no modo como se realiza a concordância. Assim, os dados em (2) sugerem que a coordenação de Ns/NPs ou de DPs pode ter consequências ao nível da interpretação. Com efeito, com certos tipos de nomes, a ocorrência de um único determinante induz frequentemente uma interpretação em que a expressão nominal coordenada denota uma única entidade: para muitos falantes, em (2a), a expressão "a amiga e prima da Maria" refere necessariamente uma única entidade. Em trabalhos sobre concordância no interior de expressões nominais coordenadas em PE (Colaço 2012, 2016), refere-se que a ocorrência de apenas um determinante singular com nomes coordenados no singular é comum quando os nomes envolvidos são abstratos, (3). No entanto, uma pesquisa de corpora revelou um uso mais alargado destas construções por alguns falantes, que abrange, por exemplo, nomes concretos e nomes relacionais, independentemente de se tratar de nomes do mesmo género ou de géneros diferentes, (4)-(7).

A apresentação de dados de corpora servirá de ponto de partida para uma nova discussão sobre as estruturas sintáticas envolvidas, em que serão confrontadas as seguintes hipóteses: (i) DP&DP -coordenação de DPs com omissão do determinante no segundo termo coordenado; (ii) DET N/NP&N/NP - coordenação de Ns ou NPs. Ambas as hipóteses têm consequências teóricas interessantes. Se assumirmos a hipótese DP&DP, poderemos estar, na linha do que foi sugerido por alguns autores (por ex., Wilder 1994, Camacho 2003), perante um fenómeno de eclipse do determinante. Note-se, no entanto, que esta estrutura apresenta semelhanças interessantes com estruturas do tipo ATB. Em qualquer dos casos, esta hipótese apresenta a vantagem de explicar agramaticalidades como a de (8), em que o determinante realizado tem uma forma plural, assim como a de (9), em que os nomes têm diferentes valores de número. No entanto, se, por um lado, a agramaticalidade de (8) e (9) poderia ser explicada, como em Camacho (2003), por um requisito de identidade que condiciona o apagamento do segundo determinante, por outro lado, dados como (5) e (7) desafiam esta condição, uma vez que o determinante apagado não é idêntico em género ao determinante realizado. Por sua vez, a assunção da hipótese DET N/NP&N/NP enfrenta problemas relacionados com a concordância. Antes de mais, levanta o problema de saber de que forma o DP (no interior do qual ocorre a coordenação de Ns/NPs) está associado a um valor plural, apesar de o determinante ocorrer numa forma singular. Com efeito, veja-se que, em (5), O DP em posição préverbal desencadeia concordância plural com o verbo e com o adjetivo predicativo. Por outro lado, em dados como (10), o adjetivo pós-nominal ocorre também no plural. Para além disto, a hipótese (ii)

conduz à aceitação de concordância parcial no interior do DP, uma vez que o determinante concorda com o primeiro nome coordenado (cf. Colaço 2012 e 2016).

Os dados recolhidos neste estudo levam-nos, adicionalmente, a retomar a questão da concordância no interior do DP, com adjetivos pós-nominais. Embora em Colaço (2012) e (2016) se defenda a ideia de que, em PE, apenas os elementos pré-nominais desencadeiam concordância parcial com um dos nomes coordenados, os dados apresentados neste estudo sugerem a possibilidade, disponível para alguns falantes e em determinados contextos, de concordância parcial de adjetivos pós-nominais, (11)-(12). Assim, estes dados permitirão discutir se esta língua apenas permite a concordância com o primeiro termo coordenado ou se, à semelhança de línguas como o espanhol (cf. Demonte & Jiménez 2012), permite a concordância com o termo mais próximo.

Exemplos:

(1) O estudante requisitou os livros e revistas recomendados pelo professor.

(2)a. A prima e amiga da Maria viajou/??viajaram para o Brasil.

b. A prima e a amiga da Maria \*viajou/viajaram para o Brasil.

(3) O presidente elogiou a coragem e determinação da Maria.

(4) Protege e desintoxica o estômago e fígado.

([http://www.biototal.pt/index.php?id\\_product=30&controller=product](http://www.biototal.pt/index.php?id_product=30&controller=product))

(5) Os tumores da cabeça e pescoço são muito frequentes.

(<https://www.saudecuf.pt/oncologia/o-cancro/cancro-da-cabeca-e-pescoco>)

(6) Luc e Dark Vader - o pai e filho de «Star Wars», aqui parodiados logo no nome de família – surgem também, sempre esgrimindo os seus sabres de luz . (<http://www.linguateca.pt/CETEMPUBLICO/,par=ext1480408-clt-soc-94b-1>)

(7) Para a irmã e pai do sobrevivente, a comunicação social é responsável pela imagem de "monstro" que João Gouveia passa.

(<http://www.noticiasaminuto.com/pais/344569/o-joao-nao-consegue-regressar-a-vida>)

(8) \*Os pai e mãe da vítima chegaram ao local.

(9)\*A Maria decorou o(s) jardim e terraços.

(10) Nesta fase, é aconselhável que redobre os cuidados com a sua alimentação evitando alimentos demasiado condimentados e de sabor intenso como o alho e cebola crus. (<https://www.maemequer.pt/estou-gravida/como-cresce-o-bebe/dentro-do-ventre/como-sedesenvolvem-os-5-sentidos-do-feto-no-utero/>)

(11) Possuem vozes melodiosas e normalmente com um timbre e ritmo agradável.

([http://www.anje.pt/feira/media/super\\_vendedor.pdf](http://www.anje.pt/feira/media/super_vendedor.pdf))

(12) Os livros e revistas científicas apresentam uma grande credibilidade no que diz respeito à informação em saúde.

(<http://repositorioiul.iscte.pt/bitstream/10071/1493/1/%28Microsoft%20Word%20%20A%20INTERNET%20COMO%20FONTE%20DE%20INFORMA.pdf>)

**Referências:**

- Camacho, J. (2003). *The Structure of Coordination: Conjunction and Agreement Phenomena in Spanish and other Languages*. Dordrecht, Kluwer Academic Press.
- Chomsky, N. (2001). Derivation by Phase. in Hale, K. (org.) *A Life in Language*. Cambridge, Mass.: the MIT Press. pp.1-54.
- Colaço (2012). Retomando a questão da concordância parcial no interior de constituintes nominais coordenados. A. Costa, I. Falé & P. Barbosa (eds.) *Textos Seleccionados do XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística 2011*. Lisboa: Edições Colibri/APL, 153-170.
- Colaço (2016). Especificidades das estruturas de coordenação: padrões de concordância. In Martins, A. M. & E. Carrilho (eds.). *Manual de Linguística Portuguesa*. Germany: The Gruyter, 502-522.
- Cunha & Cintra (1984)
- Demonte, V. Jiménez, I. P. (2012). Closest Conjunct Agreement in Spanish DPs. Syntax and beyond. *Folia Linguistica* 2012, 46 (1).
- Wilder, C. (1994). Coordination, ATB and Ellipsis. In Cornelius, Jan-Wouter Zwart (ed.). *Minimalism and Kayne's Asymmetry Hypothesis*. Groningen: Groninger Arbeiten zur Germanischen Linguistik 37, 291-331.

## PATRÍCIA COSTA

### Ideofones em Santome

Esta comunicação tem por objetivo apresentar uma análise das propriedades que particularizam o inventário ideofónico do Santome, crioulo de base lexical portuguesa falado na ilha de São Tomé e um dos quatro crioulos do Golfo da Guiné (CGG).

Os ideofones, também denominados de 'mimetics' ou 'expressives', constituem-se como uma classe de palavras expressivas e performativas que partilham interlinguisticamente um elenco de propriedades prototípicas (ou generalizações) mais ou menos marcadas (Voeltz & Kilian-Hatz 2001; Childs 1994; Dingemanse 2011). Apesar de não formarem uma classe produtiva nas línguas indo-europeias, os ideofones ocorrem em línguas de diversas localizações e filiações genealógicas, sendo inclusivamente perspetivados como uma "categoria universal" (Voeltz & Kilian-Hatz (2001:3).

Em Santome, o reconhecimento da existência de um elenco de palavras a que se pode atribuir a designação de 'ideofones' acontece na segunda metade do século XX, com as publicações de Valkhoff (1966) e Ferraz (1979). Apesar de aí referenciados, os ideofones em Santome não são objeto de estudos mais detalhados nas décadas que se seguem.

Recentemente, em COSTA (no prelo), procurou-se desenvolver uma descrição e análise das propriedades estruturais (sintáticas, morfofonológicas e semântico-pragmáticas) que permitem identificar e delimitar o inventário ideofónico nesta língua, oferecendo um contributo para a compreensão e discussão da ideofonia, numa perspetiva intra e interlinguística. Os dados analisados provêm de (i) o dicionário de Araújo & Hagemeijer (2013), (ii) o *Corpus Santome* (2014) e (iii) um *corpus* oral, recolhido em São Tomé e Príncipe, em 2016.

Os resultados mostraram que os ideofones em Santome, à semelhança do assinalado para outras línguas, manipulam, de forma não-convencional, os seus formatos, significados e funções. A propriedade mais extensível, i.e., que se aplica a todo o inventário ideofónico, consiste na relação formal e semântica que estes elementos estabelecem com uma base lexical (N, ADJ, PREP, V) pré-determinada: ideofones integram exclusivamente unidades multilexicais (UML) com um elevado grau de lexicalização e cuja significação não é obtida através da soma do significado dos seus elementos constituintes. Assim, o ideofone *fenene* só poderá modificar o adjetivo *blanku* (1) e *jikitxi* só poderá suceder ao nome *fôlô* (2).

(1) *Mina se sa \*pletu / blanku fenene.*  
criança DEM COP preto / branco ID  
'A criança é branquíssima/pálida.'

(2) *Ami sa \*ngola / fôlô jikitxi.*  
1SG COP angolar / forro ID  
'Eu sou forro genuíno.'

No que diz respeito às propriedades semântico-pragmáticas, constata-se que estas palavras são usadas para intensificar, representar ou sugerir aspetos dos seus referentes, tipicamente associados aos seguintes domínios sensoriais e suprassensoriais: sons, odores, sensações táteis, cores, qualidade, aparência física, ações voluntárias, estados temporários ou permanentes, estados sociais e tempo. Para isso, algumas destas palavras manipulam diferentes tipos de iconicidade (*Imagic, Gestalt* e relativa, a partir da tipologia proposta por Dingemanse 2011), fazendo relacionar de forma mais ou menos transparente os seus formatos morfofonológicos (e.g. envolvendo reduplicação inerente e parcial; alongamento vocálico ou outras propriedades suprasegmentais) aos sons do mundo real ou aos conceitos espaço-temporais dos eventos a que se referem.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- ARAÚJO, Gabriel & HAGEMEIJER, Tjerk. 2013. *Dicionário livre santome/português*. São Paulo: Hedra.
- BARTENS, Angela. 2000. *Ideophones and Sound Symbolism in Atlantic Creoles*. Saarijärvi: Gummerus Printing.
- CHILDS, Tucker. 1994. African Ideophones. In Hinton, Nichols & Holm (eds.) *Sound Symbolism*. Cambridge: Cambridge University Press.
- COSTA, P. (no prelo). *Ideofones em Santome*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- DINGEMANSE, Mark. 2011. *The meaning and use of ideophones in Siwu*. Dissertação de doutoramento. Nijmegen: Radboud University Nijmegen.
- FERRAZ, Luiz Ivens. 1979. *The creole of São Tomé*. Johannesburg: Witwatersrand University Press.
- HAGEMEIJER, Tjerk, AMARO, Haldane, GÉNÉREUX, Michel, HENDRICKX, Iris, MENDES, Amália & TINY, Abigail. 2014. *Santome corpus*. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL).
- VALKHOFF, Marius. 1966. *Studies in Portuguese and Creole*. Johannesburg: Witwatersrand University Press.
- VOELTZ, F. K. Erhard & KILIAN-HATZ, Christa (eds.). 2001. *Ideophones*. Amsterdam: John Benjamins.

## BRUNA GÓIS PAVÃO FERREIRA e MÁRCIA DOS SANTOS MACHADO VIEIRA

### ***Ficar, tornar-se e virar em construções relacionais: variação e/ou mudança construcional***

Propõe-se uma comunicação oral em que se apresentarão resultados de uma pesquisa, no âmbito da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013), sobre a construção gramatical relacional com que se compatibilizam os verbos ficar, tornar-se e virar. Mostrar-se-á que a construção relacional de mudança de estado, que pode concretizar-se de diferentes formas, licencia microconstruções com pequenas alterações de significado a depender do verbo compatibilizado à construção. O enfoque construcional propõe que se conceba a gramática como uma rede de construções que se organizam com base nas relações de herança e nas semelhanças de família, se considere a construção, um pareamento de forma e função, como unidade básica da gramática da língua e se levam em conta, na detecção de tais pareamentos a partir da observação de usos linguísticos, os parâmetros de esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

Recorreu-se, na pesquisa, aos corpora do Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB), a impressos do Rio de Janeiro (cartas de leitores e cartas de redatores/editoriais) e à Linguatca (corpus brasileiro AC/DC: artigos, teses, dissertações, revistas, jornais, contos, crônicas etc.), a fim de identificar se houve mudanças linguísticas significativas no padrão da construção relacional de mudança de estado com os verbos em estudo ao longo do tempo. Examina-se se o grau de formalidade (registro) interfere na compatibilização de um dos três verbos à construção relacional de mudança de estado, dentre outros fatores discursivo-pragmáticos. Com base na frequência (token e type, conforme BYBEE, 2010), busca-se identificar o padrão construcional mais utilizado nos séculos XIX e XX e em dados mais atuais, bem como analisar a configuração morfossintática da construção relacional, suas instâncias de uso e seus níveis esquemáticos de organização na rede. As hipóteses, com base em alguns resultados preliminares, são: (i) virar apresenta um uso mais informal e mais moderno, pois não aparece no corpus PHPB nos séculos XIX e XX em construção relacional de mudança de estado, além de se ligar, preferencialmente, a predicativos sob a forma de sintagma nominal, indicando uma mudança de estado mais gradual; (ii) tornar-se tem um uso mais formal e mais antigo, ligando-se, geralmente, a sintagmas nominais e indicando uma mudança de estado mais gradual; (iii) ficar apresenta um uso mais geral e mais comum, ligando-se mais a sintagmas adjetivais e indicando uma mudança de estado mais abrupta. As construções com tornar-se e virar são bastante semelhantes, diferenciando-se, especialmente, quanto ao grau de formalidade, pois a construção com tornar-se é mais utilizada em contextos formais, e a com virar, em contextos informais. Por outro lado, a construção com ficar parece ser mais geral, sendo utilizada em ambos os contextos.

#### **Referências Bibliográficas:**

- BYBEE, J. *Language, use and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.  
 GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.  
 \_\_\_\_\_. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.  
 TRAUGOTT, E. & TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press. 2013.

## ALEXANDRA FIÉIS e ANA MADEIRA

### Interpretação de pronomes em português L2: efeitos de transferência?

**Objetivo:** Nesta comunicação, investigamos a aquisição de propriedades de ligação em português L2, com o objetivo de perceber se se verificam efeitos de transferência neste domínio.

**Enquadramento:** Estudos anteriores mostram que, em geral, os aprendentes de L2 adquirem plenamente as condições que regulam a interpretação de pronomes (fortes) reflexos e não reflexos, embora se observem atrasos com os não reflexos (e.g. Finer & Broselow 1986; Kim et al 2015). Estes atrasos poderão dever-se a problemas na integração de conhecimento sintático e discursivo, necessária à sua interpretação (e.g. Kim et al 2015). Quanto aos reflexos, alguns estudos (e.g. Domínguez et al 2012) reportam efeitos de transferência da L1 em contextos potenciais de ligação de longa distância, enquanto outros estudos não observam influência da L1 neste domínio (e.g. Thomas 1989; White et al 1997).

**Questões de investigação e predições:** Investigamos o comportamento de pronomes fortes reflexos – concretamente, o reflexo *si*, que permite antecedentes locais e não locais, cf. (1) (Brito, Duarte & Matos 2003) – e não reflexos em português L2, com as seguintes questões em mente: (i) existem assimetrias entre pronomes fortes reflexos e não reflexos? (ii) existem assimetrias na seleção de antecedentes locais e não locais para o reflexo *si*? (iii) observam-se efeitos de L1 na interpretação dos pronomes? Assumimos que a transferência da L1 desempenha um papel na aquisição de L2 (White 2003) e prevemos diferenças no desempenho de aprendentes cujas L1s apresentam propriedades distintas na interpretação de pronomes. Além disso, assumindo acesso pleno à GU na aquisição de L2 (White 2003), predizemos que propriedades sujeitas a variação paramétrica, como é o caso da ligação de longa distância (e.g. Manzini & Wexler 1987), podem ser plenamente adquiridas (embora com atrasos), enquanto propriedades de interface, como a interpretação de pronomes não reflexos, se desenvolverão mais tardiamente, podendo nunca ser plenamente adquiridas (Sorace 2011).

**Metodologia:** Utilizamos duas tarefas de juízos de valor de verdade (adaptadas de Silva 2015) que testam compreensão de pronomes de 3ª pessoa do singular em contexto preposicional em frases simples – a variável considerada foi o tipo de pronome (reflexo/não reflexo) – e em frases complexas – nesta tarefa, apenas se incluiu o reflexo *si*, tendo sido testada a variável ‘posição do antecedente’ (local/longa distância). Os participantes, de nível intermédio e avançado, são falantes nativos de italiano (uma língua que, à semelhança do português, tem um pronome reflexo, *sè*, que também permite ligação por antecedentes não locais, ainda que apresente propriedades diferentes das do reflexo *si* em português, cf. (2) (e.g. Napoli 1979; Giorgi 1984)) e espanhol (cujo reflexo *sí* não permite ligação de longa distância, cf. (3) (e.g. Otero 1999)); o estudo incluiu ainda um grupo de controlo de português de L1.

**Resultados e conclusões preliminares:** Não se observam diferenças na interpretação de pronomes reflexos em frases simples entre os controlos e os falantes não nativos (ver tabela 1). No que diz respeito aos não reflexos, porém, os resultados dos falantes de italiano L1, que mostram uma preferência clara pela leitura de referência disjunta (relativamente ao sujeito), contrastam quer com os dos falantes de espanhol L1 quer com os dos controlos, que apresentam taxas de aceitação de correferência mais elevadas. Verifica-se, assim, que o estatuto do pronome é relevante em português L2, observando-se maior variabilidade na interpretação dos não

reflexos. Quanto aos resultados dos falantes nativos, note-se que, em português, os pronomes reflexos e não reflexos não estão necessariamente em distribuição complementar em contextos preposicionais (cf. Menuzzi & Lobo 2016). Na interpretação do reflexo *si* em frases complexas, ao contrário das frases simples, ambos os grupos de nível intermédio exibem resultados claramente diferentes dos nativos (ver tabela 2); não se observa, assim, uma vantagem do grupo italiano (língua que, à semelhança do português, tem um reflexo que permite ligação por um antecedente não local) face ao grupo espanhol – não se encontra, pois, evidência de efeitos de transferência de L1 neste domínio. No caso do grupo espanhol, porém, os resultados dos aprendentes de nível avançado parecem evidenciar um efeito de desenvolvimento, aproximando-os do grupo de controlo. O próprio grupo de controlo apresenta variação na interpretação de *si* nestes contextos, como tem sido observado em falantes nativos de outras línguas que permitem ligação de longa distância (e.g. Thomas 1991), o que parece confirmar que estas são estruturas que envolvem custos mais elevados de processamento, devido à presença de dois potenciais antecedentes na frase.

### Exemplos

- (1) A avó<sub>i</sub> acha que a rapariga<sub>j</sub> está a tocar em si<sub>i/j</sub>?
- (2) La signora<sub>i</sub> lascia che io giaccia presso di sè<sub>i</sub>. (Napoli, 1979, p. 2)
- (3) Juan<sub>i</sub> insiste en que Ana<sub>j</sub> confía en sí<sup>\*</sup><sub>i,j</sub>. (Otero 1999, p. 1446)

Grupos		Pronomes reflexos		Pronomes não reflexos	
		correferência	referência disjunta	correferência	referência disjunta
espanhol L1	intermédio	99,38%	0%	23,89%	80,62%
	avançado	97,5%	6,66%	30,41%	79,58%
italiano L1	intermédio	94,95%	5,83%	7,5%	100%
	avançado	94,28%	5,71%	11,42%	95,71%
controlos		97,44%	1,16%	33,25%	74,41%

**Tabela 1:** Interpretação de pronomes fortes em frases simples (aceitação de leituras de correferência com o sujeito / referência disjunta com o sujeito)

Grupos		Antecedente local	Antecedente não local
espanhol L1	intermédio	93,75%	29,16%
	avançado	76,66%	48,61%
italiano L1	intermédio	89,65%	37,5%
	avançado	94,28%	27,5%
controlos		68,37%	62,64%

**Tabela 2:** Interpretação de pronomes reflexos em frases complexas

### Referências:

- Brito, A. M., I. Duarte & G. Matos (2003) Tipologia e distribuição das expressões nominais. In M. H. M. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte & I. Faria (orgs.) *Gramática da Língua Portuguesa*, 5ª ed. Lisboa: Editorial Caminho, 795-867.
- Domínguez, L., G. Hicks & H.-J. Song (2012) Untangling Locality and Orientation Constraints in the L2 Acquisition of Anaphoric Binding: A Feature-Based Approach. *Language Acquisition* 19:4, 266-300. // Finer, D. & E. Broselow (1986) L2 acquisition of reflexives. In S. Berman, J.-W. Choe & J. McDonough (orgs.) *Proceedings of NELS 16*, University of Massachusetts, Amherst: GLSA, 154-168.
- Giorgi, A. (1984) Toward a Theory of Long Distance Anaphora: A GB Approach. *The Linguistic Review* 3, 307-359. // Kim, E., S. Montrul & J. Yoon (2015) The on-line processing of binding principles in second language acquisition: Evidence from eye tracking. *Applied Psycholinguistics* 36:6, 1317-1374.
- Manzini, M. R. & K. Wexler (1987) Parameters, binding theory, and learnability. *Linguistic Inquiry* 18:3, 413-444.
- Menuzzi, S. & M. Lobo (2016) Binding and pronominal forms in Portuguese. In W. L. Wetzels, S. Menuzzi & J. Costa (orgs.) *The Handbook of Portuguese Linguistics*, Wiley-Blackwell, cap. 18.
- Napoli, D. J. (1979) Reflexivization across Clause Boundaries in Italian. *Journal of Linguistics* 15, 1-28.
- Otero, C. P. (1999) Pronombres reflexivos y recíprocos. In I. Bosque & V. Demonte (orgs.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Madrid: Espasa-Calpe, 1428-1517.
- Silva, C. (2015) *Interpretation of clitic, strong and null pronouns in the acquisition of European Portuguese*. Dissertação de doutoramento, FCSH/UNL.
- Sorace, A. (2011) Pinning down the concept of 'interface' in bilingualism. *Linguistic Approaches to Bilingualism* 1:1, 1-33.
- Thomas, M. (1989) The interpretation of English reflexive pronouns by nonnative speakers. *Studies in Second Language Acquisition* 11, 281-301.
- Thomas, M. (1991) Universal Grammar and the interpretation of reflexives in a second language. *Language* 67, 211-239.
- White, L. (2003) *Second Language Acquisition and Universal Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press.
- White, L., J. Bruhn-Garavito, T. Kawasaki, J. Pater & P. Prévost (1997) The researcher gave the subject a test about himself: problems of ambiguity and preference in the investigation of reflexive binding. *Language Learning* 47:1, 145-172.

## MARIA JOSÉ FINATTO

### **Corpus-amostra Português do século XVIII- enfoque diacrônico de terminologias da Medicina em atividades de ensino para estudantes de Letras no Brasil**

*Corpora*, conforme a Linguística de Corpus, são acervos textuais transpostos para formato digital, reunidos sob critérios específicos, passíveis de tratamento computacional, servindo para representar um estado de uso de língua (BERBER SARDINHA, 2004). Esses acervos têm estado associados a muitas pesquisas linguísticas da atualidade. Entretanto, *corpora* históricos são bem menos abundantes do que os contemporâneos, pois sua produção é nada trivial, visto envolver trabalho com manuscritos e impressos antigos. Apesar disso, há esforços para a construção de uma “filologia digital”, com destaque para o Português (QUARESMA, 2013; PAIXÃO DE SOUSA, 2013), além de já haver *softwares* especiais para esse tipo de trabalho, como o E-Dictor (<https://humanidadesdigitais.org/edictor/>), que permite armazenar e visualizar a imagem do documento-fonte, suas transcrições nas grafias original e atualizada, além de oferecer buscas pontuais e categorização de palavras. Ainda assim, em documentos impressos antigos, ortografias e tipografia variáveis são barreira para o reconhecimento ótico automático de caracteres, ao que se somam o tratamento do texto em termos de segmentação, marcação e identificação de unidades de sentido, símbolos, palavras, decomposição de abreviaturas, sentenças, entre outros. Não obstante, já contamos com alguns grandes acervos: o *corpus* da pesquisa *Para uma História do Português Brasileiro* (PHPB, 1998); o *corpus* histórico do *PE Tycho Brahe* (Fase I, 1998-2003, Fase II, 2008-2009), o *corpus BIT-PROHPOR* (Programa para a História da Língua Portuguesa) e o acervo documental do *Dicionário Histórico do Português do Brasil* (DHPB). Visando contribuir para haver mais acervos desse tipo, mas visando algo bem mais modesto e específico, planejado apenas para apoiar atividades didáticas no curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), relatamos aqui condições e procedimentos iniciais para a composição de um *corpus*-amostra de obras impressas em Português do século XVIII no macrotema “doenças e seus tratamentos”. Os propósitos didáticos do intento são: a) divulgar a importância dos *corpora* históricos - com destaque para os em Português - para diferentes tipos de pesquisas em Letras e em áreas afins; b) subsidiar professores e alunos com *corpora* e indicação de recursos computacionais para o seu estudo em termos de léxico-estatística; c) sugerir atividades de ensino para uma introdução ao estudo diacrônico do vocabulário e das terminologias médicas nesses documentos. Em um estudo-piloto, utilizamos partes do livro *Observações Medicas Doutrinaes de cem casos gravíssimos (...)* impresso em Lisboa, em 1707, da autoria do médico João Curvo Semedo (1635-1719). Disponível em *Google Books*, a obra tem mais de 600 páginas e traz 101 segmentos. Cada segmento é uma observação de caso/paciente e a indicação do autor sobre seus melhores tratamentos. Com os segmentos indicados (LOURENÇO, 2016) como os mais relevantes para a história da Medicina em língua portuguesa, buscamos padrões quantitativos do vocabulário do texto na sua grafia original e quisemos identificar problemas e necessidades para lidar com o todo da obra. O segmento *Observação XCII*, sobre mulheres recém-paridas, submetemos aos *softwares* AntConc (ANTONY, 2014) e TermoStat (DROUIN, 2003), não planejados para textos antigos, mas escolhidas por serem grátis, de fácil uso e familiares aos estudantes da UFRGS. Com AntConc, listamos as palavras do segmento, obtendo 1.317 palavras (*tokens*) e 536 palavras distintas (*types*). O segmento mostrou 40% de variedade do vocabulário e um conjunto de 355 palavras de ocorrência única, sendo CAMARAS (atual **diarréias**) o item lexical mais frequente. Com TermoStat, que mostra especificidades de um texto de caráter técnico-científico

atual frente a um grande acervo de textos atuais de temática genérica, arrolamos as, em tese, maiores peculiaridades do segmento quanto à distribuição estatística do vocabulário.

Com a grafia antiga, as palavras mais peculiares foram SANGRIA e MEDICO (sem acento). O mesmo segmento, com grafia atualizada, foi processado pelas mesmas duas ferramentas e não exibiu resultados muito distantes dessa contagem de palavras, proporção de variedade do vocabulário e número de palavras únicas. Inicialmente, a ferramenta AntConc foi a mais produtiva enfrentar o desafio da grafia original do texto, salientando-se seu tratamento da diversidade e frequência de formas gráficas, especialmente com a medida da variedade proporcional do vocabulário (*Type-Token Ratio*) e indicação da proporção de palavras de ocorrência única. Por sua vez, TermoStat, como identifica as formas atuais da escrita e categoriza as palavras por classes morfológicas, para então contrastar o segmento com um acervo da atualidade, demanda mais experimentos para melhor aproveitamento. Assim, pareceu-nos viável seguir o trabalho com o todo da obra na sua versão original, *in natura*, com AntConc, que também aponta especificidades do vocabulário do texto frente a outros textos – com o mesmo tipo de grafia – sem necessidade de uma cópia de cada segmento com grafia atualizada. A atualização ortográfica, entretanto, integraria um conjunto de exercícios de aula para os estudantes, que poderiam, colaborativamente, sob supervisão de professores, ajudar a enriquecer e ampliar esse *corpus*-amostra.

### Referências

- BERBER SARDINHA, Tony. **Linguística de Corpus**. Barueri- SP, São Paulo: Manole, 2014.
- QUARESMA, P. Análise linguística de documentos da Biblioteca Pública de Évora. Uma abordagem informática In: GONÇALVES, M.Filomena & BANZA, Ana P. (coord.), **Património textual e humanidades digitais: da antiga à nova Filologia**. Évora: Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora (CIDEHUS)/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), 2013. Disponível em <http://books.openedition.org/cidehus/1091>
- ANTHONY, L. (2014). AntConc (Version 3.4.3) [Computer Software]. Tokyo, Japan: Waseda University. Disponível em <http://www.laurenceanthony.net/>
- DROUIN, Patrick (2003). Term extraction using non-technical corpora as a point of leverage, **Terminology**, vol. 9, n. 1, p. 99-117.
- LOURENÇO, Tânia Souza. **O médico entre a tradição e a inovação: João Curvo Semedo**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História, Niterói-RJ, 2016.
- PAIXÃO DE SOUSA, M. C. *A Filologia Digital em Língua Portuguesa: Alguns caminhos*. In: In: GONÇALVES, M.Filomena & BANZA, Ana P. (coord.), **Património textual e humanidades digitais: da antiga à nova Filologia**. Évora: Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora (CIDEHUS)/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). Disponível em <http://books.openedition.org/cidehus/1089>.

## DANIELLE GOMES

### Vocalismo postônico não final no Português de São Tomé

Neste trabalho, focalizam-se aspectos relativos ao sistema vocálico átono de uma variedade africana do Português: o Português de São Tomé. Em um momento inicial, busca-se descrever a constituição do vocalismo postônico não final da variedade são tomense, com foco na identificação dos elementos vocálicos que constituem o sistema átono não final da variedade. Em uma etapa posterior, observa-se a atuação da regra de apagamento da vogal postônica não final e a consequente regularização dos itens lexicais proparoxítonos em paroxítonos (chácara >chacra, árvore>arvri).

Toma-se por hipótese que o comportamento sistema vocálico átono e a regularização dos proparoxítonos em paroxítonos têm de ser considerados em função do grau de contato entre o Português e o Forro, línguas que coexistem – mas faladas em proporções distintas – na Ilha de São Tomé, local de recolha dos inquéritos que servem de base para a investigação.

Para a análise, recorreu-se às entrevistas, de perfil sociolinguístico, realizadas em 2009 e reunidas pelo corpus VARPOR, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Com apoio do instrumental teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança, os dados recolhidos são analisados em busca dos condicionamentos linguísticos e sociais que atuam na regularização das variantes do sistema postônico não final e na aplicação da regra de apagamento da vogal postônica.

Os resultados preliminares indicam que sistema vocálico postônico não final da variedade são tomense se assemelha ao que observou Camara Jr. (2011[1970]) para o Português Brasileiro: um sistema composto por quatro segmentos - /a, E, i, U/ - , com neutralização entre as vogais média a alta da série posterior (monót[u]na, ép[u]ca). Quanto à redução dos vocábulos proparoxítonos ao padrão acentual paroxítono, verifica-se que é um processo bastante frequente (34.7%), condicionado por fatores fonético-fonológicos (natureza do segmento precedente e estrutura da sílaba tônica), morfológicos (classe gramatical do item) e a escolaridade do indivíduo.

A frequência considerável de apagamento pode estar associada ao processo de formação do Português de São Tomé e sua relação com o Forro, língua em que a tendência geral é a de apagamento de segmentos, em favor da regularização dos vocábulos a sequências dissilábicas (Ferraz, 1979: 38).

### Referências Bibliográficas

- BRESCANCINI, Claudia Regina. Vogais postônicas não finais. In: BISOL, Leda e BATTISTI, Elisa. O português falado no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2014. pp.35-52.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. (2011 [1970]). Estrutura da Língua Portuguesa. 44.ed. Petrópolis, Vozes.
- FERRAZ, Luiz Ivens. (1979). The creole of São Tomé. Johannesburg: Witwatersrand University Press.
- HAGEMEIJER, Tjerk. (1999). As ilhas de Babel: A criouliização no Golfo da Guiné. Revista Camões 6. 74-88.
- \_\_\_\_\_. (2009). As línguas de São Tomé e Príncipe. Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola 1:1 (2009), 1-27.
- GOMES, Danielle K. (2012). Síncope em proparoxítonas: um estudo contrastivo entre o PB e o PE. UFRJ: Faculdade de Letras, Tese de Doutorado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa). INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. Características Educacionais da População. Recenseamento geral da população e habitação – 2012. São Tomé: INE, 2014. disponível em <http://www.ine.st/>. Acesso em 10 de maio de 2016.
- SANTOS, Alessandra de Paula. (2015). Variação e mudança no vocalismo postônico medial em português. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas. Faculdade de Letras: Universidade Federal do Rio de Janeiro.

## ANABELA GONÇALVES

### Núcleos funcionais e reestruturação: uma análise comparada entre PE e PB

O objetivo central desta comunicação é o de analisar, numa perspectiva comparada, dados do PE e do PB que forneçam (mais) evidência para o papel das categorias funcionais na variação linguística (Borer 1984; Pollock 1989; Chomsky 1995, 2001; Baker 2008). Centrar-nos-emos na estrutura de reestruturação, cuja presença (como em PE) ou ausência (como em PB) se tem atribuído, no quadro da gramática generativa, à arquitetura funcional do domínio infinitivo (entre outros, Cyrino 2010; Gonçalves 1999; Gonçalves & Matos 2009, Wurmbrand 2015).

Contrariamente ao PE (Gonçalves 1999) e ao italiano (Rizzi 1982), o PB (Cyrino 2010) bloqueia a subida de clítico (cl-cl; cf. (1)) e o movimento longo de objeto (LOM; cf. (2)) em contextos de infinitivo (testes para reestruturação em Rizzi 1982). Cyrino (2010) atribui esta diferença entre PE e PB às propriedades de T encaixado, que, de acordo com a autora, é  $\square$ -defetivo em PE, mas apenas -incompleto em PB, sendo, neste último caso, apenas especificado quanto a traços de número (cf. Nunes 2008, para T finito encaixado). Assim, em PB, T encaixado não finito, especificado quanto a número, pode sondar e legitimar os clíticos e o DP objeto encaixado, o que impede cl-cl e LOM; já em PE, sendo  $\square$ -defetivo, T não se qualifica como sonda, o que obriga a cl-cl e LOM. Uma tal análise coloca alguns problemas: (i) T incompleto, em PB, bloqueia cl-cl e LOM em contextos infinitivos, mas permite a extração do sujeito encaixado em contextos finitos (hiper-elevação; cf. (3)); (ii) não explica, entre outros aspetos, por que razão sujeitos nominativos em domínios de infinitivo não flexionado são ilegítimos em PE e em PB, o que torna a diferença entre T defetivo e T incompleto pouco clara.

Nesta comunicação, mostrar-se-á que a diferença entre PE e PB no que diz respeito à reestruturação não decorre das propriedades de T, mas antes dos traços de Asp encaixado, núcleo funcional que é sempre ativo em PB, podendo ser  $\square$ -defetivo em contextos não finitos do PE. Assim, em PB, os clíticos são sondados no domínio de Asp e verificam os seus traços- $\square$  contra os traços de Asp (Duarte, Matos & Gonçalves 2005), o que bloqueia cl-cl, o mesmo sendo verdade para o objeto encaixado, que verifica o traço de caso (acusativo) internamente ao domínio encaixado, pelo que LOM é bloqueado. Por sua vez, em PE, quando Asp é  $\square$ -defetivo, os clíticos não verificam os seus traços no domínio infinitivo, verificando-se o mesmo com o traço de caso do objeto encaixado, o que legitima cl-cl e LOM.

Uma análise que assuma diferentes propriedades para os traços do núcleo Asp permite, ainda, dar conta da variação entre PE e PB no que diz respeito à legitimação de elipse de VP (cf. Cyrino & Matos 2005; cf. (4)) e à posição dos clíticos em complexos verbais com auxiliares (cf. (5)).

- (1) O João não te quer ver. (OKPE / \*PB)
- (2) Não se podem antecipar resultados. (OKPE / \*??PB)
- (3) a. Os meninos<sub>i</sub> parecem que t<sub>i</sub> fizeram a tarefa.  
 b. Os estudantes<sub>i</sub> acabaram que t<sub>i</sub> viajaram mais cedo.  
 c. Aqueles funcionários<sub>i</sub> perigam que vão ser demitidos. (exemplos de Nunes 2008: 99)

- (4) a. Ela está a ler / lendo livros às crianças, mas ele não está \_\_\_\_. (PE/PB)  
 ( \_\_\_\_=[VP [está] lendo livros])  
 b. Ela está lendo livros às crianças, mas ele não está lendo \_\_\_\_. (PB)  
 ( \_\_\_\_=[vP [lendo] livros às crianças])  
 c. Ela está a ler livros às crianças, mas ele não está a ler \_\_\_\_. (PE) ( \_\_\_\_=[DP \_\_\_\_])  
 (Cyrino & Matos 2005: 81)
- (5) a. João tinha possivelmente me visto. (BP/\*EP) (Cyrino 2010)  
 b. O João não me tinha visto. (\*BP/EP)

### Referências:

- Ambar, M., E. Negrão, R. Veloso & L. Graça (2009). Tense domains in BP and EP – vP, CP and phases. In E. O. Aboh *et al.* (eds.). *Romance Languages and Linguistic Theory 2007*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 1-24.
- Baker, M. (2008). The macroparameter in a microparametric world. In T. Biberauer (ed.). *The Limits of Variation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 351-373.
- Borer, H. (1984). *Parametric Syntax*. Dordrecht: Foris.
- Chomsky, N. (1995). *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Chomsky, N. (2001). Derivation by phase. In M. Kenstowicz (ed.). *Ken Hale: A Life in Language*. Cambridge, MA: The MIT Press, pp. 1-52.
- Cyrino, S. & G. Matos (2005). Local licensers and recovering in VP ellipsis. *Journal of Portuguese Linguistics* 4: 79-112.
- Cyrino, S. (2010). On Romance syntactic complex predicates: Why Brazilian Portuguese is different. *Estudos da Língua(gem)* 8: 187-222.
- Duarte, I., G. Matos & A. Gonçalves (2005). Pronominal clitics in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics* 4: 113-141.
- Gonçalves, A. (1999). *Predicados Complexos Verbais em Contextos de Infinitivo não Preposicionado do Português Europeu*. Tese de doutoramento. Universidade de Lisboa.
- Gonçalves, A. & G. Matos (2009). Ellipsis and restructuring in European Portuguese. In Enoch O. Aboh *et al.* (eds.). *Romance Languages and Linguistic Theory 2007*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 109-129.
- Nunes, J. (2008). Inherent Case as a licensing condition for A-movement: The case of hyper-raising constructions in Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics* 7:83-108.
- Pollock, J.-Y. (1989). Verb Movement, UG and the structure of IP. *Linguistic Inquiry* 20: 365-424.
- Rizzi, L. (1982). *Issues in Italian Syntax*. Dordrecht: Foris.
- Wurmbrand, S. (2015). Complex predicate formation via Voice incorporation. In L. Nash & P. Samvelian (orgs.). *Approaches to Complex Predicates. (Syntax & Semantics Series 41)*. Brill Online, pp. 248-290.

## NOÉMIA JORGE e CARLA SILVA

### A síntese – da descrição linguística à transposição didática

A *síntese* é um género textual cujo domínio se revela fundamental para o desempenho de tarefas escolares e profissionais – em contexto escolar, é encarada como ferramenta de trabalho transdisciplinar ao serviço da construção de conhecimento; em contexto profissional, como formato de comunicação especializado.

A apropriação da síntese não se faz espontaneamente, mas decorre da aprendizagem formal, constituindo objeto específico de estudo na disciplina de Português (segundo os documentos normativos que regem esta disciplina, o estudo da síntese é conteúdo programático no Ensino Básico e Secundário).

No entanto, em Portugal são ainda escassos quer estudos que, cruzando as áreas da Linguística Textual e da Didática das Línguas, incidam não só sobre a descrição linguística da síntese, mas também na sua transposição didática.

Por forma a colmatar esta necessidade, esta apresentação tem em vista criar perspetivas de trabalho no concernente à descrição e didatização do género síntese (1). Assim, num primeiro momento, optando por uma via de abordagem predominantemente qualitativa e interpretativa, sintetizaremos os principais parâmetros linguístico-textuais da síntese, com base nos estudos teóricos disponíveis, tendo em conta sobretudo as relações que se estabelecem entre o(s) texto(s)-fonte e a síntese propriamente dita, bem como os procedimentos de seleção, condensação e reformulação de informação implicados nas fases de compreensão do texto-fonte e de produção da síntese.

Para isso, privilegiaremos estudos levados a cabo na área da descrição de géneros textuais, em geral (ex.: Coutinho 2006, Gonçalves & Miranda 2007, Coutinho & Miranda 2009) e da síntese, em particular (e.g. Bernié 1993, Wirthner 2006, Jorge 2017). Num segundo momento, partilharemos um percurso didático que operacionaliza o processo de ensino-aprendizagem da síntese. Testado em trabalho de campo, com uma turma de 7.º ano de escolaridade, este percurso tem como ponto de partida o visionamento ativo do vídeo “A maior lição do mundo” (UNICEF), envolvendo atividades de compreensão e produção textual (oral e escrita) e potenciando o desenvolvimento da Literacia Científica (área do Desenvolvimento Sustentável).

Partindo de um caso específico – o ensino-aprendizagem do género síntese –, pretendemos reforçar a utilidade que o trabalho colaborativo entre investigadores e professores pode ter para o desenvolvimento das áreas da Linguística (Aplicada ao Ensino) e Didática das Línguas. Se a qualidade das práticas escolares depende do conhecimento teórico-epistemológico que as sustenta, a investigação em Didática ou Linguística Aplicada não pode deixar de passar também pela partilha e reflexão sobre práticas pedagógicas atestadas.

(1) Nesta comunicação serão apresentados alguns resultados da investigação realizada no âmbito do projeto *Promoção da Literacia Científica* (financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian e desenvolvido no Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa).

**Palavras-chave:** Síntese, género textual, transposição didática, Literacia Científica

#### Referências

- Bernié, J. P. (1993). *Raisonner pour résumer. Une approche systémique du texte*. Berne: Lang.
- Coutinho, M. A. (2006). “O texto como objecto empírico: consequências e desafios para a linguística”. In *Veredas*, 10, 1-2, pp. 1-13.
- Coutinho, M. A. & Miranda, F. (2009). “To describe textual genres: problems and strategies”. In *Genre in a Changing World. Perspectives on Writing*, pp.35-55. Colorado: The WAC Clearinghouse and Parlor Press.
- Gonçalves, M. & Miranda, F. (2007). “Analyse textuelle, analyse de genres: quelles relations, quels instruments?”. In *Presses Universitaires de Grenoble*, 1, pp. 47-53.
- Jorge, N. (2017) “A síntese nos textos de divulgação científica”. In *12.º ENAPP*, Lisboa (Comunicação).
- Wirthner, M. (2006). “Le résumé d'un texte informatif s'enseigne-t-il ? Des outils sémiotiques pour l'enseignant”. In B. Schneuwly ; T. Thévenaz-Christen (Dir.) *Analyses des objets enseignés. Le cas du français* (pp. 159-177). Bruxelles : De Boeck.

## VICTOR MÉRCIA JUSTINO

### Tipologia semântica das condicionais no Português de Moçambique, com foco na distribuição do tempo e modo verbais

Nesta comunicação, procurarei explorar a tipologia semântica das condicionais no PM e sua relação com os tempos e modos verbais, em comparação sobretudo com o PE. A base empírica do PM foi obtida pela pesquisa de *corpora* no CRPC e CETEMPúblico. A análise destes dados mostra que, como nos dados de *corpora* CRPC e CETEMPúblico do PE e nas outras línguas (Lobo 2013, Montolío 1999, e.o.), à leitura factual está associado apenas o indicativo quando o antecedente é tido como um facto em t0 (1). Nas factuais em que o que é um facto é a frase total/correlação antecedente + conseqüente (2),<sup>1</sup> ao contrário do PE, no PM, (i) é também selecionado, no antecedente, o conjuntivo (2a,b), que pode alternar com o indicativo mantendo-se o tempo do conseqüente, e (ii), semanticamente, admitem sempre uma paráfrase com *caso* (2c). Quanto às hipotéticas (i.e., o valor de verdade do seu antecedente é desconhecido; Marques 2001), o indicativo e o conjuntivo podem ser selecionados, tal como no PE (Marques 2016, Justino 2016, e.o.). Porém, no PM, o indicativo pode ser usado em contextos em que, no PE, o conjuntivo é obrigatoriamente selecionado (3). Nas contrafactuais (i.e., falsas; Lakoff 1970), o PM recorre apenas ao conjuntivo (Imperfeito e Pretérito Mais-que-Perfeito), enquanto, no PE, também se usa o indicativo (4). No PM, mas não no PE, a contrafactualidade pode ser ainda expressa por *fosse (que) + Imperfeito do Indicativo do verbo principal* (5), bem como pode sobressair em condicionais com um valor *discursivo particular* e que não são coordenáveis com adversativas de polaridade inversa (6a), o que é contrário ao que acontece nas contrafactuais comuns (6b). Em síntese, o PM distingue-se do PE e de outras línguas por poder usar, para além do indicativo, o conjuntivo, nas factuais, e por recorrer apenas ao conjuntivo, nas contrafactuais. A correspondência entre os valores semânticos e o tempo/modo é biunívoca nas contrafactuais, mas não nas factuais ou nas hipotéticas.

<sup>1</sup> Para estas condicionais, T. Mória (c.p.) sugeriu-me o termo *correlativas de eventos/situações*, o que tanto agradeço. Estas condicionais são também designadas na literatura por *genéricas habituais* (Norris 2003, Lopes 2009, Justino 2016, e.o.).

#### Exemplos:

- (1) A: *Se o branco não **chegou** até aqui* como é que lhe cortou?/ B: *É que fui chamado lá na casa dele. Cortei dele, cortei dos filhos também.* (CRPC)
- (2) a. *Portanto ali o gado às vezes perdia-se, se se **perdesse**, o pai tinha que nos mandar ir à procura.* (CRPC)  
 (= ...**quando se perdesse/perdia** o pai tinha que nos mandar ir à procura.)  
 b. *Alguns membros da comunidade participam com regularidade em todas actividades, outros apenas participam se **houver dinheiro**.* (CRPC)  
 (=outros apenas participam **sempre que houver/há** dinheiro.)  
 c. *Se não vou correr nas manhãs, estou com um grupo de amigos.* (= **Caso** não vá correr nas manhãs, estou com um grupo de amigos).
- (3) a. *Nós estaríamos muito felizes se **podemos** dispor de infra-estruturas que pudéssemos apenas reformar,* disse Chissano.
- CRPC
- b. *Não vendo atacado, mas se **conseguia** ter um dinheiro de vender atacado, ia vender.*  
 c. *Se eu te **levo** para Lichinga, vais encontrar pessoas que falam português de maneiras diferentes.*

- (4) a. Se **tem marcado** esse golo, o FC Porto ganhava. (CRPC) (= okPE/ \*PM)  
 b. Se Arnold **faz** o 2x2, seria uma noite fantástica para ele. (= okPE/ \*PM)

(5) Aquele homem é um fugista. *Se não fosse (que) era um fugista*, ele havia de parar aqui. (CRPC)

- (6) a. *Se Wazimbo não fosse cantor*, seria cantor. par=2 (= *Wazimbo canta tão bem que mesmo que não fosse cantor, sê-lo-ia sempre*) / (?*Se Wazimbo não fosse cantor, mas é*, seria cantor./ \**Wazimbo é cantor nem é cantor.*)  
 b. *Se eu tivesse feito exame*, eu estou consciente que passava este curso. (CRPC) (Pressupõe que *não fiz exame nem passei de curso.*) / (ok*Se eu tivesse feito exame, mas não fiz*, eu estou consciente que passava este curso.)

### Referências

- Lakoff**, George (1970). Linguistics and natural logic. *Synthese* 22 (1/2), pp. 151-271.  
**Lobo**, Maria (2013). Subordinação Adverbial. In Eduardo Paiva Raposo *et al.* (orgs.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 1879- 2057.  
**Justino**, Víctor (2016). Os Valores Semânticos das Condicionais e sua Relação com os Tempos e Modos Verbais. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística* 2, pp. 265-293.  
**Montolíó**, Estrella (1999). Las constructiones condicionales. In Ignacio Bosque & Violeta Demonte (orgs.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa, pp. 3643-3737.  
**Marques**, Rui (2001). O Modo em Condicionais Contrafactuais e Hipotéticas. In Textos Seleccionados do XVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: APL, pp. 325-335.  
**Marques**, Rui (2016). O modo Conjuntivo. In Ana Maria Martins e Ernestina Carrilho (eds.). *Manual de Linguística Portuguesa*. Gruyter, pp. 610-635.

## AUDRIA LEAL

### O “narrar” em textos multimodais: o caso do gênero reportagem

Este trabalho tem como objectivo analisar a construção do “narrar” no género textual *reportagem* nas revistas portuguesas *Visão* e *Sábado* e nas revistas brasileiras *Veja* e *Carta Capital*. Segundo Martins (2010), “a reportagem escrita é cumulativamente associada a uma narrativa”. Como consequência, a construção do narrar neste género estará pensada para atender a sua função social de fornecer “uma informação original, rigorosa e sólida” (Livro de Estilo, Público: 27). A partir deste pressuposto, procurar-se-á mostrar como o narrar participa na construção dos fatos jornalísticos. Além disso, nesta pesquisa, assume-se que a reportagem é multimodal uma vez que congrega diferentes modos semióticos - produções verbais e não verbais. Assim, procurar-se-á, na análise, ter em consideração as diferentes representações da linguagem, tanto linguística quanto não verbal.

Para atingir esse objetivo, teremos como base dois quadros teórico-metodológicos. O primeiro é o do interacionismo sóciodiscursivo, proposto por Bronckart (2008) que procura mostrar como as operações psicológicas realizadas por um produtor determinam a escolha do género e a arquitetura textual. É na arquitetura que se encontra as operações que determinam a construção dos mundos discursivos “narrar” e “expor”. Para dar conta da análise dos elementos não-verbais, assumiremos a perspectiva da Semiótica Social (Kress e van Leeuwen, 2006) que apresenta um modelo de análise aplicado aos textos multimodais. Dar-se-á relevância à metafunção “representacional”, uma vez que é nesta categoria que cabem os processos que indicam a categoria representacional narrativa.

No intuito de atingir o objetivo proposto, esta apresentação contemplará três partes: na primeira parte centrar-se-á na apresentação do quadro teórico do ISD, procurando efetuar uma inter-relação com a Semiótica Social; na segunda parte procurar-se-á mostrar como se dá a construção do mundo discursivo do “narrar” e a interacção com a representação narrativa, numa abordagem comparativa entre o português europeu e português brasileiro; em seguida, na terceira parte, verificar-se-á de que forma o narrar se constrói na produção dos fatos jornalísticos no Brasil e em Portugal. Como resultado da nossa análise, esperamos contribuir para um estudo de textos em que se congregam os elementos linguísticos e não-verbais, verificando a forma como eles se articulam nos textos para uma construção de significados, atendendo, inclusive a função social dos géneros textuais em contextos culturais diferentes (Meurer, 2006).

#### Bibliografia:

- Bronckart, Jean-Paul. (2008). Genre de textes, types de discours et degrés de Langue langue. In: Revue Texto! Janvier, vol. XIII, nº 1. Disponível em: [http://www.revue-texto.net/docannexe/file/86/bronckart\\_rastier.pdf](http://www.revue-texto.net/docannexe/file/86/bronckart_rastier.pdf)
- Kress, G. & Van Leeuwen, Theo. (2006). Reading Images: The Grammar of Visual design. London: Routledge.
- PÚBLICO (1998). Livro de Estilo. Edição de Fevereiro de 1998. Disponível em: [http://static.publico.pt/nos/livro\\_estilo/](http://static.publico.pt/nos/livro_estilo/)
- MARTINS, Ana (2010). A Textualização da Viagem: Relato vs. Narração. Porto: U. Porto editorial.
- MEURER, J. L. (2006). Integrando estudos de géneros textuais ao contexto de cultura. In: A. Karwoski, B. Gaydeczka & K. Brito (orgs.). *Géneros Textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, pp. 165-182.

## ELENA LOMBARDO

### Para uma caracterização linguística dos testemunhos do “Sumario de todas as cousas sucedidas em Berberia...” – Os clíticos

Neste trabalho irei apresentar algumas reflexões a respeito da transmissão de um relato historiográfico anônimo sobre a campanha de África de D. Sebastião. Tal texto é registrado em dois manuscritos do século XVII com o título *Sumario de todas as cousas sucedidas em Berberia desde [...] 1573 te [...] 1578 [...]* e num manuscrito do século XVIII com o título *Historia da jornada del Rey D. Sebastiam a Africa [...]*. Trata-se, respectivamente, do Ms. Nº 41, Serie 2422 da Biblioteca Nacional de Espanha, do COD. 13282 da Biblioteca Nacional de Portugal e do CIII/114, série 1 da Biblioteca Pública de Évora. O manuscrito da BNE foi editado em 1987 por Francisco Mascarenhas Loureiro; o lisboeta foi objeto de duas edições – uma diplomática e uma semidiplomática – disponibilizadas online em 2015 e o eborense, por sua vez, foi recentemente identificado pelo Dr. Filipe Alves Moreira. As considerações aqui elaboradas integram-se às atividades de preenchimento das casas do campo bibliográfico do *Sumario*. Para os três manuscritos conhecidos, de fato, pretendo desenvolver edições filológicas com diferentes graus de intervenção, disponibilizando o texto para pesquisas linguísticas com vista a encaminhar uma mais ampla reflexão sobre as características textuais dos relatos acerca da ocupação portuguesa do noroeste da África. Nomeadamente, nesta comunicação, proponho a expor algumas reflexões suscitadas pela análise dos clíticos contidos nos três testemunhos. Para tanto, irei apresentar brevemente o texto e registrar alguns dados sobre a materialidade dos três manuscritos. Em seguida, irei proceder à catalogação dos dados e ao estudo de casos. Será, portanto, com base em critérios filológicos, linguísticos e materiais que irei propor algumas considerações acerca da transmissão do *Sumario*, uma possível datação dos testemunhos e uma hipótese de estema.

**Palavras-chave:** Linguística Histórica; Clíticos; Transmissão manuscrita; Crônicas Históricas Portuguesas; História do Português.

CASTRO, Ivo, RAMOS, Maria Ana. “Estratégia e tática da transcrição”. In: Critique textuelle portugaise (Paris, 1981). Actes du colloque. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, 1986, pp. 99-122.

Crónica do Xarife Mulei Mahamet e delRey D. Sebastião 1573-1578: introdução e notas por LOUREIRO, Francisco de Sales Mascarenhas. Lisboa: Europress, 1987.

FERREIRA, Teresa A. S. Duarte. Catálogo da Coleção de Códices (COD. 1288813292). Lisboa: BN, 1999.

LOMBARDO, Elena. Do *grande incêndio que tam raro movimento a Berberia pertubou*: estudo e edição diplomática de um relato histórico quinhentista. 2015a.

Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

MARTINS, A. (Ed.) & CARRILHO, E. (Ed.) (2016). Manual de linguística portuguesa. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton.

## VANESSA LÓPEZ

### Particípios parasíticos em português? O caso do Gerúndio composto

Normalmente considera-se que o Gerúndio Composto português (*tendo* + particípio passado; GC) expressa uma relação de anterioridade relativamente à situação descrita pela frase matriz, como exemplificado em (1). No entanto, em certas construções, o GC pode veicular um valor de sobreposição ou posterioridade relativamente à situação descrita pela oração principal<sup>1</sup> (cf. Mória e Viotti 2005, Lobo 2006, Cunha, Leal e Silvano 2008), como exemplificado em (2). O tema deste trabalho será a análise deste GC de posterioridade, assim como das suas semelhanças com os Particípios Parasíticos nas línguas germânicas, com o objetivo de propor uma análise unificada de ambos os fenómenos.

1 A partir de agora, usarei o termo “GC de posterioridade” para referir as orações adverbiais em que o GC veicula um valor de sobreposição ou posterioridade relativamente à situação descrita pela oração principal.

Baseado na análise de dados do CETEMPúblico, observam-se as seguintes características do GC de posterioridade: (i) a oração gerundiva ocorre à direita, (ii) o verbo da frase matriz ocorre num tempo [+ ant], isto é, num tempo verbal que localize a situação por ele descrita antes do momento de enunciação, e (iii) o GC pode alternar livremente e sem alteração de significado com o Gerúndio Simples. Defenderei que o GC de posterioridade é estruturalmente diferente do tradicional GC de anterioridade e surge de forma parasítica em certas configurações sintáticas. Assumindo que o núcleo T das gerundivas é inserido na derivação com traços temporais subespecificados, defenderei que, no caso do GC de posterioridade, o Tger é c-comandado pelo Tmatriz, o que permite a especificação dos traços temporais de Tger através duma relação de *Agree* com o Tmatriz. Se o Tmatriz contiver o traço [+ ant], o Tger herda este traço, o que possibilita a aparição do GC como marca morfológicamente visível desta relação estrutural.

Nas línguas germânicas encontramos um fenómeno semelhante, nomeadamente os chamados Particípios Parasíticos, exemplificado em (3) para o norueguês. Wurmbrand (2012) refere três características comuns destes particípios: (i) são opcionais e alternam livremente com o infinitivo, (ii) só podem ocorrer c-comandados por certos núcleos e (iii) não possuem valor semântico perfetivo, tendo a mesma interpretação que o infinitivo. Se compararmos estas três propriedades com as propriedades do GC de sobreposição ou posterioridade, observamos um claro paralelismo, que poderia ser um indício de que ambos os fenómenos se baseiam no mesmo mecanismo sintático.

(1) Tendo tomado o pequeno-almoço, a Ana sai de casa. (anterioridade)

(2) A Ana saiu de casa, tendo ido diretamente ao aeroporto. (posterioridade)

(3) *Jeg hadde villet lest / lese boka.*

eu tinha quererPART ler.PART / ler.INF livro.DEF

‘Eu teria querido ler o livro.’ (Wiklund 2001: 201)

**Referências**

- Cunha, Luís Filipe, António Leal e Purificação Silvano (2008). "Relações Retóricas e Temporais em Construções Gerundivas Adverbiais", in Fátima Oliveira e Isabel Duarte, *O Fascínio da Linguagem: Homenagem a Fernanda Irene Fonseca (Actas do Colóquio)*, Porto, pp. 265-276.
- Móia, Telmo e Evani Viotti (2005). "Sobre a Semântica das Orações Gerundivas Adverbiais", in *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Lisboa, 13-15 de Outubro de 2004)*, Lisboa: APL, pp. 715-729.
- Lobo, Maria (2006). "Dependências temporais: a sintaxe das orações subordinadas gerundivas do português", in *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, v. 10, nº 1 e 2.
- Wiklund, Anna-Lena (2001). "Dressing up for vocabulary insertion: the parasitic supine", em *Natural Language and Linguistic Theory* 19.1, pp. 199-228.
- Wurmbrand, Susi (2012). "The Syntax of Valuation in Auxiliary-participle Constructions", em *Coyote Working Papers: Proceedings of the 29th West Coast Conference on Formal Linguistics (WCCFL 29)*, ed. by Jaehoon Choi et al., pp. 154-162.

## PAULA LUEGI, MÁRCIO LEITÃO, MÁRIO CARVALHO, MATHEUS BARBOSA e MARIA ARMANDA COSTA

### Efeitos de codificação e de recuperação no processamento de pronomes reflexivos com e sem marcação de gênero em PE e em PB

Desde o trabalho de Nicol e Swinney (1989) que se discute a intervenção das restrições descritas nos princípios da Teoria da Ligação (Chomsky, 1981) durante o processamento de formas reflexivas. Por um lado, existem propostas que defendem que a informação sintática é usada exclusivamente e bloqueia qualquer antecedente sintaticamente indisponível, designadas de *structure-based accounts* (Nicol e Swinney, 1989), de outro as que consideram que diferentes fontes de informação, para além da sintática, são ponderadas e interferem no processamento de reflexivos, designadas de *unconstrained cue-based accounts* (Badecker e Straub, 2001). No entanto, todos os trabalhos que investigaram esta questão manipularam traços de gênero para criar restrições à formação da cadeia, o que é possível no Inglês, mas que pode não ser necessário numa língua como o Português onde há reflexivos marcados e não marcados.

Recentemente, Jager et al. (2015) avaliaram estruturas com formas reflexivas em Alemão, uma língua em que os reflexivos não são marcados em gênero, para testar se os resultados encontrados em estudos anteriores (mais tempo no processamento na frase (1) do que na frase (2)) se deviam a efeitos de codificação ou de recuperação.

(1) John said that Peter had pricked himself.

(2) Mary said that Peter had pricked himself.

Os efeitos de *codificação* ocorrem quando dois itens partilham traços iguais, ainda que estes traços não sejam necessários à recuperação do antecedente (possível efeito de memória): p.ex., mais tempo em (3a.) do que em (4a.). Por outro lado, os efeitos de *recuperação* ocorrem quando dois itens partilham traços necessários à recuperação (possível efeito sintático): p.ex., mais tempo em (3b.) do que em (4b.). Em Inglês, mais tempo de processamento na condição (1) pode ser explicado tanto por efeitos de codificação como de recuperação. Assim, em Português, ou em qualquer língua em que o reflexivo não seja marcado em gênero, é possível distinguir efeitos de codificação de feitos de recuperação.

(3) a. O João disse que o Pedro antes do jantar se magoou com a faca do pão.

b. O João disse que o Pedro antes do jantar se magoou a si mesmo com a faca do pão.

(4) a. A Ana disse que o Pedro antes do jantar se magoou com a faca do pão.

b. A Ana disse que o Pedro antes do jantar se magoou a si mesmo com a faca do pão.

Com o objetivo de verificar se a disponibilidade de traços de gênero, presentes em formas de redobro em Português Europeu (PE), pode esclarecer o processamento de tais cadeias, realizámos um estudo, em PE, com formas reflexivas simples ("se") em posição proclítica, Exp1, e com formas reflexivas de redobro ("se... a si mesmo"), Exp2. Foram testadas frases como (3) e (4) numa tarefa de

leitura automonitorada com pergunta final (*Quem se magoou?*). Os resultados mostram uma maior taxa de erro ( $p < 0.001$ ) nas condições com sobreposição de gênero (3) do que nas condições sem sobreposição (4) mas nenhuma diferença nos tempos de leitura, apontando assim no mesmo sentido do estudo de Jager et al. (2015). Jager et al. (2015) concluem que, não tendo encontrado efeitos *on-line* (tempos de leitura) de interferência do distrator do mesmo gênero em condições semelhantes a (3a.), em contraste com (4a.), não só não se pode considerar que os resultados dos estudos anteriores se devam a efeitos de *codificação* (e portanto não é um efeito de sobrecarga de memória) como consideram que são explicados por efeitos de *recuperação*, apoiando as propostas *unconstrained cue-based*.

Para além dos dados do PE, apresentaremos e discutiremos ainda dados de uma experiência em que se testaram, em Português do Brasil, estruturas como as testadas em PE mas em que se omitiu o pronome reflexivo *se*, mantendo apenas a forma de redobro (*O João/A Ana disse que o Pedro antes do jantar magoou a si mesmo...*). O objetivo desta experiência é verificar se nestas condições se encontra algum efeito, uma vez que para processar o reflexivo é necessário recorrer à informação de gênero, o que não acontece em PE, onde a forma de redobro aparece depois de o reflexivo (sem informação de gênero) ter sido integrado.

### **Referências bibliográficas:**

- Badecker, W., & Straub, K. (2002). The processing role of structural constraints on the interpretation of pronouns and anaphors. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, 4(28), pp. 748-769.
- Chomsky, N. (1981). *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris.
- Jäger, L. A., Benz, L., Roeser, J., Dillon, B. W., & Vasishth, S. (2015). Teasing apart retrieval and encoding interference in the processing of anaphors. *Frontiers in Psychology*, 6:506.
- Nicol, J., & Swinney, D. (1989). The role of structure in coreference assignment during sentence comprehension. *Journal of Psycholinguistic Research*, 18(1), 5-19.

## PAULA LUEGI, MARCUS MAIA e ARMANDA COSTA

### Impossibilidade, Obrigatoriedade e Opcionalidade: o uso de formas nulas e plenas em PE e em PB em contextos de subordinação

Apesar de o Português Europeu (PE) e de o Português do Brasil (PB) serem variedades de uma mesma língua e partilharem propriedades comuns, existem aspetos em que as duas variedades se têm vindo a afastar. Por exemplo, em PB, a posição de sujeito tem vindo progressivamente a ser preenchida (Duarte, 1995; Figueiredo Silva, 1996; Barbosa, Duarte e Kato, 2005), comparativamente com PE, sendo não só menos frequentes como também mais restritivos (Holmberg, 2010; Barbosa, Duarte e Kato, 2005) os contextos em que as formas nulas em posição de sujeito podem ocorrer. Holmberg, Nayudu e Sheehan (2009, entre outros) defendem que línguas de sujeito nulo parcial, como o PB (Roberts e Holmberg, 2010; Barbosa, 2011), não permitem que o sujeito nulo retome um antecedente que não o c-comande diretamente: por exemplo, em (1), a forma nula não pode ter uma referência exofórica e, em (3), a forma nula não pode retomar o sujeito da primeira oração (*João*), uma vez que há um sujeito mais próximo que interfere na relação de controlo. Em síntese, de acordo com as propostas referidas, enquanto que em PE há contextos em que é obrigatório ou preferível a omissão de sujeitos ( $[-] = \text{João}$  em (1)), em PB há contextos em que é obrigatório ou preferível o seu preenchimento ( $e/e = \text{João}$  em (4)).

- (1) O João<sub>1</sub> disse que  $[-]_1(\text{PE/PB})/2(\text{PE}/*\text{PB})$  comprou um carro.
- (2) O João<sub>1</sub> disse que  $e_1(?\text{PE/PB})/2(\text{PE/PB})$  comprou um carro.
- (3) O João<sub>1</sub> pensa que o Pedro<sub>2</sub> disse que  $[-]_1(\text{PE}/*\text{PB})/2(\text{PE/PB})$  comprou um carro.
- (4) O João<sub>1</sub> pensa que o Pedro<sub>2</sub> disse que  $e_1(?\text{PE/PB})/2(\text{PE/PB})$  comprou um carro.

No entanto, essas descrições linguísticas baseiam-se essencialmente em juízos intuitivos ou em dados de corpora, não se tendo analisado, neste último caso, detalhadamente os contextos sintáticos em que as duas formas podem ocorrer nem, e sobretudo, os antecedentes retomados por cada uma das expressões. Uma vez que as condições de ocorrência e interpretação das formas nulas e plenas não se regem exclusivamente por princípios sintáticos, baseando-se muitas vezes em diferentes fontes de informação, consideramos necessário reforçar as descrições linguísticas com dados empíricos.

Neste trabalho apresentaremos dados de uma tarefa de produção em que os participantes completaram frases como *O João disse que \_\_\_\_\_* ou *O João acha que o Pedro disse que \_\_\_\_\_*, de modo a responder a dois objetivos centrais: (i) comparar, em termos absolutos, a frequência de ocorrência de formas nulas e plenas em PE e em PB em condições sintáticas como as apresentadas nos exemplos de (1) a (4); (ii) verificar, recorrendo a dados empíricos, se as restrições acima referidas, relativas às condições em que formas nulas e plenas ocorrem nas duas variedades de português, se verificam: retoma de antecedentes endofóricos ou exofóricos; efeito de sujeito interveniente.

**Referências bibliográficas:**

- Barbosa, P. (2011). Partial pro-drop as null NP-anaphora. *GLSA Publications*, <http://hdl.handle.net/1822/16200>.
- Barbosa, P., Duarte, E., & Kato, M. (2005). Null subjects in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 4:2, pp. 11-52.
- Duarte, E. (1995). *A perda do princípio "evite pronome" no português brasileiro*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.
- Figueiredo Silva, M. C. (1996). *A posição sujeito em português brasileiro: em frases finitas e infinitivas*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP.
- Holmberg, A. (2010). Null subject parameters. In T. Biberauer, A. Holmberg, I. Roberts, & M. Sheehan, *Parametric variation: null subjects in minimalist theory* (pp. 88-124). Cambridge: Cambridge University Press.
- Holmberg, A., Nayudu, A., & Sheehan, M. (2009). Three partial null-subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish and Marathi. *Studia Linguistica*, 63 (1), 59-97.
- Roberts, I., & Holmberg, A. (2010). Introduction. In T. Biberauer, A. Holmberg, I. Roberts, & M. Sheehan, *Parametric variation: null subjects in minimalist theory* (pp. 88-124). Cambridge: Cambridge University Press.

## NATALIA ZANINETTI MACEDO

### Estudo de criações antroponímicas no Brasil com base no sistema da língua inglesa

Nesta comunicação, partimos dos resultados de Macedo (2015) que fez um estudo de questões fonológicas e ortográficas de nomes próprios de brasileiros residentes na cidade de São Carlos, estado de São Paulo. Ao todo, foram analisados 14.716 antropônimos. Neste *corpus*, chamam-nos a atenção os casos de novas criações antroponímicas que tomam como base o sistema fonológico e/ou ortográfico da língua inglesa. Carvalho (2009, p. 68-69) destaca que o Brasil, dentre os países lusófonos, se caracteriza por ser o que mais adota, indiscriminadamente, nomes próprios de origem inglesa, sobretudo nos baixos extratos sociais urbanos e ressalta o fato de que “parece que a escolha é baseada na paráfrase ‘quanto mais estranho, melhor’”. Assim, durante o processo de composição dos prenomes, os pais, muitas vezes, levam em consideração o “quão bem ele soa” ou, então “o quanto se assemelha à grafia de um nome americano”, com o intuito de dar a seus filhos caráter de exclusividade, conferindo-lhes um nome pouco comum ou inexistente no país em que habitam. A liberdade de escolha de antropônimos é garantida pela legislação brasileira, que restringe somente a adoção de nomes vexatórios. Carvalho (2009) afirma ainda que, muitas vezes, as razões para escolhas de nomes com base no sistema da língua inglesa podem fundamentar-se no modelo norte-americano imitado pelo cidadão brasileiro como, não raras vezes, uma escada que lhe permite ascender no poder político e econômico. Em nossa análise de nomes “inventados” (isto é, que não constam em dicionários antroponímicos brasileiros consultados), constatamos que a maioria apresenta padrões silábicos e acentuais que fogem do que seria esperado na fonologia do Português Brasileiro (PB) ou cuja representação ortográfica distancia-se do padrão da ortografia da língua portuguesa para assemelhar-se a grafemas típicos do Inglês, como o caso de duplas consoantes ou a adoção das letras <k>, <y> e <w>, de forma semelhante ao que constatou Massini-Cagliari (2010, 2011a,b, 2013). Isso deixa claro, que, “ao buscar um imaginário ‘estrangeiro’ na nomeação de seus filhos, contraditoriamente, como falantes nativos de Português Brasileiro, acabam, com relação à sua própria língua materna, negando e reafirmando, ao mesmo tempo, sua identidade fonológica” (Massini-Cagliari, 2010, p. 88). Para a autora, ao fugir dos padrões prosódicos do PB, os falantes evidenciam que, como nativos da língua, conhecem muito bem a sua identidade linguística, em termos rítmicos, sendo que operam com e sobre ela perfeitamente. É isso que parecem provar os nomes que analisamos nesta ocasião, como Bryand, Cleanderson, Echely, Geanderson, Gerijhames, Guyfferson, Hendjemille, Hendrow, Jaddyson, Jéfyt, Jhãn, Jhefter, Jheíson, Joevellyn, Joseferson, Kariston, Kelves, Ketthysten, Kettily, Khelryn, Khenyffer, Khethylyn, Krystty, Leydson, Ranfley, Rhitchery, Richarlison, Rictely, Ruandson, Rulyffer, Sahymon, Sahyron, Shakyronhyw, Sigourney, Smedhyly, Snyllisson, Uélison, Weisler, Welyson Welyton, Wemilly, Wescley, Weshiley, Weskley, Weslany, Weslen, Wevertton, Wharley, Wichelly, Wilkerson, Winderson, Wythan entre outros. (Esta pesquisa recebeu financiamento da FAPESP: 2015/08197-3)

**Referências bibliográficas:**

- Carvalho, N. *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2009.
- Massini-Cagliari, G. Discutindo questões de identidade a partir da (não) adaptação fonológica de nomes próprios de origem estrangeira no Brasil. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *As interfaces da gramática*. 1ed. São Paulo/Araraquara: Cultura Acadêmica/Laboratório Editorial FCL, 2010, v.1, p.73-90.
- Massini-Cagliari, G. Loans and foreign first names as clues to Phonological Identity in Brazilian Portuguese. In: David Hornsby. (Org.). *Interfaces in language* 2.1 ed. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars, 2011a, v. 1, p. 53-67.
- Massini-Cagliari, G. Adaptação de nomes próprios de origem estrangeira: comparação entre português arcaico e português brasileiro. In: *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 40 (2), mai-ago, 2011b, p. 795-807.
- Massini-Cagliari, G. Changing Attitudes: Ways of Phonologically Adapting Proper Names in Archaic Brazilian and European Portuguese. In Marina Kolokonte and Vikki Janke (Ed.) *Interfaces in Language* 3. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars, 2013. p. 159-178.
- Macedo, N. Z. *Análise fonológica de nomes próprios de origem estrangeira e novas criações em Português Brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Unesp, Araraquara, 2015.

## ISABELLE SIMÕES MARQUES e MICHELLE KOVEN

### **(Co)narrações de viagens para Portugal por luso-descendentes no facebook**

Propomo-nos analisar um conjunto de práticas narrativas num grupo Facebook destinado à comunidade portuguesa em França, no qual os seus participantes produzem, de forma colaborativa, uma identidade não só coletiva como também migrante. Mais concretamente, examinaremos a forma como os participantes (na sua maioria jovens Lusodescendentes) narram (entre eles) as suas férias de verão para Portugal, país de origem dos seus pais e/ou avós. Veremos como os participantes recorrem a estratégias afastadas das perspetivas sociais, espaciais e temporais de narração e dos quadros narrativos, ligando as suas experiências individuais (na primeira pessoa do singular) a experiências coletivas (na primeira pessoa do plural), por via de narrações de acontecimentos pontuais narrados, quer através de um tempo presente e habitual, quer de um tempo intemporal. Graças a estas estratégias narrativas, os participantes enquadram-se num projeto mais vasto que corresponde à realização colaborativa e online ligando-a ao sentimento diaspórico e saudoso que sentem para com a pátria portuguesa, pátria de origem das suas famílias (Leal 2000).

A nossa comunicação ligará duas perspetivas: por um lado, o estudo orientado para a interação das narrações como práticas sociais (De Fina & Georgakapoulou 2012, 2015), em particular em contextos on-line (Page 2012) e, por outro lado, o estudo antropológico-linguístico de comunidades imaginadas (Anderson, 1991, Gal & Woolard, 2001). Desta forma, basear-nos-emos em estudos que tratam da realização de identidades etnonacionais, nos quais os participantes utilizam a primeira pessoa do plural, para pressupor e estabelecer identidades estáveis, compreendidas em projetos nacionalistas (Lee 1995; Urban 2000; Silverstein, 2000, 2003). Ao ligar estas duas perspetivas, examinaremos como os participantes (re)produzem em conjunto no Facebook um quadro de participação colaborativo e diaspórico em relação ao contexto narrado do trajeto e da chegada ao destino da "sua" pátria portuguesa.

## MARIA ALDINA MARQUES e ISABEL MARGARIDA DUARTE

### 'Lá' em sequências narrativas orais

Na continuação de trabalhos anteriores sobre o uso de «lá» (autor, 2010, autor & autor, 2015 e autor & autorsubmetido a e b), propomo-nos analisar, numa perspetiva sincrónica, as ocorrências desta partícula em sequências predominantemente narrativas, inseridas em interlocuções orais. Serão analisadas, num quadro teórico enunciativo-pragmático (Benveniste, 1974; Ducrot, 1984; Kerbrat-Orecchioni, 1980; Maingueneau, 1998; Moirand, 2005; Rabatel, 2001, Adam, 2005, inter alia), as ocorrências de um funcionamento de «lá» de tipo pragmático, a par de outros usos desta unidade linguística como advérbio de lugar, quer em uso deítico exofórico que remete para um espaço situado longe do locutor e do alocutário, geralmente fora do campo de visão de ambos, quer em uso endofórico, em que assume um claro valor anafórico. Partimos do conhecimento de que os usos não deíticos marcam uma espécie de localização subjetiva de distância relativamente ao espaço do locutor, assim contribuindo para efeitos de sentido de valor modal. O corpus de análise é constituído por estruturas narrativas integradas em interações verbais orais, retiradas de dois corpora, o C-Oral-Rom e o corpus Perfil sociolinguístico da fala bracarense. Colocamos como hipótese que, nestas estruturas, "lá" parece funcionar em apoio à narração de episódios, marcando eventos ou situações expectáveis por fazerem parte de frames e de conhecimentos partilhados pelo locutor e pelo interlocutor. Simultaneamente, parece desencadear uma implicatura de tipo convencional e constituir um suporte para o avanço da narração.

### Referências

- Adam, Jean-Michel, 2005. *L'analyse textuelle des discours. Introduction à la linguistique textuelle*, Paris, A. Colin.
- Benveniste, Emile, 1974. *Problèmes de linguistique générale*, tomo 2, Paris, Gallimard.
- Ducrot, Oswald, 1984. *Le dire et le Dit*, Paris, Minuit.
- Kerbrat-Orecchioni, Catherine, 1980. *L'énonciation. De la subjectivité dans le langage*, Paris, A. Colin.
- Maingueneau, Dominique, 1998. *Analyser les textes de communication*, Paris, A. Colin.
- Moirand, Sophie, 2005. *Le dialogisme, entre problématiques énonciatives et théories discursives*. *Cahiers de praxématique* 43, p.189-220.
- Rabatel, Alain, 2001. *La valeur de «on» pronom indéfini/pronom personnel dans les perceptions représentées*. *L'information grammaticale*, 88, p.28-32.

## MARIA MAFALDA MENDES

### **A emergência do período como unidade de organização textual na escrita infantil**

A presente comunicação tem por objetivo apresentar alguns resultados de um estudo da ontogênese dos significados da textualização na escrita infantil, no gênero das histórias, nomeadamente no que respeita à evolução dos padrões de organização do fluxo discursivo. O estudo, construído como um estudo de caso do desenvolvimento da escrita em quatro alunos do 1.º ciclo do ensino básico, do início do 2.º ano até ao fim do 4.º ano, desvela algumas estratégias retóricas de crianças escritoras, entre os sete e os dez anos, para se aproximarem do modelo de organização da escrita adulta, desenvolvida em períodos e parágrafos. A investigação procurou responder à questão, motivada na análise preliminar dos dados recolhidos, da dificuldade evidenciada pelos alunos em proceder à segmentação do discurso em períodos gráficos. O trabalho foi desenvolvido como um estudo de caso, baseado na observação da socialização dos significados da escrita na sala de aulas e na constituição e análise quantitativa e qualitativa de quatro corpora, cada qual constituído por quarenta e cinco histórias, quinze por ano letivo, da autoria de cada um dos quatro alunos estudados. A abordagem escolhida para a investigação foi inspirada nos trabalhos de Vygotsky (1978, 1962) sobre a ontogenia da língua escrita, vista como um processo histórico-social de desenvolvimento da atividade semiótica na criança, e vai buscar as principais categorias de análise ao quadro teórico da Linguística Sistémico-Funcional (Halliday 2004, 2014), nomeadamente aos sistemas de recursos semióticos, nos estratos da expressão, da lexicogramática e da semântica textual, especializados na textualização dos significados. O estudo adota ainda a noção de gênero da escola de Sydney (Martin & Rose 2003, 2008; Rothery 1984) e em particular a conceptualização da família de gêneros histórias. De acordo com este referencial teórico, a língua escrita é entendida como uma diferenciação funcional, ou registo, do sistema da língua, como forma de adequação às exigências dos contextos sociais da literacia (Halliday 1986, 1991, 1993, Painter 1999), rejeitando as visões da escrita como representação da língua oral, assumidas nos documentos oficiais de regulamentação do ensino do Português do passado recente (Sim-Sim et al. 1997; Reis et al. 2009) e nos atualmente em vigor (Buescu et al. 2015). Aprender a escrever é, nesta abordagem teórica, aprender a utilizar o sistema da língua de acordo com novos posicionamento enunciativos, próprios dos contextos sociais da literacia a que a escola dá acesso. A questão da segmentação do texto em períodos gráficos tem sido tratada pela literatura do desenvolvimento da escrita, de forma inconclusiva e dispersa, no capítulo das aprendizagens dos sistemas gráficos da pontuação (Hall & Robinson 1996), tendendo a ser equacionada como sinal da inabilidade da criança no domínio do sistema de expressão escrita, como uma incapacidade da criança em identificar os limites da frase para os marcar graficamente. Para um conjunto de investigadores ligados à escola de Genebra e ao interacionismo sociodiscursivo (Fayol 1981, 1986, 1989; Chanquoy & Fayol 1989; Schneuwly 1988; Ferreira et al. 1998; Ferreira & Zucchermaglio 1996; Rocha 1996; Chacon 1997, 2003; Silva 2004, 2010; Cardoso 2003; Spinillo & Lima 2004; Bernardes 2002, 2005, entre outros) as questões da pontuação do texto são associadas às operações de planeamento do texto e de textualização, e nessa medida relacionadas com os gêneros textuais e com o uso dos conectores discursivos. Nestes estudos desloca-se o foco da investigação do nível sintático da frase para o nível do texto, mas não se questiona o conceito de frase como unidade gramatical independente do contexto. Numa linha de investigação inspirada nas gramáticas da língua oral de Brazil (1975) e de Halliday (1976), Kress (1982), num estudo sobre a aprendizagem inicial da escrita na escola primária, problematiza a ideia de que a escrita das crianças pequenas

se organiza em unidades do tipo frase – uma unidade gramatical descrita pelas gramáticas tradicionais a partir do modelo dos períodos da língua escrita. Para Kress a frase é uma unidade de organização textual específica dos registos da escrita, não disponível, portanto, no sistema de significados textuais construído pelas crianças nos contextos da oralidade pré-escolar. Para o autor, a emergência do discurso organizado em frases-períodos na escrita infantil é um processo moroso, motivado pela pressão convergente dos significados de género, ao nível global do texto, e dos significados de integração estrutural ao nível local da oração. Mostro, nesta apresentação, como os resultados do estudo de caso acima referido suportam a hipótese de Kress acerca da especificidade da frase-período como unidade de textualização da língua escrita, alheia aos padrões da língua oral conhecidos pela criança, e como, no fim do 4.º ano, a organização textual em períodos, no tecido retórico das histórias, poderá apresentar-se ainda numa fase apenas incipiente.

- Bernardes, A. C. A. (2002). Pontuando alguns intervalos da pontuação. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- Bernardes, A. C. d. A. (2005). Algumas considerações sobre o tema da pontuação na escrita inicial. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 1 e 2 (47), 109-117.
- Brazil, D. C. (1995). *A grammar of speech*. Oxford: Oxford University Press.
- Buescu et al. (2015). Programas e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico, Ministério da Educação, [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Metas/Portugues/pmcpeb\\_julho\\_2015.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Metas/Portugues/pmcpeb_julho_2015.pdf)
- Cardoso, C. J. (2003). A socioconstrução do texto escrito. Uma perspectiva longitudinal. Campinas: Mercado das Letras.
- Chacon, L. (1997). A pontuação e a demarcação de aspectos rítmicos da linguagem. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 13, 1-16.
- Chacon, L. (2003). Oralidade e letramento na construção da pontuação. Comunicação apresentada em 5º Encontro do Celsul, Curitiba.
- Chanquoy, L., & Fayol, M. (1995). Analyse de l'évolution et de l'utilisation de la ponctuation et des connecteurs dans deux types de texte. Étude longitudinale du cp au ce2. *Enfance*, 48(2), 227-241
- Fayol, M. (1981). Le récit écrit d'expérience personnelle. Son évolution chez l'enfant de six à dix ans. Unpublished thèse de doctorat d'état, Université de Bordeaux II.
- Fayol, M. (1986). Les connecteurs dans les récits écrits. Étude chez l'enfant de 6 à 10 ans. *Pratiques*, 49, 101-113.
- Fayol, M. (1989). Une approche psycholinguistique de la ponctuation. Étude en production et en compréhension. *Langue française*, 81, 21-39.
- Ferreiro, E., & Zucchermaglio, C. (1996). Children's use of punctuation marks: the case of quoted speech. In C. Pontecorvo, M. Orsolini, B. Burge & L. B. Resnick (Eds.), *Children's early text construction* (pp. 177-205). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Hall, N., & Robison, A. (Eds.). (1996). *Learning about punctuation* (vol. 9). Clevedon|Philadelphia|Adelaide: Multilingual Matters.
- Halliday, M. A. K. (1989). *Spoken and written Language* (Second impression of second edition ed.). Oxford: Oxford University Press.
- Halliday, M. A. K. (1991[2003]). The Place of Dialogue in Children's Construction of Meaning, 1991. In J. J. Webster (Ed.), *The language of early childhood* (vol. 4, pp. 251-264). London/New York: Continuum.
- Halliday, M. A. K. (1993). Towards a language-based theory of learning. *Linguistics and Education*, 5(2), 93-116.
- Halliday, M. A. K. (2004). *An introduction to functional grammar*, Revised by Christian M.I.M. Matthiessen (third ed.). London: Arnold.
- Halliday, M. A. K. (2014). *An Introduction to functional grammar*, Revised by Christian M.I.M. Matthiessen (fourth ed.). London: Arnold.
- Kress, G. (1982). *Learning to write*. London: Routledge.
- Martin, J. R., & Rose, D. (2003). *Working with Discourse: meaning beyond the clause*. New York: Continuum.
- Martin, J. R., & Rose, D. (2008). *Genre relations: mapping culture*. London: Equinox.
- Painter, C. (1999). *Learning through language in early childhood*. London/New York: Continuum.
- Rothery, J. (1984). The development of genres: primary to junior secondary school". In F. Christie (Ed.), *Children writing B. Ed. Study Guide* (pp. 67-114). Geelong Victoria: Deakin University Press.
- Silva, A. d. (2004). Pontuação e gêneros textuais: uma análise das produções escritas de alunos da escola pública. Comunicação apresentada em Reunião Anual da Associação Nacional Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 27. Anais, Caxambu: ANPEd, 2004 (CD-Rom)
- Silva, A. d. (2010). A aprendizagem da pontuação por alunos dos anos iniciais do ensino fundamental: uma análise a partir da produção de diferentes gêneros textuais. *Cadernos de Educação (FaE/PPGE/UFPEL)*, (35), 139 - 169.
- Sim-Sim, I., Duarte, I., & Ferraz, M. J. (1997). *A Língua Materna na Educação Básica. Competências Nucleares e Níveis de Desempenho*. Lisboa: Ministério da Educação. Departamento da Educação Básica.
- Spinillo, A., & Lima, M. (2004). Children's use and understanding of punctuation marks. Comunicação apresentada em *Writing*, Geneva.
- Vygotsky, L. S. (1978). *Mind in society. The development of higher psychological processes*. Cambridge (Massachusetts)/London: Harvard University Press.
- Vygotsky, L. S. (1962[1993]). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

## MARÍA SAMPEDRO MELLA

### As formas de tratamento no PE: estudo da fala juvenil

Depois da publicação do artigo “The pronouns of Power and Solidarity” (Brown & Gilman, 1960), as formas de tratamento têm sido amplamente estudadas nas distintas línguas, devido às diferenças do seu uso. No caso do Português, são muitos os estudos realizados nos últimos cinquenta anos (Cintra, 1972; Carreira, 1997, 2004; etc.) que mostram a grande variabilidade destas formas no discurso.

Esta comunicação apresenta os resultados de um estudo sobre as formas de tratamento do Português Europeu (tu, você, o senhor/a) utilizadas em diferentes contextos comunicativos e com distintas variáveis sociais por falantes jovens. Assim, a fala mais juvenil permite-nos dispor da variante da língua mais inovadora, a fim de analisar possíveis mudanças linguísticas no uso.

A investigação está baseada numa revisão da bibliografia sobre esta questão, além dos resultados dum inquérito criado *ad hoc* com 25 situações comunicativas que misturam distintas variáveis, e que foi realizado por uma amostra de 114 falantes com o mesmo perfil social: estudantes portuguesas da Universidade de Coimbra, mulheres e homens, com idades entre os 18 e os 24 anos.

Os resultados do inquérito estão divididos em duas partes: primeiro é apresentada a distribuição de cada forma de tratamento nas diferentes situações sociais e contextuais; adicionalmente, graças ao estudo estatístico podemos conhecer a ordem de influência e importância de cada variável na escolha destas formas de tratamento. Finalmente, é incluída uma síntese entre a informação bibliográfica e a atuação dos falantes no inquérito.

#### **Bibliografia:**

- Brown, R. & A. Gilman (1960): The pronouns of power and solidarity. In Sebeok, T. A., ed.: Style in language. Cambridge, MA: Massachusetts Institute of Technology: 253-276.
- Carreira, M. H. (1997): Modalisation linguistique en situation d’interlocution : proxémique verbale et modalités en portugais. Louvain-Paris : Peeters.
- Carreira, M. H. (2004): Les formes d’allocution du portugais européen : valeurs et fonctionnements discursifs. Franco-British Studies, 35-45.
- Cintra, L. F. L. (1972): Sobre « formas de tratamento » na língua portuguesa. Lisboa: Livros Horizonte.

## TELMO MÓIA

### Localização temporal e definição de fronteiras nas expressões com “entre”

As expressões temporais com *entre* identificam intervalos através da delimitação de duas fronteiras, inferior e superior, e permitem localizar situações – como em (1a-b) – ou delimitar temporalmente a quantificação (cf. Mória 2000, 2004) – como em (1c):

- (1) a. O Paulo morou em Paris (continuamente) entre 2001 e 2012. [LOCALIZAÇÃO DURATIVA (PREENCHIMENTO TOTAL DO INTERVALO PELA SITUAÇÃO)]  
 b. O Paulo casou entre 2001 e 2012. [LOCALIZAÇÃO INCLUSIVA]  
 c. O país recebeu 25.518 refugiados entre 1 de Maio e 15 de Junho deste ano.

As fronteiras em causa podem ser marcadas por dois complementos, em sintagmas com a forma *entre* COMPL1 e COMPL2, podendo estes ser de tipo estritamente temporal – como em (1) acima – ou de tipo situacional – como em (2):

- (2) a. O jornalista esteve em Lisboa entre as eleições e a tomada de posse do presidente.  
 b. Este país tornou-se independente entre a I e a II Guerras Mundiais.

As frases com estas expressões temporais colocam pelo menos duas questões linguísticas interessantes, que tentarei discutir na presente comunicação.

#### (i) modos de localização temporal

Quando os sintagmas com *entre* são combinados com descrições de situações não pontuais, quer télicas (i.e. processos culminados) quer atélicas, sem *Aktionsart shift*), parecem ser possíveis leituras de localização durativa, ou de preenchimento total do intervalo (isto é, em que *entre* é parafraseável “continuamente ao longo de”), e leituras não durativas, ou de preenchimento apenas parcial do intervalo (isto é, em que *entre* é parafraseável “algures dentro de”). Coloca-se centralmente a questão de saber em que condições – semântico-pragmáticas – são elas selecionadas. Veja-se, por exemplo:

- (3) a. O Paulo trabalhou nas Finanças entre 1975 e 2010.  
 leitura preferencial durativa: “o Paulo trabalhou nas Finanças continuamente de 1975 até 2010”  
 b. Sabes se o Pedro trabalhou nesta empresa entre 2005 e 2010? Está a ser feita uma auditoria às contas da empresa nesse período.  
 leitura não durativa facilmente acessível: “sabes se o Pedro trabalhou nesta empresa algures entre 2005 e 2010?”

Note-se que as leituras não durativas (nomeadamente, inclusivas) são as únicas disponíveis quando os sintagmas com *entre* se combinam com descrições de situações télicas pontuais – como (1b) acima – e que o valor durativo está necessariamente presente

quando há combinação com um verbo como *durar* (cf. Móia 2015) – *a paralisação durará entre as 6h00 e as 20h00*. Por outras palavras, os sintagmas com *entre* são, em princípio, compatíveis com diferentes modos de localização, sendo a distribuição feita por uma combinação complexa de fatores, semântico-pragmáticos e sintáticos, que aqui tentarei equacionar.

**(ii) o estatuto das fronteiras na caracterização formal do intervalo (denotado pelas expressões com *entre*)**

Nos casos em que os intervalos definidos pelos complemento de *entre* (isto é, as “fronteiras”) não são pontuais (e.g. dias, anos, séculos, [períodos de] guerras,...), coloca-se a questão – essencial para a definição das condições-de-verdade das frases – de saber se esses intervalos fazem parte do intervalo maior definido globalmente pela expressão com *entre*, ou se estão antes excluídos. Aparentemente ambas as possibilidades estão disponíveis, podendo alguma delas ser bloqueada em determinadas condições.

(4) O homicídio foi cometido entre o dia 5 e o dia 10.

A frase é verdadeira (e pragmaticamente adequada) se o homicídio tiver sido cometido no dia 5 ou no dia 10 □ “intervalo inclusivo das fronteiras”.

(5) Este país tornou-se independente entre a I e a II Guerras Mundiais.

A frase é verdadeira (e pragmaticamente adequada) se a independência do país em causa tiver ocorrido após a I Guerra Mundial e antes do início da II Guerra, mas é pouco natural para descrever uma situação em que a independência em causa ocorreu dentro do período da I Guerra Mundial (1914-1918) ou da II Guerra Mundial (1939-1945) – “intervalo exclusivo das fronteiras”.

(6) Quantos países se tornaram independentes entre a I e a II Guerras Mundiais?

Numa resposta adequada a esta pergunta, na sua interpretação mais natural, não se contam os países que se tornaram independentes em 1914-1918 e em 1939-1945 – “intervalo exclusivo das fronteiras”.

A questão em causa (inclusão/exclusão dos intervalos-fronteira) apresenta algumas subtilezas de natureza formal e obriga a considerar diversos factores gramaticais (além de pragmáticos), entre os quais se destacam: (i) o tipo de complemento de *entre* (estritamente temporal vs. situacional); (ii) a função da expressão com *entre* (nomeadamente, localização temporal vs. delimitação temporal da quantificação); (iii) a *Aktionsart* das situações descritas nas estruturas-matriz; (iv) a presença ou não de operadores desambiguadores, como *inclusive*.

As análises a realizar neste trabalho terão como enquadramento formal a *Discourse Representation Theory* (cf. Kamp & Reyle 1993) e recorrerão a condições pragmáticas assentes em princípios griceanos (Grice 1975). A fundamentação linguística das hipóteses colocadas terá em conta dados de *corpora* eletrónicos, particularmente de registo jornalístico (como o CETEMPúblico), e considerará aspectos contrastivos com outras línguas, como o inglês.

**Referências**

- Grice, H. Paul (1975), *Logic and conversation*, in: Peter Cole/Jerry L. Morgan (edd.), *Speech Acts*. New York, Academic Press, 41–58.
- Huddleston, Rodney & Geoffrey Pullum: 2002, *The Cambridge Grammar of the English Language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kamp, Hans and Uwe Reyle: 1993, *From Discourse to Logic. Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*, Kluwer, Dordrecht.
- Moens, Marc: 1987, *Tense, Aspect and Temporal Reference*, Ph.D. thesis, University of Edinburgh (reproduced by the Centre for Cognitive Science, University of Edinburgh).
- Móia, Telmo: 2000, *Identifying and Computing Temporal Locating Adverbials with a Particular Focus on Portuguese and English*, Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Móia, Telmo: 2004, "Sobre a Delimitação Temporal da Quantificação", *Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Lisboa, 1, 2 e 3 de Outubro de 2003)*, Lisboa: APL, pp. 581-593.
- Móia, Telmo: 2015, "The Durative Verbs of Portuguese", *Diacrítica (Revista do Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho)* 29(1), pp. 27-59.

## MARA MOITA e MARIA LOBO

### Compreensão e produção oral de interrogativas Q em crianças surdas com implante coclear portuguesas

A privação de *input* auditivo nos primeiros anos de vida compromete a exposição à língua oral no período crítico em que esta deveria ser adquirida. Embora há muito se tenham identificado dificuldades sintáticas em crianças com défices auditivos (Quigley, Smith & Wilbur 1974; de Villiers, de Villiers & Hoban 1994, entre outros), apenas recentemente, com o aparecimento do implante coclear (IC), se estudam os efeitos da total privação auditiva durante o período crítico para a aquisição da linguagem.

O acesso tardio ao *input* linguístico, i.e. após o primeiro ano de vida, tem sido indicado como o fator responsável pelas dificuldades sintáticas verificadas em crianças surdas com IC, em específico, na aquisição de dependências sintáticas com movimento (e.g. Friedmann & Szterman 2006). Esta hipótese tem sido sustentada pelo facto de os participantes fazerem uso de estruturas que não envolvem movimento como alternativa a estruturas com movimento de objeto (e.g. Friedmann & Szterman 2006; Friedmann & Costa 2011; Volpato & Vernice 2014). As dificuldades verificadas na compreensão, na produção e na repetição de estruturas interrogativas--Q em algumas crianças surdas com IC decorreriam desta incapacidade para estabelecer dependências resultantes de movimento (Friedmann & Szterman 2011).

O presente trabalho analisa e descreve a aquisição de interrogativas--Q em crianças surdas com IC portuguesas, com o objetivo de verificar se, de facto, existe um défice pleno de movimento nestas estruturas ou se há seletividade no défice. Foram aplicadas duas tarefas de compreensão de interrogativas--Q não d--linked e d--linked e uma tarefa de produção (incluindo ambas interrogativas de sujeito, de objeto direto e de objeto preposicionado), inspiradas em Baião 2012. Participaram nas tarefas 44 crianças surdas com IC portuguesas, com as seguintes características: entre 2;00 e os 14;11 de idade auditiva; entre os 3;00 e os 16;11 de idade cronológica; todas elas implantadas entre os 1;00 e os 5;00; e considerando um conjunto de variáveis caracterizadoras desta população (idade de colocação de IC, idade auditiva, exposição a língua gestual, intervenção precoce, entre outras).

Os primeiros dados sugerem uma melhor compreensão de interrogativas não d--linked do que de interrogativas d--linked, como já verificado em crianças ouvintes (Cerejeira 2010; Baião 2012). A compreensão de interrogativas--Q de objeto e de objeto preposicionado melhora à medida que a idade auditiva aumenta.

Observa--se ainda a produção de interrogativas--Q desde cedo, mas ao contrário das crianças sem défice auditivo, estas crianças produzem um grande número de interrogativas--Q *in situ*, à semelhança do que se encontrou em outro estudo (Friedmann & Stzerman 2011). Contudo, os dados sugerem que estas estruturas sem movimento são maioritariamente realizadas pelos participantes bilingues bimodais. A idade de colocação de implante e o bilinguismo bimodal parecem não influenciar a produção de preposição e a atribuição de papel temático.

No presente trabalho apresentar--se--ão os dados de compreensão de interrogativas--Q, bem como uma análise às estruturas produzidas, discutindo a natureza do défice envolvido e quais os fatores determinantes.

**Referências Bibliográficas:**

- Baião, V. (2012) *Aquisição de Interrogativas Preposicionadas em Português Europeu*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Cerejeira, J. (2010) *Aquisição de interrogativas de sujeito e de objeto em português europeu*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- de Villiers, J. G.; de Villiers, P. A. & Hoban, E. (1994) The central problema of functional categories in the English syntax of deaf children. Em H. Tager-Flusberg (Ed.), *Constraints on language acquisition: Studies of atypical children*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Friedmann, N. & Costa, J. (2011) Resumptive pronouns in hebrew and palestinian Arabic hearing impairment. Em A. Rouveret (Ed) *Resumptive pronouns at the interfaces*, Language Faculty and Beyond 5, 223-240. Amesterdão: John Benjamins Publishing Company.
- Friedmann, N. & Szterman, R. (2006) Syntactic movement in orally-trained children with hearing impairment. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, 11: 56-75.
- Friedmann, N. & Szterman, R. (2011) The comprehension and production of Wh-questions in deaf and hard-of-hearing children. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, 16(2):212-235.
- Quigley, S. P.; Smith, N. L., & Wilbur, R. B. (1974) Comprehension of relativized sentences by deaf children. *Journal of Speech and Hearing Research*, 17:325-341.
- Volpato, F. e Vernice, M. (2014) The production of relative clauses by Italian cochlearimplanted and hearing children. *Lingua*, 139:39-67.

## SARA MORGADO, MARIA LOBO e PAULA LUEGI

### Efeitos de animacidade do antecedente na interpretação de pronomes sujeito

Sendo uma língua de sujeito nulo, o Português Europeu (PE) pode retomar entidades anteriormente mencionadas no discurso quer usando uma forma plena, quer uma forma nula. Contudo, vários trabalhos têm mostrado que estas duas formas não alternam livremente, tendendo a ter uma distribuição complementar. De acordo com uma das propostas mais conhecidas, a Hipótese da Posição do Antecedente (Carminati, 2002), o pronome nulo retoma um antecedente em Spec de IP, ao passo que o pronome pleno retoma um antecedente que esteja noutra posição sintática. Trabalhos subsequentes mostraram que outros fatores podem enviesar esta distribuição complementar, como proposto, por exemplo, pela hipótese multifatorial de Kaiser e Trueswell (2008): não só vários fatores podem enviesar a saliência de um antecedente no discurso, como também a escolha da forma pronominal pode ser ditada por outros fatores que não a saliência. Um outro fator que pode enviesar a distribuição complementar das duas formas pronominais é a animacidade dos antecedentes. O estudo de corpora de Barbosa, Duarte e Kato (2005) constata que, em PE, antecedentes não animados são maioritariamente recuperados por um pronome nulo, no que pode ser entendido como uma restrição de animacidade do pronome pleno. Também Cardinaletti e Starke (1999) afirmam que os pronomes nulos, ao contrário dos pronomes fortes, não estão sujeitos a restrições de animacidade, podendo retomar quer entidades animadas quer não animadas. Além disso, Vogels, Maes e Kraemer (2014) verificaram experimentalmente, numa tarefa de produção em holandês, que a animacidade influencia o uso de formas reduzidas e plenas nessa língua.

Neste trabalho, pretendemos verificar, através de um estudo experimental, se a animacidade do antecedente condiciona de facto a interpretação do pronome em PE. Para tal, usámos uma tarefa de *self-paced reading*, com *moving window*, na qual participaram 26 estudantes universitários, que leram 24 frases complexas iniciadas por uma frase subordinada temporal (1) com dois antecedentes: sujeito (animado) e objeto (animado vs. não animado). Na frase principal, era usado um pronome pleno sujeito que retomava, de forma inequívoca através da marcação de género, o antecedente objeto, seguindo a preferência estabelecida pela HPA.

(1) Quando a agente alvejou o ladrão / o letreiro no assalto à farmácia, ele ficou estendido na berma da estrada.

Uma pergunta de compreensão seguia-se a cada estímulo experimental, incidindo no antecedente retomado. Foram registados tempos de reação para todas as regiões dos estímulos, assim como para a resposta à pergunta de compreensão e para o acerto da resposta. Foi observado um efeito significativo ( $\beta = 0.92$ ;  $SE = 0.37$ ;  $t = 2.46$ ;  $p = .01$ ) na retoma do antecedente não animado, e na direção esperada: tempos de leitura mais elevados com antecedentes não animados.

Concluimos que a animacidade dos antecedentes é um fator que influencia a correferência em PE, podendo sobrepor-se a restrições sintáticas que, noutros contextos, prevaleceriam. Os resultados vão ao encontro de Cardinaletti e Starke (1999) e Kaiser e Trueswell (2008), mas contrariam a HPA: as formas pronominais existentes numa dada língua são sensíveis a diferentes fatores, os quais podem alterar a distribuição complementar das formas nulas e plenas em línguas de sujeito nulo.

Na sequência dos resultados obtidos, preparámos um questionário com estímulos semelhantes aos utilizados na atual experiência, mas em que o género dos antecedentes é idêntico, sendo a interpretação do pronome sujeito potencialmente ambígua. Os estímulos incluem formas nulas e plenas, com o objetivo de verificar se existe em PE uma estratégia para evitar a retoma de um antecedente não animado por uma forma plena. A aplicação deste questionário está ainda em curso.

Barbosa, P., Duarte E., & Kato, M. (2005). Null subjects in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 4 (2). 11-52.

Cardinaletti, A, & Starke, M. (1999). The typology of structural deficiency: a case study of the three classes of pronouns. *Clitics in the languages of Europe*. Henk van Riemsdijk (ed.). Berlin/New York: Mouton de Gruyter. 145-233.

Carminati, M. N. (2002). *The processing of Italian subject pronouns*. Dissertação de Doutoramento.

Kaiser, E., & Trueswell, J. (2008). Interpreting pronouns and demonstratives in Finnish: evidence for a form-specific approach to reference resolution. *Language and Cognitive Processes*, 23 (5), 709-748.

Vogels, J., Maes, A. & Krahmer, E. (2014). Choosing referring expressions in Belgian and Netherlandic Dutch: Effects of animacy. *Lingua* 145, 104-121.

## RODRIGO PEREIRA, TJERK HAGEMEIJER e MARIA JOÃO FREITAS

### Consoantes róticas e variação no Português de São Tomé

**Resumo:** Este trabalho estuda a variação fonética ao nível das consoantes róticas na variedade de português de São Tomé (PST) – que constitui, atualmente, a L1 da larga maioria dos são-tomenses (e.g. Gonçalves & Hagemeijer 2015). Pretende-se investigar quais as variantes fonéticas associadas aos fonemas róticos /ʀ/ e /r/, que integram o inventário fonológico do PE (cf. Mateus et al. 2003) e a distribuição de tais variantes em função da posição silábica, tendo em conta ainda variáveis sociolinguísticas como sexo, faixa etária, grau de escolarização, localização geográfica ou uso de outras línguas. Para isso procedeu-se à transcrição fonética de cerca de 1 hora, o que corresponde a excertos de 9 entrevistas (i.e. 9 informantes) com produção oral espontânea, realizadas em São Tomé entre 2008 e 2012, no âmbito do projeto VAPOR (Variedades Africanas do Português) do CLUL. Os dados foram transcritos com o *software* EXMARaLDA Partitur, tendo-se posteriormente constituído um *corpus* com a sua ferramenta Exakt. Os dados foram contabilizados manualmente a partir do *corpus* para constituir a base de dados a analisar para este estudo, sendo discutidos à luz das propriedades intrínsecas das róticas e das referências ao seu uso na literatura sobre o PST. Apesar da escassez de trabalhos neste domínio, já foi mencionado brevemente para o PST por Veloso (2010) uma característica conhecida como rotacismo – a neutralização das duas vibrantes fonémicas no português. O rotacismo é confirmado por este trabalho como sendo uma tendência em estabilização nas camadas etárias mais jovens na população urbana de São Tomé. Os apagamentos constituem, ainda assim, a maioria das ocorrências fonéticas relativas aos róticos no *corpus*, especialmente em coda. No entanto, há uma grande instabilidade nas realizações fonéticas das consoantes róticas, havendo no mesmo informante várias realizações tanto anteriores como posteriores. Brandão (2016) aponta para uma possível influência do forro (crioulo de São Tomé) nesta instabilidade de realizações fonéticas e na neutralização de oposição entre as duas róticas fonémicas no PE, uma vez que aquela língua não apresenta róticas fonémicas.

### Bibliografia

- BOUCHARD, Marie-Eve. 2016. Language ideologies and use of rhotics in the Portuguese of São Tomé. Encontro Anual da ACBLPE. *Caderno de Resumos*. Praia: Universidade de Cabo Verde, 23-25 de junho, p. 18.
- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. 2016. Aspectos da variedade urbana do Português de São Tomé: resultados e metas de pesquisa. In: Aguilera, Vanderci Andrade & Doiron, Maranúbia Pereira Barbosa (orgs) *Estudos geossociolinguísticos brasileiros e europeus: uma homenagem a Michel Contini*, 67-87. Cascavel-PR: EDUNIOESTE; Londrina-PR: EDUEL.
- BRANDÃO, Sílvia. 2016. A instabilidade dos róticos nas variedades urbanas do português de São Tomé. *Revista Papia*. ms.
- GONÇALVES, Rita & Tjerk HAGEMEIJER. 2015. O português num contexto multilingue: O caso de São Tomé e Príncipe. *Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane: Série Letras e Ciências Sociais*, 1(1): 87-107.
- MATEUS, M. H., Brito, A. M., Duarte, I., Faria, I., Frota, S., Matos, G., Oliveira, F., Vigário, M. e Villalva, A. 2003 Gramática da Língua Portuguesa, Lisboa, Caminho.
- RENNICKE, Iris & MARTINS, Pedro Tiago. (2012). As realizações fonéticas de /R/ em Português Europeu: análise um corpus dialetal e implicações no sistema fonológico. in textos selecionados, XXVIII Encontro Nacional da APL, ed. F. Silva, I. Falé & I. Pereira, Coimbra: Associação Portuguesa de Linguística
- RENNICKE, Iris Emilia. 2015. Variation and Change in the Rhotics of Brazilian Portuguese. Tese de doutoramento. Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte.
- VELOSO, João. 2015. "The English R Coming! The never ending story of Portuguese rhotics", *OSLa. Oslo Studies in Language*. 7, 1: 323 - 336

**Tabelas exemplificativas (dados preliminares):**

1 - Somas de todas as combinatórias possíveis encontradas para os falantes analisados.

Alvos	[Ø]	[ʁ]	[r]	[ɾ]	[ʀ]	[ʒ]	[ɹ]	[h]	[ɦ]	[w]	[l]	Somas
/ʀ/ AS	0	36	47	34	1	0	3	0	0	0	0	121
/ɾ/ AS	16	152	3	182	1	0	0	0	1	0	1	356
/ɾ/ AR	30	162	1	264	6	2	0	0	0	1	0	466
/ɾ/ Cd	321	160	23	218	4	5	0	1	0	0	1	733
Somas	367	510	74	698	12	7	3	1	1	1	2	1676
Percent.	22%	30%	4%	42%	1%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	

(Nota: a sombreado encontram-se as combinatórias que indicam rotacismo, as quais totalizam cerca de 33% das ocorrências de róticas no *corpus*.)

2 – Dados de uma informante feminina, 20 anos, demonstrando a variação individual.

FEM20	Totais					
Alvos	[Ø]	[ʁ]	[r]	[ɾ]	[ʒ]	Somas
/ʀ/ AS	0	2	4	13	0	19
/ɾ/ AS	1	0	0	10	0	11
/ɾ/ AR	2	0	1	46	0	49
/ɾ/ Cd	65	3	23	16	1	108
Somas	68	5	28	85	1	187
Percent.	36%	3%	15%	45%	1%	

## ALEXANDRA GUEDES PINTO e JOANA TEIXEIRA

### **Marcas de deixis social no género textual acórdão e seu contributo para a construção da relação interacional**

Este trabalho é parte integrante de uma investigação maior, cujo escopo é o estudo do discurso jurídico no género acórdão. De entre as várias hipóteses de trabalho que se têm colocado, evidenciou-se a importância de analisar algumas instâncias linguísticas da deixis social neste género de texto, enquanto elemento de construção da relação interacional e, dentro desta, de dois polos na hierarquia discursiva: o polo do(s) arguido(s) e o polo das outras entidades jurídicas, integrantes do processo judicial, retratadas no discurso como ocupando um nível hierárquico superior.

Com efeito, a leitura de acórdãos de 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> instância, nos quais se analisam decisões de tribunais de 1.<sup>a</sup> instância, torna possível verificar que, quando há correção e anulação de uma decisão anterior, a referência à instância que a tomou é feita com recurso a vários elementos de cortesia, (como adjetivos, advérbios e outras expressões linguísticas), que mitigam o facto de se estar a proceder a uma anulação da decisão tomada. Há ainda, recurso a elementos de deixis social como forma de elevação dessas entidades ou dos seus intervenientes.

Por outro lado, como já haviam notado os autores do estudo "Claridad y derecho a comprender: Comisión para la modernización del lenguaje jurídico", as referências aos arguidos e àqueles que não pertencem à esfera social judicial são feitas de modo menos solene do que aquelas empregues para referir agentes jurídicos / judiciais, designadamente no que tange a formas de tratamento (mas não se esgotando aí).

É nosso objetivo neste estudo analisar algumas marcas linguísticas que deixam transparecer a deixis social e a cortesia como estratégias de construção da relação interacional, centrada numa polaridade hierárquica e axiológica entre os intervenientes dos processos judiciais no género acórdão.

Pese embora o facto de o acórdão ficar registado em suporte escrito, adotamos a perspectiva de Bakhtin e Volochinov (1981) para quem todos os discursos, mesmo aqueles que aparentemente são monológicos, são, pela sua estrutura semântica e estilística, dialógicos. No acórdão escrito não há um diálogo convencional, com interação verbal, entre o magistrado e os arguidos e entre o magistrado e outros magistrados, mas existe um diálogo latente, que implica a construção de uma relação entre um Eu e um, ou vários Tu(s).

Empreenderemos este trabalho através do estudo, nos textos, de categorias de análise linguística diversas, como pronomes pessoais, flexão verbal (pessoa e número), expressões nominais e adjetivais, entre outras, empregando para mapeamento do corpus o software VISL (Visual Interactive Syntax Learning).

**Bibliografia:**

- BAKTHINE, M. Le Marxisme et la Philosophie du Langage – essai d’application de la méthode sociologique en Linguistique. Paris: Éditions de Minuit, 1977.
- BRIZ, A. & ALBELDA, M. Una propuesta teórica y metodológica para el análisis de la atenuación lingüística en español y portugués. La base de un proyecto en común (ES.POR. ATENUACIÓN). *Onomázein*, 28, 2013, pp. 288-319.
- CARREIRA, M.H.A. Modalisation linguistique en situation d’interlocution: proxémique verbale et modalités en portugais. Louvain/Paris, Editions Peeters, 1997.
- CARREIRA, M.H.A. Cortesia e Proxémica: abordagem semântico-pragmática in SEARA, I. R. (dir.) Cortesia: Olhares e (Re)invenções. Lisboa: Chiado Editora, 2014.
- GOFFMAN, E. The Presentation of Self in Everyday Life. New York: Doubleday Anchor Books, Doubleday & Company, 1959.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. Análise da Conversação, princípios e métodos. São Paulo, Parábola Editorial, Coleção Na Ponta da Língua, nº 16. 2006 (Tradução de La Conversation. Paris: Éditions du Seuil, 1996)
- MINISTÉRIO DA JUSTIÇA ESPANHOL, Claridad e derecho a comprender: Comisión para la modernización del lenguaje jurídico, 2011. Disponível na www em [http://www.mjusticia.gob.es/cs/Satellite/Portal/1292427622819?blobheader=application%2Fpdf&blobheadername1=Content-Disposition&blobheadername2=Descargas&blobheadervalue1=attachment%3B+filename%3DClaridad\\_y\\_derecho\\_a\\_comprender%3A\\_Comision\\_para\\_la\\_modernizacion\\_del\\_lenguaje\\_juridico.PDF&blobheadervalue2=1288791776415](http://www.mjusticia.gob.es/cs/Satellite/Portal/1292427622819?blobheader=application%2Fpdf&blobheadername1=Content-Disposition&blobheadername2=Descargas&blobheadervalue1=attachment%3B+filename%3DClaridad_y_derecho_a_comprender%3A_Comision_para_la_modernizacion_del_lenguaje_juridico.PDF&blobheadervalue2=1288791776415)

## ÂNGELA QUARESMA e FAUSTO CAELS

### Gêneros procedimentais em manuais de Ciências Naturais

Nesta comunicação pretende-se identificar e ilustrar gêneros textuais associados ao trabalho experimental em ciências, conforme identificados em manuais de Ciências Naturais do 2.º e 3.º ciclo de ensino básico.

Os dados que sustentam a apresentação foram recolhidos no âmbito do Projeto *Textos, géneros e conhecimento – para o mapeamento dos usos disciplinares da língua nos diferentes níveis de ensino* do CELGA-ILTEC (2017-2019), que tem como enquadramento teórico a abordagem de Género proposta pela Linguística Sistémico-Funcional (LSF) e, em particular, pela “Escola de Sydney” (e.g. Pereira 2008, Gouveia 2013, Rose 2012, Martin e Rose 2008).

A análise dos manuais permitiu a identificação de três gêneros procedimentais: Instrução, Relato de Procedimento e Protocolo. Estes gêneros serão caracterizados em termos do seu propósito sociocomunicativo e da sua organização estrutural (etapas e fases) e ilustrados com exemplos textuais. A análise evidenciou ainda a existência de um número significativo de textos procedimentais de difícil classificação, dado incluírem características estruturais ou gramaticais de mais de um género. Dar-se-á conta dos principais padrões observados, recorrendo para o efeito a textos dos manuais.

Numa segunda parte da apresentação, será apresentada uma breve reflexão sobre a pertinência pedagógica da análise realizada. Segundo se argumentará, a descrição dos gêneros e da sua instanciação textual permite tornar visível um currículo de literacia que, de momento, se encontra oculto nos manuais e nos programas. Tal sensibilização, por sua vez, poderá conduzir à formulação de estratégias de ensino integradas, que atendam simultaneamente aos conhecimentos científicos contidos nos textos e à sua realização linguística.

**Palavras-chave:** Português Língua veicular, Manuais Escolares, Género, Ciências

#### Referências bibliográficas:

- Gouveia, C. A. M. (2013) A escola como sistema de géneros: conhecimento, aprendizagem e transversalidade. In: Mateus, M. H. M. & Solla, L. (coord.) *Ensino do Português como Língua Não Materna: Estratégias, Materiais e Formação*. Lisboa: ILTEC e Fundação Calouste.
- Martin, J. R. & Rose, D. (2008) *Genre Relations: Mapping Culture*. London: Equinox.
- Pereira, I. (2008) *Para a caracterização do contexto de ensino/aprendizagem da literacia no 1.º ciclo de escolaridade. Das competências dos alunos às concepções e práticas dos professores*. Tese de Doutoramento. Universidade do Minho.
- Rose, D. (2012). Genre in the Sydney school. In Gee, J. P. & Handford, M. (eds.) *The Routledge Handbook of Discourse Analysis*. London and New York: Routledge. 209-225.

## ANA MARGARIDA RAMALHO, DINA ALVES e MARIA JOÃO FREITAS

### Construção e avaliação de um instrumento de avaliação fonológica – o CLCP-PEuropeu

A construção de um instrumento psicométrico envolve uma série de aspetos metodológicos que devem ser consideradas desde o início do seu planeamento. Assim, para que um instrumento possa ser considerado válido deve cumprir critérios quer relativos aos diferentes estímulos que o compõem, quer relativos aos procedimentos contemplados na sua construção.

O *Crosslinguistic Child Phonology Project – Português Europeu* (CLCP-PE) (Ramalho, Freitas & Almeida, 2014; Ramalho, *em prep.*) é um instrumento de avaliação que contempla os segmentos do PE e sua interação com os constituintes silábicos, o acento de palavra, a posição na palavra e a extensão de palavra (Ramalho, Freitas & Almeida, 2015), sendo constituído por 157 palavras-alvo (representativas das estruturas descritas), 44 imagens, instruções de aplicação e folha de registo.

Para a validação do CLCP-PE foi proposta uma reflexão à luz da Teoria Clássica dos Testes (TCT), que inclui a análise dos itens e a análise técnica do teste (Almeida & Freire, 2003; Coutinho, 2015; Anastasi & Urbina, 2000; Rodríguez-Jiménez et al, 2011). Na análise dos itens, foi tido em consideração o parâmetro *índice de dificuldade* e, na análise do teste, consideraram-se duas perspetivas essenciais na validação de um instrumento psicométrico: a fiabilidade e a validade.

O objetivo principal deste trabalho é apresentar as etapas de validação consideradas para o CLCP-PE. Os resultados apresentados referem-se aos aspetos considerados na validação dos estímulos fonológicos, imagens e instruções de aplicação, bem como à análise técnica do teste (Almeida & Freire, 2003; Coutinho, 2015, Anastasi & Urbina, 2000, entre outros), obtidos a partir da aplicação da versão final a uma amostra de 87 crianças, com desenvolvimento considerado típico, com idades compreendidas entre os [3;00-6;06[ anos de idade.

Na análise técnica do teste foram verificadas condições de fiabilidade e de validade. A fidelidade refere-se à precisão do método de medição (Cohen-Swerdlik, 2009), assegurando que os dados obtidos são os mesmos e que são consistentes, não variando em função do tempo, do contexto, do instrumento ou do investigador (Coutinho, 2015). No CLCP-PE, a fiabilidade foi testada através da análise da consistência interna dos estímulos, fiabilidade intra-observador e fiabilidade inter-observador das transcrições fonéticas. Quanto à validade, capacidade que dado instrumento tem de medir aquilo que refere medir (Almeida & Freire, 2003; Anastasi & Urbina, 2000, entre outros), esta é uma variável multidimensional, podendo, por isso, ser abordada sob diferentes perspetivas. No CLCP-PE foram considerados os seguintes tipos de validade: validade de constructo e validade de conteúdo. Os dados resultantes do processo de validação do instrumento encontram-se sintetizados no Quadro 1.

**Referências Bibliográficas:**

- Almeida, L., & Freire, T. (2003). *Metodologia da investigação científica em Psicologia e Educação*. Braga: Psiquilíbrios.
- Anastasi, A., & Urbina, S. (2000). *Testagem psicológica* (7th ed.). Porto Alegre: Artmed, Editora.
- Cohen-Swerdluk. (2009). *An Introduction to Tests and Measurement* (7th ed.). USA: McGraw-Hill.
- Coutinho, C. (2015). Avaliação da qualidade da investigação qualitativa : algumas considerações teóricas e recomendações práticas. In F. de Sousa, D. de Sousa, Costa, & A.P. (Eds.), *Investigação Qualitativa: Inovação, Dilemas e Desafios* (pp. 101-121). Ludomedia.
- Ramalho, A.M., Freitas, M.J. Almeida, L. (2014). *CLCP-PE (Avaliação Fonológica da Criança: Crosslinguistic Child Phonology Project – Português Europeu)*.
- Ramalho, A. M., L. Almeida & M. J. Freitas (2015) Adaptação ao Português Europeu de um instrumento interlinguístico de avaliação fonológica: CLCP-PE. In *XXX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos Seleccionados*, in A. Moreno, F. Silva & J. Veloso (eds.), Porto: APL, 463-472.
- Ramalho, A.M. (em prep.). *Aquisição fonológica na criança: tradução e adaptação de um instrumento de avaliação interlinguístico para o PE*. Universidade de Évora. Dissertação de Doutoramento.
- Rodríguez-Jiménez, O. R., Rosero-Burbano, R. F., Botia Sanabria, M. L., & Duarte Mateus, L. H. (2011). Producción de Conocimiento en Psicometría en Instituciones de Educación Superior de Bogotá y Chía. *Revista Colombiana de Psicología*, 20 (1), 9-25.

**Quadro 1:**

	<b>Condições testadas</b>	<b>Resultados obtidos</b>
Fiabilidade	Consistência interna	$\alpha = 0.98$
	Fiabilidade intra-observador	97.9%
	Fiabilidade inter-observador	98%
Validade	Constructo	Diferenciação etária e estrutural (existência de diferenças estatisticamente significativas nas diferentes estruturas fonológicas e nas diferentes faixas etárias.
	Conteúdo	IVC=0.99

## IRIA DEL RÍO GAYO, AMÁLIA MENDES e SANDRA ANTUNES

### **Tagset para a anotação de erros no corpus COPLE2**

Nos últimos anos, o livre acesso a *corpora* de aprendentes de uma língua segunda com dados anotados e estruturados provou ser fundamental para várias áreas, desde a investigação teórica em Linguística ao desenvolvimento de ferramentas de apoio à aprendizagem de segundas línguas. A anotação dos *learner corpora* é um fator fundamental para uma exploração eficiente dos dados (Meurers & Dickinson, 2017) e, entre os diferentes tipos de anotação possível, a anotação do erro tem-se revelado particularmente relevante não só para a identificação de áreas problemáticas no processo de aprendizagem (Granger, 2004), mas também para o uso dos dados do aprendente em abordagens computacionais (Leacock *et al.*, 2014).

Neste sentido, apresentamos e discutimos o *tagset* de anotação do erro desenhado para o *corpus* COPLE2 (Antunes *et al.*, 2015). Este *corpus* foi já anotado com informação de classe de palavra e lema, e pode ser pesquisado através do sistema TEITOK (Janssen, 2016). Está ainda em curso o processo de normalização de erros (Rio *et al.*, 2016). Para além destes níveis de informação, propõe-se agora a aplicação de um sistema de anotação do erro cuja arquitetura é similar à de esquemas como Nicholls (2003) ou Dagneaux *et al.* (2005). O objetivo da aplicação deste sistema ao COPLE2 é conseguir uma classificação detalhada dos erros dos aprendentes que permita pesquisas específicas relativas a diferentes fenómenos linguísticos, como a concordância, a ordem de palavras, a seleção da classe gramatical ou a seleção lexical.

O *tagset* de anotação do erro estrutura-se em dois níveis de informação: a área linguística e o subtipo de erro. Distinguimos três áreas linguísticas principais: ortografia, gramática e léxico, que são fundamentais na aprendizagem de uma segunda língua e, até certo ponto, fáceis de delimitar do ponto de vista da anotação. Estão por isso presentes na maioria dos *tagsets* desenvolvidos para outras línguas. Dentro de cada uma das áreas, identificam-se de seguida fenómenos específicos, como a concordância, o tempo verbal ou problemas na ordem de palavras, para a área da gramática. Os dois níveis de informação são expressos em etiquetas de tipo *position-based*, onde a primeira letra corresponde à área geral e as restantes letras ao subtipo de erro. Por exemplo, para problemas de concordância que afetam o género, temos a etiqueta "GAG" que corresponde a *Grammar+Agreement+Gender* (Gramática+Concordância+Género). Em relação ao tamanho das estruturas a anotar como erradas, estas podem englobar vários *tokens*. Isto é possível através da anotação em *stand-off* que o sistema TEITOK permite. O *tagset* tem atualmente 38 etiquetas que cobrem os principais fenómenos relativos ao erro observados no COPLE2.

Esta primeira versão do *tagset* é o resultado de uma experiência de anotação de 36 textos (7.073 tokens) representativos das diferentes línguas maternas (14) e dos níveis de proficiência existentes no *corpus* (A1-C1). O objetivo consistia em determinar, por um lado, as principais áreas linguísticas que deviam ser tratadas, e, por outro, os parâmetros de anotação que deviam ser definidos: o que é que pode ser considerado um erro; o escopo do erro; o nível de detalhe linguístico na anotação, etc. Como resultado desta experiência, criou-se um *tagset* com 38 etiquetas, e foram tomadas algumas decisões relativas ao sistema de anotação. Pretendemos aqui dar conta das dificuldades que este tipo de anotação comporta, das diferentes abordagens possíveis, tendo em vista a obtenção de, e das opções tomadas após esta primeira fase de testes.

O sistema foi ainda avaliado do ponto de vista do acordo entre anotadores (*inter-annotator agreement*). Para o efeito, duas anotadoras experientes anotaram 10 textos do *corpus* e os resultados foram avaliados com a medida Cohen's kappa, tendo-se obtido o resultado  $\kappa = 0.85$ , considerado muito positivo. A análise da divergência na anotação entre as anotadoras foi especialmente enriquecedora e permitiu um aperfeiçoamento substancial das normas de anotação.

O sistema de anotação está a ser testado e aperfeiçoado, e planeamos que seja aplicado em breve. O nosso objetivo é que, dentro do possível, as etiquetas do *tagset* sejam criadas automaticamente a partir dos resultados do processo de normalização do erro.

## Referências

- Antunes, S. et al. (2015). Apresentação do Corpus de Português Língua Estrangeira/Língua Segunda – COPLE2. *Textos Seleccionados do XXX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto, Portugal, 77-87.
- Dagneaux, E. et al. (eds). (2005). *Error Tagging Manual. Version 1.2*. Centre for English Corpus Linguistics. Université Catholique de Louvain.
- Granger, S. (2004). Computer learner corpus research: current status and future prospects. In U. Connor & T. Upton (Eds.), *Applied Corpus Linguistics: A Multidimensional Perspective* (pp. 123-145). Amsterdam & Atlanta: Rodopi.
- Janssen, M. (2016). TEITOK: Text-Faithful Annotated Corpora. In *Proceedings of LREC 2016*, Portorož, Slovenia.
- Leacock, C. et al. (2014). *Automated grammatical error detection for language learners*. Second Edition. San Rafael, CA: Morgan & Claypool.
- Meurers, D. & Dickinson, M. (2017). Evidence and interpretation in language learning research: Opportunities for collaboration with computational linguistics. *Language Learning*.
- Nicholls, D. (2003). The Cambridge Learner Corpus –error coding and analysis for lexicography and ELT. In D. Archer, P. Rayson, A. Wilson and T. McEnery (Eds.). *Proceedings of the Corpus Linguistics 2003 Conference*. Lancaster University, pp. 572--581.
- Río, I. del et al. (2016). Towards error annotation in a learner corpus of Portuguese. *5th NLP4CALL and 1st NLP4LA workshop in Sixth Swedish Language Technology Conference (SLTC)*. Umeå University, Sweden, 17-18 November.

## CELESTE RODRIGUES e MARIA DO CARMO LOURENÇO GOMES

### Representações gráficas da nasalidade: aprendizagem do código alfabético

Este trabalho analisa as representações gráficas atribuídas às estruturas fonológicas com nasalidade nos núcleos vocálicos por crianças do 1º ciclo do Ensino Básico em Portugal com o objetivo de contribuir para a necessária reflexão acerca da necessidade de se intervir preventivamente na formação de professores em questões de natureza fonológica.

É sabido que as estruturas fonológicas apresentam complexidade diferente na sua representação gráfica, consoante o número e o tipo de variantes ortográficas que possuem. Em português a nasalidade dos núcleos é assinalada de três modos diferentes em função da acentuação e da posição na palavra: (i) em sílabas não finais, é representada por <m> antes de oclusivas labiais (p ou b: campo, pomba) e por <n> antes das restantes consoantes ontem, manga; (ii) em núcleo acentuado final de palavra, a representação inclui o til sobre a única/principal vogal do núcleo silábico (irmão, maçã) ou <m> final (bem, tem) e iii) em núcleo não-acentuado final de palavra, a nasalidade é representada por <m> (partiram, imagem). Além da complexidade da representação da nasalidade propriamente dita, as sílabas em que esta existe podem conter núcleos mais ou menos complexos foneticamente, uns com acentuação gráfica e outros não acentuados graficamente. As variedades linguísticas das duas cidades possuem pronúncias diferentes no que se refere à nasalidade de alguns dos núcleos em análise (González 2008; Rodrigues 2012), nomeadamente, os núcleos finais acentuados e não-acentuados, mas não só (cf. foram [fórãw] ~ [fórõ] ~ [fórũ], Guimarães [gimerèj] ~ [gimerãj], tens [těj] ~ [tẽ] ~ [těj], maçã [mesẽ] ~ [mesá], quente [kěti] ~ [kenti], inveja [ĩvɛʒɐ] ~ [ẽvɛʒɐ], embora [ẽbɔrɐ] ~ [ĩbɔrɐ]), principalmente [přisipałmětĩ] ~ [přɛsipałmětĩ]), o que pode gerar o uso de diferentes grafias. Não foram encontrados estudos baseados em dados de crianças portuguesas com a análise destas estruturas (cf. Campos, Tenani & Berti 2012 para o português do Brasil).

Os dados foram extraídos do corpus EFFE-On (Rodrigues, et al. 2015) referentes a 110 crianças de duas turmas do 2º e do 4º anos, falantes de duas variedades linguísticas, setentrional e centro-meridional, das cidades de Porto (52 crianças) e Lisboa (58 crianças). São consideradas as relações entre grafia e estruturas fonética e fonológica nas duas variedades e entre as duas variedades. As estruturas em análise incluem início, interior e fim da palavra, nomeadamente: i) nasalidade em núcleos não-ramificados e ramificados; ii) nasalidade em núcleos acentuados e não-acentuados (cf. exemplos na Tabela 1). As estruturas fonológicas são descritas com base no modelo autosegmental e os dados serão explorados do ponto de vista quantitativo e qualitativo. Todas as estruturas descritas contêm na variedade de português falada em Lisboa um autosegmento flutuante nasal que se associa no núcleo silábico precedente. Na variedade linguística falada no Porto, por outro lado, existem razões para supor que a nasalidade não se associa ao núcleo senão marginalmente. A sua associação faz-se preferencialmente à coda da sílaba. Daí poder ter uma realização consonântica e o núcleo poder resultar não / menos nasalizado (além de a sua vogal manter o grau de altura, se for [+ baixo]).

## Tabela 1 – Estruturas fonológicas e exemplos de representações gráficas

(Dados extraídos do Corpus EFFE-On)

Criança Texto Estrutura FN-C Palavra

L\_30\_2B CB -eN# ac. tani tem

L\_20\_2B CZ -eN# ac. nimgani ninguém

L\_30\_4B CB -eN# ac. algan alguém

P\_112\_2\_PA FL -aN- ac. lifate elefante

L\_20\_2B CZ -eNS# ac. parabanis parabéns

L\_20\_2B BR -eN# não-ac. ãe em

L\_20\_2B CZ -eN# não-ac. sain sem

L\_56\_2A SA -eN# não-ac. onteã ontem

L\_55\_2A SA -eN# não ac. ontei ontem

P\_112\_2\_PA FL -eN# não-ac. nuve nuvem

L\_10\_2B SA -eN# não-ac. imaxai imagem

L\_54\_2A BR -eN# não-ac. ae em

L\_15\_4B CI -eN- não-ac. tamtei tentei

L\_15-4B CI -eN- não-ac. prencipalmente principalmente

L\_50\_2A CZ -eN# não-ac. fossãe fossem

L\_50\_2A CZ #eN não-ac. embora embora

P\_85\_2\_CT CZ -eN# não-ac. neim nem

L\_30\_4B CB -eN# não-ac. paraem parem

P\_112\_2\_PA FL -iN- não-ac. bricar brincar

P\_112\_2\_PA FL -iN- não-ac. nigem ninguém

P\_112\_2\_PA FL -aN# não-ac. bricarm bricaram

L\_50\_2A CZ -aN# não-ac. éã eram

L\_50\_2A CZ -aN# não-ac. estavã estavam

L\_50\_2A CZ -uN- não-ac. pergomtei perguntei

L\_30\_4B CB -oN- não-ac;aN#ac comfusam confusão

**Referências**

- Campos, P. B. B.; Tenani, L. & Berti, L. (2012). As grafias não convencionais da coda silábica nasal: análise de dados de EJA, Alfa: Revista Linguística (São José do Rio Preto), vol.56, nº2, São Paulo, Jul/Dez. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-57942012000200014>
- González, M. G. (2008). Português Europeu e Galego: Estudo Fonético e Fonológico das Consoantes em Rima Medial, Tese de Mestrado FLUL, Lisboa.
- Rodrigues, C. (2012). "Variantes não-standard e tipo de discurso: (des)encontro de resultados", In Costa, A. & Duarte, I. (2012) nada na língua lhe é estranho, Edições Afrontamento, Porto, pp. 215-228.
- Rodrigues, C., Lourenço-Gomes, M. C., Alves, I., Janssen, M., Gomes, I. L. (2015): EFFE-On - Escreves como falas - Falas como escreves? (Online corpus of writing and speech of children in the early years of schooling), Lisboa: CLUL. ISLRN: 716-103-425-482-9. <http://alfclul.clul.ul.pt/teitok/effe/index.php?>

## RUTE ROSA, AUDRIA LEAL, MARTA FIDALGO, MATILDE GONÇALVES e NOÉMIA JORGE

### Organizadores textuais e plano de texto: que relações?

A presente comunicação enquadra-se no âmbito do projeto estratégico do CLUNL - CoRUs 2015-2020 e, em particular, no grupo de investigação *Gramática & Texto*. Pretende-se, com esta proposta, focar o papel dos organizadores textuais na marcação do plano de texto e, assim, contribuir para uma questão pouco discutida na Linguística do Texto e do Discurso.

No quadro teórico do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), o *plano de texto* integra a camada mais profunda de um dos instrumentos de análise – o *modelo da arquitetura textual* – e corresponde à “organização de conjunto do conteúdo temático; mostra-se visível no processo de leitura e pode ser codificado em um resumo” (Bronckart, [1997] 1999: 120). No âmbito da Linguística Textual, Jean-Michel Adam sublinha que “(...) os planos de texto desempenham um papel fundamental na composição macrotextual de sentido” (Adam, 2008: 255). Na continuidade do trabalho de Adam, Coutinho (2004a: 1) sublinha que a marcação do plano de texto é assegurada por *mecanismos de organização textual global*.

A noção de *organizadores textuais* foi proposta por Schneuwly, Rosat & Dolz (1989), para evidenciar diferentes operações de planificação textual. Nas últimas décadas, esta noção tem sido retomada por diferentes autores, encontrando-se oscilações terminológicas e diferentes propostas de categorização (Coutinho, 2004a, 2004b). Na proposta de Adam (1999: 181), os organizadores textuais fazem parte da categoria geral dos conectores e, tal como na maioria das propostas, são classificados de acordo com a função que assumem na configuração do plano de texto.

Neste sentido, o objetivo desta proposta é explorar e discutir as funções que os organizadores textuais podem assumir na marcação do plano de texto. Para tal, apresentamos uma análise textual global, de cunho qualitativo, de textos do *corpus* G&T.com, constituído no âmbito dos trabalhos de investigação do grupo *Gramática & Texto* sobre “comentários”. Na análise apresentada, privilegiaremos quer a identificação dos mecanismos linguísticos, quer a dos mecanismos gráficos que intervêm na configuração do plano de texto.

A título de exemplo, verifica-se que um mesmo organizador textual pode assumir diferentes funções na marcação do plano de texto. É o caso do organizador “e”, classificado como *enumerativo aditivo* na proposta de Adam (2008), que também assume a função de *marcador de mudança de topicalização* no comentário literário (cf. abaixo exemplos 1 e 2). Por outro lado, verifica-se que a pontuação também pode ter diferentes funções na marcação do plano de texto, como por exemplo, o sinal de dois pontos. No comentário linguístico, por um lado, introduz enumerações, delimitando os segmentos menores em que são apresentados exemplos e, por outro, introduz uma reformulação (cf. abaixo exemplos 4 e 5). No comentário literário, este mecanismo gráfico também assume a função de *organizador de integração linear*, delimitando a secção conclusiva e marcando o fecho do plano (cf. abaixo exemplo 3). Neste sentido, concluímos que as funções dos organizadores textuais são construídas textualmente e, por isso, a sua categorização tem fronteiras fluídas que vai depender do texto em si.

**Exemplos**

**1) C1** *E a afirmação da mulher não era corrente: a projeção de Irene Lisboa estava em pleno, ajudada por escritores que apreciavam o seu género literário compósito (...)*

**2) C1** *E com um alcance político-social vibrante (...)*

**3) C1** *Natália Nunes: personalidade literária multímoda, ficcionista com romances de originalidade marcante, estudiosa do insólito humano, ameaçador ou carente, em contos onde encontramos algumas obras-primas do género na literatura portuguesa.*

**4) C2** *Outro exemplo:*

**5) C2** *Ou seja: se descontarmos os casos singulares de <v> (...)*

**Referência dos textos retirados do corpus**

**C1** Seixo, Maria Alzira. (2014) "A nuvem turbulenta: bosquejo da obra literária de Natália Nunes". In: *Revista Colóquio/Letras*, pp. 204-209.

**C2** Castro, Ivo. (2011) *Introdução à História do Português*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 138-143.

**Referências**

Adam, Jean-Michel. (1999) *Linguistique Textuelle. Des genres de discours aux textes*. Paris: Nathan.

Adam, Jean-Michel. (2008) *A linguística textual. Introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez Editora.

Bronckart, Jean-Paul. ([1997] 1999) *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sóciodiscursivo*. Trad. Anna Raquel Machado. São Paulo: EDUC.

Coutinho, Maria Antónia. (2004a) "Sobre organizadores textuais". In: *Gramática Textual do Português*. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:itv9sLPiWcJ:www.fcsh.unl.pt/cadeiras/texto/Organizado+res%2520textuais.pdf+&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt>

Coutinho, Maria Antónia. (2004b) "Organizadores textuais – Entre língua, discurso e género" In: Oliveira, Fátima & Isabel Margarida Duarte (orgs). *Da língua e do discurso*. Porto: Campo das Letras, pp. 283-298.

Schneuwly, B., Rosat, M.-C. & Dolz, J. (1989) "Les organisateurs textuels dans quatre types de textes écrits (élèves de 10, 12 et 14 ans)", *Langue Française* 81, pp. 40-58.

## ANA LÚCIA SANTOS, ALICE JESUS e SILVANA ABALADA

### Controlo de objeto com infinitivo (não) flexionado

A literatura tem apontado para um contraste na aquisição do controlo de sujeito com verbos como *prometer*, face a controlo de objeto. Em estruturas com verbos matriz ditransitivos, tem sido registada uma preferência pela interpretação de controlo de objeto ([1]), facto que poderia estar de acordo com uma análise em termos de intervenção em estruturas com movimento-A, se se assumir a Teoria de Controlo como Movimento ([2]).

No entanto, os resultados de [3], para o Português Europeu (PE), sugerem que as crianças também não têm conhecimento adulto de controlo de objeto – neste estudo, as crianças de 3 anos deram cerca de 30% de respostas de controlo de sujeito em estruturas de controlo de objeto. O problema é mais complexo no PE, que admite infinitivo flexionado nestes contextos: apesar de o infinitivo flexionado ocorrer tipicamente em contextos de controlo não obrigatório, nas estruturas em análise este parece manter a leitura de controlo (obrigatório) de objeto, semelhante à que se verifica em complementos de infinitivo não flexionado (cf. (1a) e (1b)).

Estudos anteriores sobre o PE mostram que o infinitivo flexionado emerge na produção espontânea por volta dos 2 anos ([6]), sendo produzido em complementos de verbos de controlo de objeto por crianças em idade pré-escolar ([7]). Contudo, não é conhecida a influência da flexão na interpretação de complementos infinitivos por crianças (nem mesmo por adultos).

Assim, interessa investigar se, em exemplos como (1a), as crianças mantêm a interpretação de (1b). Se as crianças generalizarem a leitura de controlo não obrigatório a todos os infinitivos flexionados, podem atribuir a (1a) uma leitura de controlo de sujeito. Por outro lado, se o infinitivo flexionado der origem a leituras de controlo parcial ([4]) ou de controlo não obrigatório com antecedente dividido (“split”) (veja-se [5]), as crianças (e os adultos) poderão ainda tomar como antecedentes o sujeito e o objeto da matriz.

No presente trabalho, pretende-se determinar (i) a existência de uma tendência para a leitura de controlo de objeto com verbos ditransitivos e (ii) a influência da flexão na interpretação do infinitivo encaixado (mais especificamente, se a leitura preferencial de controlo de objeto é afetada pela presença de infinitivo flexionado).

Uma vez que se mostra relevante olhar para a forma como as crianças processam o *input*, apresentam-se dados experimentais de duas tarefas de escolha de imagens realizadas com recurso à técnica de E-Prime. Na primeira, é testada a interpretação de complementos infinitivos de pseudo-palavras da categoria verbo, que permitem simular verbos novos, em estruturas análogas às de controlo de objeto (2). Na segunda, são testados, nos mesmos contextos, verbos de controlo de objeto existentes – *obrigar*, *ajudar* e *ensinar* (3). Em ambas as tarefas, foi manipulada a flexão do infinitivo. A tarefa consistia na escolha de uma de quatro imagens (correspondendo às leituras de controlo de objeto, de controlo de sujeito, de antecedente dividido e a um distrator – Figura 1). Foram avaliadas como variáveis resposta a escolha de imagem e o tempo de reação. Se o infinitivo flexionado ativar um maior conjunto de possibilidades de interpretação, espera-se que os tempos de reação sejam mais elevados nesta condição. Foram testadas 30 crianças de 5 anos (média: 5;8.3) e um grupo de controlo de 30 adultos, em ambos os casos falantes monolíngues de Português Europeu.

Os resultados confirmam uma preferência pela leitura de controlo de objeto, ainda que, nas crianças, esta seja menos saliente (cerca de 50% de leituras de controlo de objeto e 30% de leituras de controlo de sujeito, com pseudo-palavras), o que não aponta para uma análise em que a preferência por uma leitura de controlo de objeto possa ser lida como um resultado indireto de intervenção

na leitura de controlo de sujeito. A análise de dados foi feita com recurso a um modelo GLMM (tomando o sujeito como fator aleatório). Na tarefa com pseudo-palavras, encontrou-se apenas um efeito significativo de Idade\_Grupo ( $p=.012$ ). Na segunda tarefa, o modelo mostrou efeitos significativos de Verbo ( $p<.001$ ) e de Verbo\*Idade\_Grupo ( $p=.034$ ). É de sublinhar que não se encontraram, em nenhum dos modelos, efeitos significativos de Flexão.

A análise dos tempos de reação, por sua vez, confirma que tanto os adultos como as crianças tratam, neste contexto, os infinitivos flexionados e não flexionados de forma semelhante: em nenhuma das tarefas se encontraram diferenças significativas nos tempos de reação com infinitivo flexionado e não flexionado.

- (1) a. Os pais obrigaram [as crianças]<sub>i</sub> [a \_\_\_<sub>i</sub> dormirem].  
b. Os pais obrigaram [as crianças]<sub>i</sub> [a \_\_\_<sub>i</sub> dormir].
- (2) As vacas paritaram as zebras a cozinhar(em).
- (3) As vacas obrigaram as zebras a cozinhar(em).



Figura 1 – azul: controlo de objeto; verde: controlo de sujeito; vermelho: antecedente dividido (sujeito e objeto); amarelo: distrator.

- [1] Chomsky, C. (1969). *The acquisition of syntax in children from 5 to 10*. Cambridge, Mass: The MIT Press.
- [2] Hornstein, N. (1999). Movement and control. *Linguistic Inquiry*, 30(1): 69-96.
- [3] Agostinho, C. (2014). *The acquisition of control in European Portuguese complement clauses*. MA in Linguistics, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- [4] Modesto, M. (2010). What Brazilian Portuguese says about control: Remarks on Boeckx & Hornstein. *Syntax*, 13(1): 78-96.
- [5] Pires, A. (2006) *The Minimalist Syntax of Defective Domains: Gerunds and Infinitives*. Amsterdam: John Benjamins.
- [6] Santos, A. L., J. Rothman, A. Pires & I. Duarte (2013). Early or late acquisition of inflected infinitives in European Portuguese?: Evidence from spontaneous production data. In Becker, M., J. Grinstead & J. Rothman (eds.), *Generative Linguistics and Acquisition: Studies in honor of Nina M. Hyams*, pp. 65-88. Amsterdam: John Benjamins.
- [7] Santos, A. L., A. Gonçalves & N. Hyams (2016). Aspects of the acquisition of object control and ECM-type verbs in European Portuguese. *Language Acquisition*, 23(3): 199-233.

## ISABEL ROBOREDO SEARA

### **Cosmética verbal: o uso eufemístico no discurso político**

Nesta comunicação propomo-nos refletir sobre o uso eufemístico como estratégia argumentativa ao serviço de atenuação no discurso político. O trabalho está ancorado teoricamente nos estudos de Briz (2014), articulando, assim, as reflexões sobre atenuação do grupo Val.Es.Co, com os contributos sobre o eufemismo como estratégia de atenuação de Casas (1986), Gómez Sánchez (2006) e Albeda Marco (2010). Pretende-se, por um lado, sublinhar o uso eufemístico como estratégia socio-interacional de persuasão para a construção/proteção de determinada imagem pública do falante (cf. Hernández Flores (2004), não restringindo à abordagem lexical, de simples substituição para suavizar a realidade; por outro lado, o uso eufemístico pode assumir um papel de máscara (Cf. a noção de mecanismo autocêntrico, de Fant y Granato, 2002) , que encobre a clareza da mensagem. Serão analisados discursos políticos sobre a crise económica portuguesa, produzidos em 2014-16, em que o uso eufemístico visa atenuar ou desviar da veracidade dos factos, camuflando e minorando a gravidade da situação.

## ISABEL SEBASTIÃO

### **Coesão e coerência na aprendizagem da escrita epistolar – ensino básico**

O ensino da escrita é um campo de difíceis contornos uma vez que a produção de um texto envolve diversas componentes estruturadoras que se (inter)relacionam, resultando no produto final. Exige, portanto, um ensino programado e sistemático no sentido de desenvolver as competências textuais e discursivas dos aprendentes que os habilitem a compreender e a produzir textos/discursos coerentes e adequados às distintas situações em se possam encontrar inseridos socialmente.

O texto, resultado de uma atividade de escrita, é uma ocorrência comunicativa que cumpre sete «parâmetros de textualidade», “cada texto apresenta mecanismos de textualização e mecanismos enunciativos destinados a lhe assegurar coerência interna” (Bronckart, 2003: 71).

A noção de texto compreende uma organização do seu conteúdo referencial apresentando “mecanismos de textualização” (Beaugrand & Dressler, 2005) e “mecanismos enunciativos destinados a lhe assegurar coerência interna” (Bronckart: 2003, 71). A coesão funciona como fator de “compactação” da superfície textual (Halliday & Hasan, 1976), tornando o texto eficaz e facilitando, assim, a tarefa do interlocutor (Fonseca, 1988). As normas de textualidade não funcionam de forma estanque, são interdependentes, o que faz com que o nível de coesão se possa moldar em relação às restantes normas de textualidade. A coerência não está presente apenas no texto, mas sim na continuidade de sentidos desvelados e criados na mente do interlocutor. De tal modo, que quando o texto não contempla as “informações” necessárias ao interlocutor, ele tem autonomia suficiente para ativar os tais sentidos armazenados, frutos do seu próprio conhecimento do mundo e das suas experiências, e fazer aquilo a que Beaugrande & Dressler chamam “inferências” (processo inferencial) que enriquecem o texto.

Nesta apresentação, com base nestes dois conceitos da organização textual, pretende-se, primeiramente, discutir e refletir sobre a forma como alunos do ensino básico gerem a coesão e a coerência discursivo-textuais, para, num segundo momento, apresentar explicações para os problemas encontrados nas produções textuais dos alunos, procurando perceber o que lhes falta para um bom desempenho do domínio da escrita. Os textos que constituem o objeto de análise fazem parte de uma investigação mais ampla que pretende analisar a competência que os alunos adquirem, ao longo do ensino obrigatório português (primeiros nove anos de ensino), relativamente ao domínio discursivo-textual epistolar.

**Palavras-Chave:** coesão, coerência, produção textual, aprendizagem da escrita

#### **Referências Bibliográficas:**

- Beaugrande, R. & Dressler, W. U. (2005 (1981)). *Introducción a la lingüística del texto*. Barcelona: Ariel.
- Bronckart, J.P. (2003). *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: Educ.
- Fonseca, J. (1988). Coerência do Texto. *Revista da Faculdade de Letras/Língua e Literaturas*, 5, 7-18.
- Halliday, M. A. K., & Hasan, R., (1976). *Cohesion in English*. Londres: Longman.

## CAROLINA SERRA e FLAVIANE FERNANDES-SVARTMAN

### As estruturas SVO e o fraseamento prosódico no português do Brasil

Em estudos prévios sobre o fraseamento prosódico em português, é encontrada variação quanto ao fraseamento prosódico de sentenças declarativas neutras na ordem sujeito (S) - verbo (V) - objeto (O), sendo os padrões de fraseamento (SVO) e (S)(VO) os mais frequentes entre as diferentes variedades dessa língua. (SVO) é o padrão predominante de fraseamento prosódico da variedade padrão do português europeu (PE) (FROTA 2000, 2014), da variedade do PE falada no Algarve (CRUZ 2013), das variedades de português brasileiro (PB) faladas em São Paulo (capital) e Porto Alegre (capital do Rio Grande do Sul) (FERNANDES-SVARTMAN et al. a sair) e da variedade de português africano falada em Bissau (capital de Guiné-Bissau) (FERNANDES-SVARTMAN et al. a sair). Por sua vez, (S)(VO) é o padrão de fraseamento predominante de variedades do centro-sul e do norte de Portugal (D'IMPERIO et al. 2005; ELORDIETA et al. 2005; FROTA et al. 2007; FERNANDES-SVARTMAN et al. a sair; FROTA & VIGÁRIO 2007; VIGÁRIO & FROTA 2003; CRUZ 2013).

Neste trabalho, em acréscimo aos trabalhos prévios anteriormente citados, estuda-se o fraseamento prosódico de sentenças declarativas neutras SVO, nas variedades do PB faladas no Rio de Janeiro (capital) e em João Pessoa (capital da Paraíba). O corpus utilizado aqui é a versão adaptada para o PB do Romance Languages Database – RLD (D'IMPERIO et al., 2005; ELORDIETA et al., 2005; FROTA, CRUZ & VIGÁRIO, 2011), conjunto de dados previamente construído para o estudo prosódico das línguas românicas. No estudo do fraseamento prosódico dos nossos dados, as fronteiras prosódicas são identificadas através das seguintes pistas prosódicas: tons de fronteira e pausa. Os aportes teórico-metodológicos utilizados são o da Fonologia Prosódica (SELKIRK, 1984; NESPOR & VOGEL, 2007) e o da Fonologia Entoacional Autossegmental e Métrica (BECKMAN & PIERREHUMBERT, 1986; LADD, 2008; FROTA et al., 2015, i.a.). A delimitação das pausas e a notação dos tons de fronteira são realizadas no programa PRAAT (BOERSMA & WEENINK, 2012-2017).

A partir da observação dos resultados sobre o fraseamento prosódico no PB apresentados em Fernandes-Svartman et al. (a sair), partimos da hipótese de que o aumento do peso fonológico (em número de sílabas) e/ou a presença de ramificação sintático-fonológica do constituinte sujeito serão fatores essenciais para a ocorrência de uma fronteira prosódica.

Levando em conta sujeitos curtos de  $3\sigma$  e longos de  $5\sigma$ , além do tipo de ramificação (N+A e N+SP), Fernandes-Svartman e colegas verificam que o padrão de fraseamento (S)(VO) apresenta percentual ainda baixo nas duas comunidades de fala estudadas, atingindo percentuais um pouco maiores apenas na condição de ramificação, principalmente nos falantes de Porto Alegre (RGS) relativamente aos paulistanos (SP). No que se refere a dados do Rio de Janeiro, observações assistemáticas de um estudo preliminar (OLIVEIRA, SANTANA & SERRA, 2016), com base na leitura de 13 frases por 11 mulheres jovens, mostram que a possibilidade de ocorrência de fronteira prosódica entre S e V -- com ou sem a presença da pausa silenciosa -- aumenta consideravelmente quando se trata de sujeitos com maior complexidade sintática e fonológica. Para o grupo de frases com entre 5-6 $\sigma$  no constituinte S, o percentual de ruptura (S)(VO) é, em média, de 52% entre as falantes cariocas; quando os Ss são compostos por 7-8 $\sigma$ , a ocorrência de uma fronteira prosódica aumenta para até 85%, o que nos leva a crer que tanto o número de sílabas quanto o número de palavras prosódicas (nos Ss ramificados) potencializam a ocorrência de uma fronteira de sintagma entoacional (IP) após o constituinte sujeito.

## Referências

- BOERSMA, P. & WEENINK, D. *Praat: doing phonetics by computer* [Computer program]. disponível em: <http://www.praat.org/>, 2012-2017.
- D'IMPERIO, M., ELORDIETA, G., FROTA, S., PRIETO, P. & VIGÁRIO, M. Intonational phrasing and constituent length in Romance. In Sónia Frota, Marina Vigário & Maria João Freitas (eds.), *Prosodies*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005, pp. 59-97.
- ELORDIETA, G., FROTA, S. & VIGÁRIO, M. Subjects, objects and intonational phrasing in Spanish and Portuguese. *Studia Linguistica* 59 (2/3), 2005, pp. 110-143.
- FERNANDES-SVARTMAN, F., BARROS, N., SANTOS, V. & CASTELO, J. Intonational phrasing and nuclear configurations of SVO sentences across varieties of Portuguese. In Marisa Cruz, Pedro Oliveira & Sónia Frota (eds.), *Prosodic variation (with)in languages: Intonation, phrasing and segments*. Equinox Publishing, a sair.
- FROTA, S., CRUZ, M., & VIGÁRIO, M. *RLD – Romance Languages Database: Inline database for intonational phrasing in Romance*. Version 1.0. Laboratório de Fonética (CLUL), Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2011.
- FROTA, S., D'IMPERIO, M., ELORDIETA, G., PRIETO, P. & VIGÁRIO, M. The phonetics and phonology of intonational phrasing in Romance. In Pilar Prieto, Joan Mascaró & Maria-Josep Solé (eds.), *Prosodic and Segmental Issues in (Romance) Phonology*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2007, pp. 131-153.
- LADD, D. R. *Intonational Phonology*. (Cambridge Studies in Linguistics 119). 2ª edição. Cambridge: CUP, 2008.
- NESPOR, M. & VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. 2ª edição. Dordrecht: Foris Publications, 2007.
- OLIVEIRA, I., SANTANA, M. & SERRA, C. O encaixamento entre estrutura segmental e prosódica: a (não)realização do rótico. Comunicação apresentada na XXVI Jornada do GELNE, Recife, 2016.

## AUGUSTO SOARES DA SILVA e DAFNE PALÚ

### Construções de se no PE no PB e a ausência do clítico: perda morfológica de clítico ou estratégia de impessoalização?

O Português Brasileiro (PB) apresenta uma contraparte das construções de *se* que formalmente se caracteriza pelo apagamento do clítico *se* e que é mais frequentemente utilizada no registo informal. Os exemplos (1)-(3) ilustram a presença e ausência do clítico em diversas construções do PB, nomeadamente construção anticausativa (1), construção média (2) e construção impessoal (3). Pelo contrário, o Português Europeu (PE), tal como as outras línguas românicas, não permite a eliminação do clítico nas construções anticausativa, média e impessoal, pelo que os exemplos (1)-(3) são usadas com a presença de *se*. Apenas alguns verbos da construção anticausativa admitem o apagamento do clítico em PE.

(1) *O copo (se) quebrou.*

(2) *Essa roupa (se) lava fácil.*

(3) *Não (se) usa saia mais no Brasil.*

Adicionalmente, o PB atual praticamente já eliminou a construção passiva de *se*, bem presente no PE, como em (4), e mais interessantemente o PB apresenta no registo informal a construção exemplificada em (5) em que é impossível a presença do clítico.

(4) *Vendem-se casas.* (EP, \*BP)

(5) a. *A roupa (\*se) lavou.*

b. *Estes prédios (\*se) estão construindo.*

c. *Só o meu irmão (\*se) salvou lá em casa.*

As construções do PB sem o clítico *se* são geralmente interpretadas como resultado da tendência geral em curso do PB para a perda morfológica dos clíticos (e.g. Galves 2001, Cyrino 2007, Carvalho 2016). Mesmo reconhecendo que a ausência do clítico determina mudanças construcionais, estes estudos interpretam a presença ou ausência do clítico em termos essencialmente morfossintáticos. Negrão & Viotti (2008, 2015) são dos poucos que apontam para a necessidade de reconhecer que a presença ou ausência do clítico nas construções anticausativas do PB é determinada por fatores semânticos.

No presente estudo argumentaremos que a presença ou ausência do clítico *se* dá origem a diferentes construções que exprimem diferentes conceptualizações dos respetivos eventos e explicaremos essa diferença construcional em termos de diferentes perspetivizações conceptuais, seguindo o enquadramento da Gramática Cognitiva (Langacker 1991, 2008). Especificamente, e em linha com alguns estudos sobre construções de *se* orientados pela Linguística Cognitiva (e.g. Maldonado 1999, Afonso 2008, Vesterinen 2011), mostraremos como a construção sem o clítico *se* característica do PB atual codifica o que Langacker (2008: 371) descreve como um *construção absoluta* (um processo temático conceptualizado autonomamente, sem referência a um agente ou causação agentiva) e, conseqüentemente, exprime um grau maior de impessoalização do que a sua contraparte com o clítico *se*, o qual codifica a força indutora do evento mesmo que não especificada. Este estudo faz parte de uma investigação mais vasta sobre construções de *se* no PE e PB, especificamente um estudo socioletométrico e sociocognitivo que pretende medir a relativa (dis)similaridade entre as duas variedades nacionais nas dimensões geográfica (PE vs. PB), estilística (registo formal vs. informal) e histórica (1950-1970-1990-

2010) (Silva, em prep). Desenvolvendo uma análise extensiva em termos de traços semânticos, sintáticos e discursivos e utilizando medidas socioletométricas baseadas em perfis, analisaremos os fatores conceptuais, estruturais e letais que determinam a opção pela construção com clítico e pela construção sem clítico e compararemos o efeito impessoalizante do apagamento do clítico nas construções anticausativa, média e impessoal. Mostraremos assim que o PB possui uma nova estratégia de impessoalização no contexto das línguas românicas, iconicamente marcada pela ausência do clítico se.

### Referências

- Afonso, S. (2008). *The Family of Impersonal Constructions in European Portuguese: An onomasiological constructional approach*. PhD dissert., The University of Manchester.
- Carvalho, J. (2016). *A morfossintaxe do português brasileiro e sua estrutura argumental: uma investigação sobre anticausativas, médias, impessoais e a alternância agentiva*. PhD dissertation, Universidade de São Paulo.
- Cyrino, S. (2007). Construções com SE e promoção de argumento no português brasileiro: Uma investigação diacrônica. *Revista da ABRALIN* 6 (2): 85-116.
- Galves, C. (2001). *Ensaio sobre as gramáticas do Português*. Campinas: UNICAMP.
- Langacker, R. (1991). *Foundations of Cognitive Grammar, Vol. 2: Descriptive Application*. Stanford: Stanford University Press.
- Langacker, R. (2008). *Cognitive Grammar. A Basic Introduction*. Oxford: OUP.
- Maldonado, R. (1999). *A Media Voz. Problemas conceptuales del clítico SE*. México: UNAM.
- Negrão, E. & E. Viotti (2008). Estratégias de impessoalização no português brasileiro. In J.L. Fiorin & M. Petter (eds.), *África no Brasil. A formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 171-203.
- Negrão, E. & E. Viotti (2015). Elementos para a investigação da semântica do clítico SE no português brasileiro. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 57 (1): 41-59.
- Silva, Augusto (em preparação). SE constructions in European Portuguese and Brazilian Portuguese: A corpus-based sociolectometric and socio-cognitive analysis.
- Vesterinen, R. (2011). *A Cognitive Approach to Adverbial Subordination in European Portuguese. The Infinitive, the clitic pronoun SE and finite verb forms*. Cambridge: CSP.

## JOANA TEIXEIRA

### **Divergência seletiva no estágio final de aquisição de L2: dados sobre a construção com *there* em inglês.**

A investigação desenvolvida na última década sobre o estágio final de aquisição de L2 tem sido muito influenciada pela Hipótese de Interface (HI), segundo a qual as propriedades que são estritamente sintáticas ou que envolvem apenas interfaces internas não são problemáticas para falantes quase nativos de L2, ao passo que as que envolvem a interface entre sintaxe e domínios externos à gramática, como discurso e pragmática, são um locus de opcionalidade permanente (Sorace & Filiaci, 2006; Sorace, 2011). Na sua forma atual, a HI propõe que esta opcionalidade é fruto de ineficiências na integração de informação sintática e contextual em tempo real, que, por sua vez, são um efeito secundário do bilinguismo (Sorace, 2011, 2016). Recentemente, tem vindo a ganhar terreno uma hipótese alternativa, que designamos por “Hipótese L1+input” (HLI). Esta tem origem no trabalho de Slabakova (2015) e Domínguez & Arche (2014) e propõe que as estruturas na interface sintaxe-discurso só geram problemas no estágio final de aquisição de L2 quando são diferentes na L1 e na L2 e raras no input, podendo esses problemas ser de natureza sintática, ao contrário do que a HI prediz.

Com o objetivo de testar a HI e a HLI, este trabalho investiga a aquisição da construção com *there* (e.g. “There appeared a large ship on the horizon”) em inglês L2 – francês L1 e inglês L2 – português europeu (PE) L1. Este é um terreno de teste apropriado para as hipóteses em estudo por três motivos. Primeiro, em inglês, a construção com *there* é uma estrutura na interface sintaxe-discurso: só é adequada quando recebe foco largo, tem uma interpretação tética (Sasse, 1987) e ocorre com verbos compatíveis com a sua função discursiva apresentacional, i.e. verbos que acrescentam pouca ou nenhuma informação para além da existência/aparecimento do sujeito (cf. Kuno & Takami, 2004), tais como inacusativos de existência e aparecimento ou inergativos que expressam uma atividade prototípica do sujeito (e.g. “there waved a tattered banner from the flagpole” vs. “??there waved a bearded student from the balcony”). Segundo, a construção com *there* é infrequente em inglês com verbos que não *be* (Haegeman & Guéron, 1999). Por último, esta estrutura está sujeita a condições muito semelhantes em inglês e francês, mas não existe em PE, onde a teticidade é tipicamente expressa através da ordem VS(XP) (cf. Martins, 2016), que pode ocorrer com verbos não admitidos na construção com *there* (e.g. “??there broke a glass in the kitchen” vs. “Partiu-se um copo na cozinha”). Dadas estas características, a HLI e a HI fazem previsões diferentes sobre o desempenho dos falantes de PE e de francês em relação à construção com *there*. A primeira prediz que os falantes de francês terão um desempenho convergente e os de PE um desempenho divergente, incluindo a nível sintático. Já a última prediz que ambos exibirão opcionalidade em relação às propriedades da construção com *there* que envolvem a interface com o discurso (e.g. tipo de contexto discursivo e de verbos com que é admitida), mas não terão problemas em relação às suas propriedades léxico-sintáticas (e.g. tipo de expletivo) num nível quase nativo.

Participaram neste estudo falantes monolíngues de inglês ( $n=26$ ), falantes avançados e quase nativos de inglês L2 – francês L1 ( $n= 15$  AV, 11 QN) e falantes avançados e quase nativos de inglês L2 – PE L1 ( $n= 17$  AV, 11 QN). O seu nível de proficiência foi avaliado através do mesmo tipo de procedimento usado por Sorace & Filiaci (2006). Através de 2 tarefas *drag & drop*, 3 tarefas de juízos de aceitabilidade rápidos e 1 tarefa de *priming* sintático, foram testadas as seguintes variáveis: (i) tipo de contexto discursivo

em que a construção com *there* é admitida – foco largo vs. foco estreito no sujeito vs. foco no verbo e locativo –; (ii) tipo de verbo permitido – inacusativo de existência e aparecimento vs. inacusativo de mudança de estado vs. inergativo que expressa uma atividade prototípica do sujeito vs. inergativo que não satisfaz esta condição –; e (iii) tipo de expletivo permitido na posição de sujeito – *there* vs. *it*. Os resultados mostram que, enquanto os falantes monolíngues de inglês distinguem, em todas as tarefas, as condições em que a construção com *there* é possível daquelas em que não o é, os falantes de inglês L2 têm um comportamento diferente consoante o tipo de propriedade em teste e a tarefa usada. Como mostra a tabela 1, todos os grupos de L2 exibem opcionalidade ou indeterminação em relação ao tipo de verbo e de contexto discursivo compatível com a construção com *there* em, pelo menos, uma tarefa. Em contraste, a variável “tipo de expletivo” gera problemas apenas a falantes avançados, particularmente quando colocados sob pressão de tempo. Estes resultados indicam, assim, que, como predito pela HI, a divergência encontrada no estágio final de aquisição de L2 é seletiva: as propriedades que envolvem apenas a interface sintaxe-léxico, uma interface interna, não são problemáticas, enquanto que as que envolvem a interface com o discurso são. Os resultados sugerem ainda que o grau de divergência na interface sintaxe-discurso depende da interação dos seguintes fatores: (i) o peso colocado pela tarefa sobre os recursos de processamento do participante (+ peso → + divergência); (ii) a quantidade de informação contextual que o falante tem de processar (+ informação num contexto interfrásico, como nas tarefas sobre a variável contexto discursivo → + divergência); (iii) o nível de proficiência do falante (nível de proficiência elevado → - divergência); e (iv) a L1 (L1≠L2→ + divergência).

(1) *Tarefa drag & drop: Item de exemplo*

Tell me what happened afterwards in the story.

[os participantes tinham de criar no mínimo 1 e no máximo 4 continuações para a frase apresentada, usando os blocos de palavras fornecidos. Vermelho= obrigatório; verde=opcional]

(3) *Tarefa de priming sintático: Item de exemplo*

(2) *Tarefa de juízos de aceitabilidade rápidos: Item de exemplo*

Tell me what happened afterwards in the story.  
[apresentado sem restrição de tempo]

there / came / a / loud / roar / from / a / cave  
[apresentado palavra por palavra a um ritmo de 400 ms por palavra]

Totally unacceptable = 1 \* 2 \* 3 \* 4 \* 5 Totally acceptable

[a escala aparecia depois da apresentação da última palavra da frase]

[Na tarefa de priming sintático, todas as subtarefas tinham de ser realizadas em 4 s, exceto a descrição da imagem, que deveria ser realizada em 5 s.]

**Tabela 1** – Resultados por grupo e tarefa

Variável	Tarefa	Falantes quase nativos		Falantes avançados	
		Fr L1	PE L1	Fr L1	PE L1
Tipo de verbo	Drag & Drop 1	✓	Indeterminação	Indeterminação	Opcionalidade
	Juízos de aceitabilidade 1	✓	✓	Indeterminação	Opcionalidade
	<i>Priming</i>	Indeterminação	Indeterminação	Indeterminação	Opcionalidade
Tipo de contexto discursivo	Drag & Drop 2	Opcionalidade	Opcionalidade	Opcionalidade	Opcionalidade
	Juízos de aceitabilidade 2	Indeterminação	Opcionalidade	Indeterminação	Opcionalidade
Tipo de expletivo	Drag & Drop 1	✓	✓	✓	*
	Juízos de aceitabilidade 3	✓	✓	*	*

**Legenda:** ✓ = desempenho convergente com o dos falantes nativos de inglês; \* = aceita/produz inversão com o sujeito expletivo *it* significativamente mais do que o grupo de controlo, embora exiba uma preferência por ter *there* na posição canónica de sujeito; **opcionalidade** = não distingue entre as condições que são compatíveis com a construção com *there* daquelas que não o são e tem um nível de aceitação/produção desta construção superior ao do grupo de controlo em todas ou algumas condições em que esta é desadequada; **indeterminação** = não distingue entre as condições que são compatíveis com a construção com *there* daquelas que não o são e exibe um nível baixo de aceitação /produção desta estrutura em todas as condições experimentais, incluindo naquelas em que o grupo de controlo a permite.

### Referências:

- Domínguez, L., & Arche, M. J. (2014). Subject inversion in non-native Spanish. *Lingua*, 145, 243-265.
- Haegeman, L., & Guéron, J. (1999). *English grammar: A generative perspective*. Malden, MA: Blackwell.
- Kuno, S., & Takami, K. (2004). *Functional constraints in grammar: On the unergative-unaccusative distinction*. Amsterdam: John Benjamins.
- Martins, A. M. (2016). VSX in non-wh sentences (a view from European Portuguese). Trabalho apresentado em *Going Romance 30*, Goethe-Universität, Frankfurt, Alemanha.
- Sasse, H. J. (1987). The thetic-categorical distinction revisited. *Linguistics*, 25, 511-580.
- Slabakova, R. (2015). The effect of construction frequency and native transfer on second language knowledge of the syntax–discourse interface. *Applied Psycholinguistics*, 36(03), 671-699.
- Sorace, A. (2011). Pinning down the concept of ‘interface’ in bilingualism. *Linguistic Approaches to Bilingualism*, 1, 1-33.
- Sorace, A. (2016). Referring expressions and executive functions in bilingualism. *Linguistic Approaches to Bilingualism*, 6(5), 669-684.
- Sorace, A., & Filiaci, F. (2006). Anaphora resolution in near-native speakers of Italian. *Second Language Research*, 22(3), 339-368.

## CHIARA TRUPPI

### Cópulas e orações copulativas em Kriyol: inventário, distribuição sintática e variação

Línguas que recorrem a estratégias de cópula nula podem também apresentar cópulas realizadas. Nestes casos, a cópula serve fundamentalmente como *locus* da marcação de Tempo, Modo e Aspeto na estrutura de superfície (Lyons 1968:322f.). A escolha da cópula obedece a regras, que parecem ser partilhadas pelas diferentes línguas do mundo e que dependem essencialmente de (i) a natureza do predicado e (ii) o Tempo da oração. Tal é também o caso do Crioulo da Guiné-Bissau, ou simplesmente Kriyol, cujos itens copulativos já foram descritos, entre outros, por Kihm (1994, 2007), Intumbo (2007) e Truppi (2015). Contudo, a sintaxe das orações copulativas e a respetiva variação intralinguística têm sido pouco estudadas. Nesse sentido, com este trabalho, procurarei analisar tanto os itens como as orações copulativas, tomando também em consideração a variação intralinguística da sintaxe nestas construções.

O Kriyol dispõe de um grande número de elementos copulativos, a saber i) o item copulativo *i* (homófono com o pronome de sujeito da terceira pessoa singular), ii) a cópula verbal *sedu* 'ser', iii) a cópula locativa *sta* 'estar, ficar', iv) a cópula passada (*y*)*era* 'era' e v) a cópula nula ( $\emptyset$ ). Quando o complemento é um adjetivo que descreve uma qualidade básica, tal como *kumpridu* 'ser alto', *kontenti* 'ser feliz' ou *burmedju* 'ser vermelho', a cópula não é realizada, como exemplificado em (1). Isto deve-se ao facto de que estes adjetivos, presentes no Kriyol desde a crioulização, são de natureza verbal (Kihm 1994, 2000). Porém, alguns destes adjetivos, como *burmedju*, podem também ocorrer com a cópula *i*. Por seu turno, adjetivos que entraram no Kriyol mais recentemente (2) e predicados nominais (3) ocorrem normalmente com *i*, embora a cópula nula e *sedu* também sejam atestadas nestes casos, como exemplificado em (4).

1) E mininu  $\emptyset$   $\square$  kumpridu.  
DEM menino  $\emptyset$   $\square$  alto  
'O menino é alto.'

2) Badjuda **i** alema.  
rapariga **i** alemã  
'A rapariga é alemã.'

3) Kil omis la (**i**) piskadur(is).  
DEM homem-PL lá **i** pescador(-PL)  
'Estes homens são pescadores.'

4) Paralem di musik **i sedu** tambe poeta, depus **i** politiku.  
para além de músico 3SG ser também poeta depois **i** político  
'Além de ser músico, ele era também poeta, e finalmente político.'

Sempre que um valor temporal [-presente] ou aspetual esteja disponível na frase, a cópula combina-se com os marcadores temporo-aspetuais. Nos exemplos (5) e (6) estão representadas as possíveis combinações para o tempo passado e para valores aspetuais, como contínuo e habitual. Os marcadores *na bin* (CONT + vir) ou *na ba ta* (CONT + ir + HAB) precedem *sedu* para expressar o valor de futuro específico e não específico, respetivamente (Kihm 1994).

5) Kasa ku kai (**i**) bedju **ba** di mas / (**i**) **yera (ba)** bedju di mas. (tempo passado)  
 casa REL cair (i) velho PAS muito / (i) ser.PAS (PAS) velho muito  
 'A casa que ruiu era muito velha.'

6) I **na /ta sedu** difisil. (contínuo/habitual)  
 3SG CONT/HAB ser difícil  
 'Vai ser/é difícil.'

A cópula locativa *sta* (7) pode expressar também predicções de estado temporário, como em (8). Contudo, as cópulas *i* e  $\emptyset$  podem igualmente ocorrer com valor locativo.

7) Ki kwatru mas pikininus **sta** na Guiné. (locativo)  
 DEM quatro mais pequeno-PL estar na Guiné  
 'Estes quatro (irmãos) mais novos estão na Guiné.'

8) Seu ka **sta** klaru. (estado temporário)  
 céu NEG estar claro  
 'O céu não está limpo.'

Finalmente, nas orações subordinadas normalmente é usada a cópula *sedu* (9). Todavia, existem também casos com cópula nula.

9) Dipus e ta tisi bos utru kabas ke **sedu** ki de kbamba.  
 depois 3PL HAB trazer 2PL.OBL outro tijela REL ser DEM of kbamba  
 'Depois, trazem-vos outra tijela, que é aquela com a *kbamba*.'

Este trabalho pretende contribuir, por um lado, para o aprofundamento da investigação sintática das orações copulativas e, por outro lado, para o estudo do Kriyol. Mostra-se que dar conta da grande variação intralinguística na seleção da cópula é um passo necessário para a descrição exaustiva tanto do sistema copulativo, como das orações copulativas neste crioulo.

**Bibliografia**

- Devitt, D. 1990. The Diachronic Development of Semantics in Copulas. *Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*. [S.l.], 103-115.
- Intumbo, I. 2007. *Estudo comparativo da morfossintaxe do crioulo guineense, do balanta e do português*. Universidade de Coimbra: Tese de mestrado.
- Intumbo, I. & Inverno, L. & Holm, J. 2013. Guinea-Bissau Kriyol. In *The survey of pidgin and creole languages. Vol. II: Portuguese-based, Spanish-based and French-based languages*. Michaelis, Susanne Maria & Maurer, Philippe & Haspelmath, Martin & Huber, Magnus (eds.), 31-39. Oxford: Oxford University Press.
- Kihm, A. 1994. *Kriyol Syntax: the Portuguese-based Creole Language of Guinea-Bissau*. Amsterdam: John Benjamins.
- Kihm, A. 2000. L'adjectif en portugais et en kriyol : essai de syntaxe comparée. *Langages*, 34<sup>e</sup> année, n°138, 2000. Syntaxe des langues créoles [En hommage à Chris Corne], 49-60.
- Kihm, A. 2007. The two faces of creole grammar and their implications for the origin of complex language. In *Variation, selection, development: Probing the evolutionary model of language change*. R. Eckardt, G. Jäger, & T. Veenstra (eds.), 253- 305. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Lyons, J. 1968. *Introduction to theoretical linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mikkelsen, L. 2011. Copular Clauses. In *Semantics: An International Handbook of Natural Language Meaning*. Klaus von Stechow, Claudia Maienborn & Paul Portner (eds.). Vol. 33.2 de *Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft*, 1805-1829. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Pustet, R. 2003. *Copulas. Universals in the Categorization of the Lexicon*. Oxford: Oxford University Press.
- Stassen, L. 1997. *Intransitive Predication*. Oxford: Oxford University Press.
- Truppi, C. 2014. *The null/overt copula alternation in Guinea-Bissau Creole*. Comunicação apresentada no Workshop on Copulas, Universidade de Bolonha, Março 13-14, 2014.
- Truppi, C. 2015. *Bare nouns among and beyond creoles. A syntactic-semantic study of Kriyol Bare Noun Phrases based on a crosslinguistic comparison and the theoretical implications*. Universidade Humboldt de Berlim: Dissertação de doutoramento.

## ANA CAROLINA VALENTE, PÂMELA FAGUNDES TRAVASSOS e MARCIA DOS SANTOS MACHADO VIEIRA

### "Deu um driblinho" e "fez um golaço": expressões para conceptualizar o quotidiano dos brasileiros

Nesta proposta de pôster, pretendemos expor expressões características do âmbito do futebol que são concretizadas também em domínios discursivos distintos do domínio do futebol. Centramos nossas observações particularmente em expressões formadas a partir de verbos suportes que se relacionem a nomes com afixo de grau: "dar uma pedaladinha", "fazer (uma) firulinha", "dar um chute", "bater um bolão", "bater uma bolinha", por exemplo. Buscamos discutir o que há de estável e/ou variável nessas expressões, a partir do enfoque teórico-metodológico da Linguística Funcional-Cognitiva. Tencionamos expor resultados sobre o exame de ocorrências de expressões como essas em domínios discursivos diferentes.

Nesse sentido, trabalhamos com conceitos como os de: (i) variação construcional (TROUSDALE, 2016), mudança construcional e construcionalização gramatical e lexical (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013); (ii) níveis de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade, bem como contextualidade; (iii) analogia e neoanálise ou reanálise (BYBEE, 2010, 2015); entre outros. Objetivamos verificar de que maneira expressões como as supracitadas se concretizam na língua e que contextos favorecem o seu uso/sentido. Analisaremos o grau de expressividade de cada uma delas, na medida em que diferentes contextos poderão propiciar diferenças na sua funcionalidade. E ainda mapearemos, entre outros aspectos, a relação entre grau e metaforicidade (haja vista certas metáforas conceituais convencionais "mais é para cima" e "menos é para baixo"), aspectualidade (duratividade de um estado de coisas) e até modalidade (polidez, entre outras atitudes pragmáticas).

Para tanto, contamos com dados oriundos de corpora diversos do Português Brasileiro, empregos de expressões já detectadas no meio futebolístico que se espraiam para outros domínios discursivos. Analisaremos propriedades relativas às faces forma e função/conteúdo dos pareamentos construcionais que tais dados concretizam. Visamos, em última instância, a propiciar subsídios para uma pesquisa mais ampla sobre expressões do futebol do Projeto PREDICAR/UFRJ (Formação e expressão de predicados complexos: estabilidade, variação e mudança construcional), ao qual esta se vincula.

BYBEE, J. Language change. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

\_\_\_\_\_. Language, use and cognition. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

TRAUGOTT, E. & TROUSDALE, G. Constructionalization and Constructional Changes. Oxford: Oxford University Press. 2013.

TROUSDALE, G. Response to Wårnsby. In: Constructions and Frames, v. 8, n.1, 2016. p. 54-65.

## MARIA MANUEL VIDAL, MARISA LOUSADA e MARINA VIGÁRIO

### Music influence on phonologic awareness in 3 to 4 year-olds with typical development and primary language impairment

#### Background

Recent studies on the relation between language and music development showed an influence of music abilities on several areas of language development in children over 4 years old. This influence is shown in speech perception and production (Cutietta, 1996), phonemic awareness (Peynircioglu, Durgunoglu and Kusefoglu, 2002; Gromko, 2005), phonological awareness (Degé and Schwarzer, 2011) and reading abilities (Anvari, Trainor, Woodside and Levy, 2002; Corrigan and Trainor, 2011). Influence on verbal intelligence and neuronal plasticity was also found (Moreno, Bialystok, Barac, Schellenberg, Cepeda and Chau, 2011). Overy (2002) and Forgeard et al. (2008) report the influence of music in reading in children with specific reading and writing impairment.

#### Aims

This study is part of a larger project aiming at:

1. identifying music effects on speech and language development in typically developing (TD) children under 4 years of age (Group 1 and 2). This will help determining the potential of music to promote typical speech and language development.
2. indentifying music effects in primary speech and language impairment (NTD) (Group 3 and 4) in children under 6 years of age (previous studies have only studied music effects on writing and reading disorders).

In this talk we present the results of pre and post assessment of phonological awereness with TD children under 4 years old.

#### Method

##### Subjects

Convenience samples were recruited in kindergartens, with 22 TD children aged 3 to 4. Two subgroups were formed (random org.), forming one Music class (Group 1 – DT) and one Visual Arts class (control) (Group 2 (DT)).

Children were assessed with European Portuguese Pre-School Language Assessment (TL-ALPE), a standardized language test (Mendes, Afonso, Lousada e Andrade, 2014). Non-verbal IQ was assessed with the Performance Scale of the Wechsler Preschool and Primary Scale of Intelligence – Revised (Wechsler 1989). Children assessment was done by a Speech Therapist and a Psychologist that were blind to the aim of the study.

All ethical procedures were ensured, and informed consent was obtained from all caregivers prior to any data collection.

#### Intervention

Thirty weekly classes were given by the same 2 teachers, responsible for both Music and Visual Art classes and blind with respect to the aim of the study.

### Outcome measures

The outcomes were taken before and after a 8 months period of classes and include a Phonetic and Phonologic Test (Mendes, Afonso, Lousada e Andrade, 2009), a Phonological Awareness Test - ConFira (Castro, Alves e Correia, 2015), and a Test of Prosodic Competences specifically designed for this study.

### Results

The results show that at pre-assessment there were no significant differences between groups ( $p=0.915$ ); significant differences ( $*p=0.039$ ) were found between the groups in the post-assessment, showing music influence on phonological awareness at this age (Fig. 1). When comparing pre- and post- assessment, the results showed no significant differences in Visual Art Group ( $p=0.078$ ), but significant differences in Music Group ( $**p=0.003$ ) (Fig. 2).

### Figures

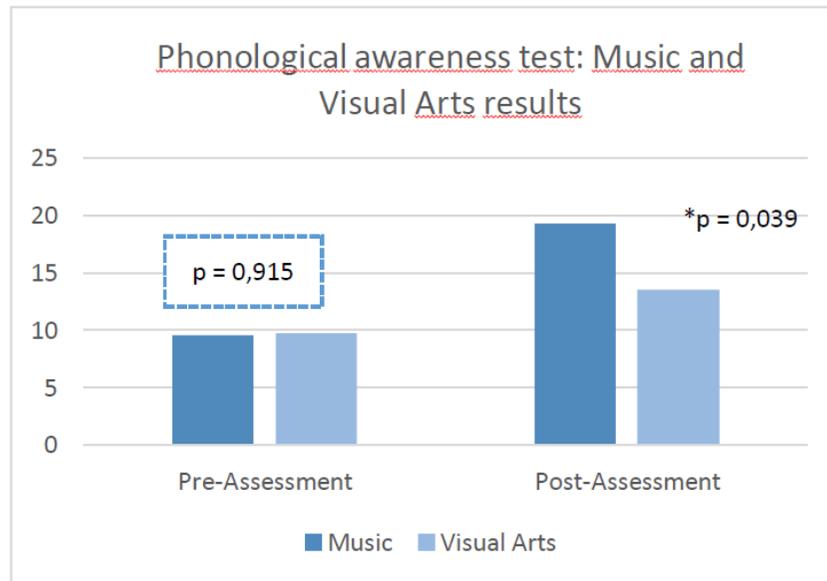


Fig.1 Results of test of phonological awareness: Music and Visual Art, pre- and post-assessment

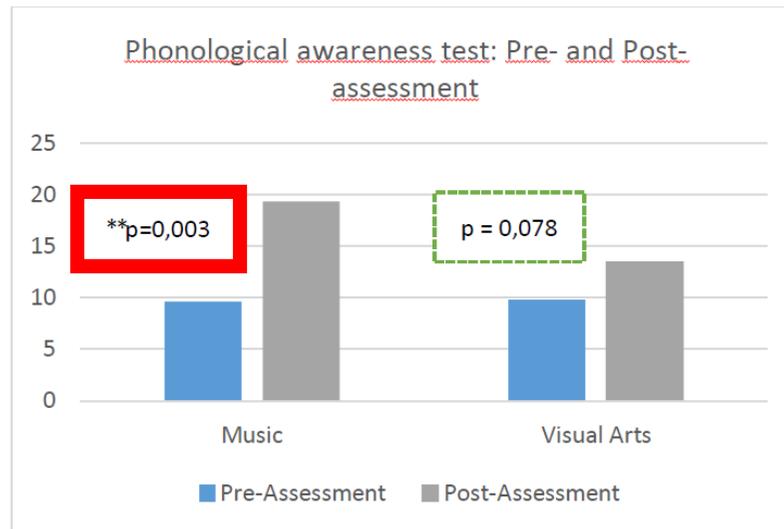


Fig.2 Difference between Music and Visual Art in the pre- and post-assessment of the test of phonological awareness

## References

- Anvari, S., Trainor, L., Woodside, J., Levy, B. (2002).** Relations among musical skills, phonological processing, and early reading in preschool children. *Journal of Experimental Child Psychology*, 83, 111-13;
- Castro, A., Alves, D., Correia, S. (2015).** Consciência Fonológica – Instrumento de Rastreo e Avaliação (no prelo);
- Corrigan, K.A., Trainor, L.J. (2011).** Associations between length of music training and reading skills in children. *Music Perception*, 29, 147-155;
- Cutieta, R.A. (1995).** Does music instruction help a child learn to read? UPDATE: *The Applications of Research in Music Education* 9 (1995): 26-31;
- Cutieta, R.A. (1996).** Language and music programs. UPDATE: *The Applications of Research in Music Education* 9 (1996): 26-31;
- Degé, F., Schwarzer, G. (2011).** The effect of a music program on phonological awareness in preschoolers. *Front.Psychol.* 2:124. doi:10.3389/fpsyg.2011.00124;
- Forgeard, M., Schlaug, G., Norton, A., Rosam, C., Iyengar, U. (2008).** The relation between music and phonological processing in normal-reading children and children with dyslexia. *Music Perception*, 25 (4), 383-390;
- Gromko, J. E. (2005).** The Effect of Music Instruction on Phonemic Awareness in Beginning Readers. *JRME*, 53 (Vol3), 199-209;
- Hannon, E., Trainor, L. (2007).** Music acquisition: effects of enculturation and formal training on development. *Trends in Cognitive Sciences*, 11, 466-472;
- Langus, A., Marchetto, E., Bion, R., Nespore, M. (2012).** Can prosody be used to discover hierarchical structure in continuous speech? *Journal of Memory and Language* 66 (2012), 285-306;
- Mendes, A., Afonso, E., Lousada, M., e Andrade, F. (2013).** *Teste Fonético-Fonológico ALPE*. Aveiro: Edubox;
- Moreno, Bialystok, Barac, Schellenberg, Cepeda & Chau (2011).** Short-Term Music Training Enhances Verbal Intelligence and Executive Function. *Psychological Science* 22 (11), 1425-1433;
- Overy, K. (2002).** *Dyslexia and music: From timing deficits to music intervention*. Unpublished doctoral dissertation, University of Sheffield;
- Peynircioglu, Z., Durgunoglu, A., Kusefoglu, B. (2002).** Phonological awareness and musical aptitude. *Journal of Research in Reading*, 25 (1), 68-80;
- Register, D. (2011).** The effects of an early intervention music curriculum on prereading/writing. *Music Therapy Perspectives* 38 (3), 239-248.

## MÁRCIA DOS SANTOS MACHADO VIEIRA

### Impessoalização discursiva: padrões construcionais com verbo suporte haver no PB

Esta proposta de comunicação oral focaliza expressões com o verbo suporte haver no Português Brasileiro, no intuito de tratar de sua funcionalidade na organização comunicativa face a outras possibilidades construcionais de impessoalização discursiva no Português. Com base em orientação (socio)funcionalista, tenciona-se descrever instâncias de emprego da construção com verbo suporte haver e, ainda, aspectos envolvidos no fenômeno de alternância entre essas estruturas de predicação, que se configuram com o padrão morfossintático haver + SNpredicante, e formas verbais simples correspondentes.

Pretende-se, então, expor resultados concernentes à análise das propriedades desse padrão construcional de impessoalização a partir da manifestação de usos coletados em amostras de fala e escrita do Português Brasileiro e da testagem de parte desses usos mediante metodologia de avaliação subjetiva (FASOLD, 1987). Procura-se mapear, sob um viés funcional-construcionista (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013; GOLDBERG, 1995, 2006; BYBEE, 2010, 2015), as microconstruções e subesquemas construcionais com que haver se compatibiliza como verbo suporte.

Com relação à pesquisa sobre o fenômeno de alternância entre estruturas com essa configuração e outras estruturas com verbo pleno com as quais aquelas mantêm comparabilidade funcional (houve protesto, protestaram e protestou-se, por exemplo), destaca-se que ela se desenvolve numa linha sociofuncionalista (TAVARES & GORSKI, 2015) de investigação que se baseia em registros de percepção e atitudes de brasileiros com relação a tais expressões linguísticas (MOURA, 2017).

A pesquisa evidencia que perífrases com verbo suporte haver constituem predicadores verbo-nominais complexos que: (i) são acionados em diferentes domínios discursivos, gêneros textuais, modalidades de expressão, mas, especialmente, no discurso acadêmico escrito; (ii) exibem geralmente as propriedades formais basilares de perífrases do mesmo tipo com outros verbos suportes (embora funcionalmente revelem algumas diferenças em comparação a estas); (iii) podem entrar numa relação de comparabilidade funcional com predicadores cognatos plenos e até predicadores complexos com verbo suporte ter; e (iv) resultam de microconstruções que se organizam numa rede de construções de predicação complexa que pressupõe dois subesquemas construcionais impessoais com que haver se compatibiliza: um que envolve um SN predicante do tipo evento dinâmico e outro que envolve um SN do tipo estado.

#### Referências:

- BYBEE, J. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Language, use and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- FASOLD, R. *The Sociolinguistics of Society*. Vol. I. New York, USA, B. Blackwell, 1987 [1984].
- GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- MOURA, B. de Z. *Construções verbo-nominais no Português: haver + nome predicante*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2017.
- TAVARES, M. A. & GORSKI, E. M. *Variação e sociofuncionalismo*. In: MARTINS, M. A. & ABRAÇADO, J. (orgs.) *Mapeamento sociolinguístico do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.
- TRAUGOTT, E. C. & TROUSDALE, G. *Constructionalization and Construction changes*. Great Britain: Oxford University Press, 2013.

## INÊS VITORINO e MARIA LOBO

### Aquisição de estruturas com subida de clítico em PE

**Introdução.** Este estudo teve como objetivo investigar a aquisição de estruturas com subida de clítico por crianças falantes nativas de PE, a fim de verificar o padrão de colocação do clítico. O fenómeno conhecido como subida de clítico consiste numa construção em que o clítico sobe a uma posição mais alta, ficando adjacente não ao verbo de que é complemento, mas ao verbo da oração superior. Este fenómeno representa uma das propriedades que caracterizam as construções de reestruturação em algumas línguas românicas (cf. Rizzi 1982). Este estudo procurou verificar o padrão de colocação de clítico em contextos de subida obrigatória, opcional e desfavorável e averiguar se: i) a subida de clítico é categórica nos contextos de subida obrigatória; ii) as crianças são sensíveis às propriedades lexicais dos verbos que permitem ou desfavorecem a subida; iii) as crianças são sensíveis à presença de um proclisador como elemento facilitador de subida; iv) as crianças mais novas preferem a subida em oposição à não subida; v) a possibilidade de subida de clítico está disponível desde cedo na gramática infantil à semelhança do que acontece com o parâmetro do sujeito nulo. Uma vez que a presença de um elemento proclisador parece facilitar a subida (cf. Fiéis & Madeira 2012) e que há diferenças quanto aos verbos que permitem ou desfavorecem a subida, previa-se que o tipo de verbo e a presença de um proclisador condicionassem a taxa de subida de clítico. Assumindo, ainda, a Hipótese de Complexidade Derivacional de Jakubowicz (2011), previa-se que, caso a reestruturação seja uma construção mais defetiva, as crianças mais novas preferissem a subida em oposição à não subida. Com base na hipótese desenvolvida por Wexler (1998), segundo a qual os parâmetros básicos são fixados precocemente, e na hipótese de Hamann & Belletti (2006), de acordo com a qual a reestruturação é uma opção presente na GU, esperava-se que a subida emergisse cedo na gramática infantil.

**Metodologia.** *Participantes:* Participaram no estudo 64 crianças monolíngues de PE e um grupo de controlo de 21 adultos. As crianças foram divididas em dois grupos: pré-escolar (5 e 6 anos de idade) e escolar (6, 7 e 8 anos de idade) [Ver Tabela 1]. As crianças frequentavam os colégios *O Nosso Jardim* e o *Colégio Valsassina*. *Método:* Foi aplicado um teste experimental de produção induzida que testou as variáveis tipo de verbo e presença/ausência de proclisador. O teste incluiu um verbo de subida obrigatória (*ter*+particípio passado), verbos de subida opcional (*querer*, *ir* e *conseguir*) e verbos de subida desfavorável (*decidir*, *odiar* e *gostar de*). Quanto ao proclisador, recorreu-se apenas à negação. Utilizou-se apenas o clítico *se*, visto que estudos anteriores mostram que este clítico é o que tem taxas mais baixas de omissão (cf. Costa & Lobo 2007). A tarefa da criança consistia em responder à questão colocada pela investigadora sobre as imagens que lhe eram apresentadas. Adicionalmente, analisou-se um *corpus* de produção espontânea retirado do CHILDES, o qual incluía produções de três crianças e dos adultos que com elas interagiam. Os dados de produção espontânea serviram para complementar os dados de produção induzida e para verificar em que idade as crianças começam a produzir estruturas com subida de clítico.

**Resultados.** Os resultados do teste de produção induzida mostraram que as crianças preferem a subida em oposição à não subida em contextos de subida opcional, sendo essa preferência mais evidente no grupo pré-escolar. O grupo de controlo, por outro lado, preferiu a não subida. Todos os grupos foram sensíveis à presença do proclisador, havendo uma taxa de subida de clítico mais elevada neste contexto em relação ao contexto de ênclise. No que diz respeito ao tipo de verbo, concluiu-se que as crianças possuem

conhecimento lexical acerca dos verbos que permitem ou desfavorecem a subida, uma vez que, em todos os grupos, os verbos de subida desfavorável obtiveram uma percentagem de subida de clítico bastante mais reduzida do que os verbos de subida opcional. No entanto, este conhecimento desenvolve-se gradualmente e ainda não se encontra estabilizado no 1º ciclo. [Ver Gráfico 1] Contrariamente ao que se verifica em produção induzida, os dados de produção espontânea do grupo de controlo mostram uma clara preferência pela subida de clítico com verbos de subida opcional (86% de subida). Quanto às produções das crianças, verifica-se que as primeiras ocorrências de subida de clítico se registam no período dos dois anos e que as crianças não passam por um período em que usam apenas a não subida. Este resultado é semelhante aos resultados do estudo de Rodríguez-Mondoñedo, Snyder & Sugisaki (2006) para o espanhol. Desta forma, conclui-se que a subida de clítico será uma propriedade fixada cedo, estando disponível desde tenra idade.

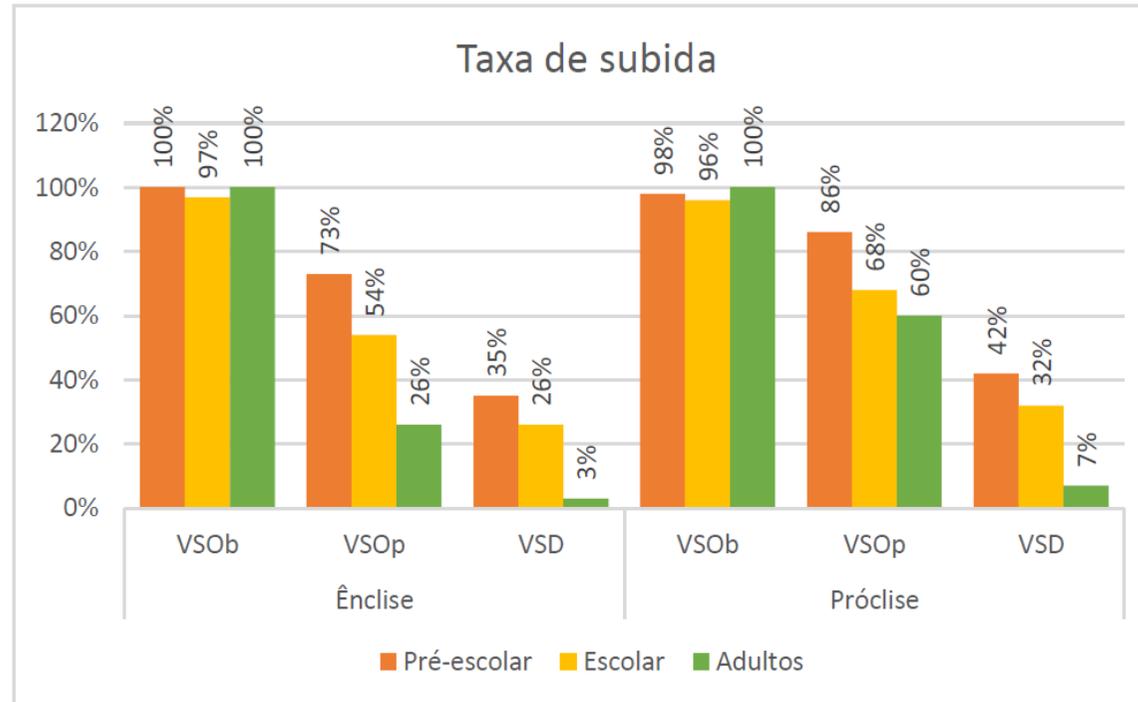
### Referências Bibliográficas:

- Costa, João & Maria Lobo (2007) Complexidade e omissão de clíticos: o caso dos reflexos. *XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos Seleccionados*. Lisboa: APL, 303-313.
- Fiéis, Alexandra & Ana Madeira (2012) Predicados de controlo na diacronia do português. In Costa, A., C. Flores & N. Alexandre (eds.) *Textos Seleccionados do XXVII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisbon: Associação Portuguesa de Linguística, 271-284.
- Hamann, Cornelia, & Adriana Belletti (2006) Developmental patterns in the acquisition of complement clitic pronouns. Comparing different acquisition modes with an emphasis on French. *Rivista di Grammatica Generative* 31, 39–78.
- Jakubowicz, Celia (2011) Measuring derivational complexity: New evidence from typically developing and SLI learners of L1 French. *Lingua*, Volume 121: 3, 339351.
- Rizzi, Luigi (1982) *Issues in Italian Syntax*. Dordrecht, Foris.
- Rodríguez-Mondoñedo, Miguel, William Snyder & Koji Sugisaki (2006) Clitic-climbing in child Spanish and the theory of parameters. In Brugos, A., M. R. Clark-Cotton & S. Ha (eds.) *A Supplement to the Proceedings of the 29th Boston University Conference on Language Development*.
- Wexler, Kenneth (1998) Very early parameter setting and the unique checking constraint: A new explanation of the optional infinitive stage. *Lingua* 106, 23-79.

**Tabela 1** - Caracterização dos participantes no teste de produção induzida por grupo

	Número	Intervalo de idades	Média de idades
Idade pré-escolar	33	5;2-6;2	5;9
Idade escolar	31	6;2-8;2	7;3
Adultos	21	20-57	29

**Gráfico 1** – Percentagem de subida de clítico para cada tipo de verbo pelos grupos pré-escolar, escolar e de controlo no teste de produção induzida



## KARILENE XAVIER e CAROLINA SERRA

### A pronúncia dos róticos em sucessos musicais do início do século XX

Embora exista um número considerável de trabalhos realizados sobre o comportamento dos róticos no Português do Brasil, destaca-se a relevância dessa proposta, uma vez que estudos anteriores tomam como base *corpora* gravados a partir da década de 1970, quando o processo de diferenciação do rótico já se encontrava em franca atuação. O recuo no tempo nos impele a lançar mão de dados oriundos da discografia musical, meio praticamente exclusivo de registro de voz no início do século XX, para a recuperação das possíveis pronúncias. Neste trabalho, estuda-se o processo de variação dos róticos a partir de canções disponibilizadas pelo Instituto Moreira Salles (<http://acervo.ims.com.br/>), gravadas entre 1902 e 1940 por 9 intérpretes cariocas do gênero masculino. Os objetivos são estes: 1) recuperar as pronúncias do rótico na fala cantada daquela época; 2) capturar o processo gradual de diferenciação do segmento; 3) verificar se os intérpretes seguiam normas de canto da época ou imprimiam às canções características próprias; 4) investigar a atuação do tempo e 5) observar a atuação de fatores linguísticos, tais como: classe gramatical, dimensão do vocábulo, contexto fonológico adjacente. Para alcançar os objetivos estabelecidos, utiliza-se o aparato teórico-metodológico da Sociolinguística Quantitativa (LABOV, 1972), e as etapas metodológicas são: 1) seleção das canções, audição e transcrição fonética; 2) análise estatística dos dados e 3) interpretação dos resultados. Os resultados iniciais obtidos a partir de 2858 dados coletados de contexto de coda silábica final são os seguintes: 1) o tepe é a realização predominante, alcançando 68,3% do total de dados, com isso, percebe-se que essa realização parece ser a norma de uso dos intérpretes; 2) a vibrante anterior múltipla, que era a realização padrão dos meios de comunicação, ocorreu em um percentual inferior do que se esperava, apenas 15% dos dados; 3) as fricativas velar e glotal não parecem ter sido variantes muito utilizadas pelos intérpretes, pois obtiveram um percentual quase nulo, somente 1,3% do total; 4) o percentual de supressão foi de 15,4%. Os resultados, a partir dos dados de contexto de coda medial e ataque, ainda estão sendo analisados.

**Palavras-chave:** Róticos; Música Popular Brasileira; Sociolinguística; Século XX.

#### **Bibliografia**

LABOV, William, *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

## CHAO ZHOU, MARIA JOÃO FREITAS e ADELINA CASTELO

### Aquisição das consoantes laterais do PE por aprendentes chineses

Vários estudos sobre a aquisição do Português Europeu (PE) como língua segunda mostram dificuldades dos aprendentes chineses na produção das consoantes laterais do PE (Batalha 1995, Martins 2008, Oliveira 2016, entre outros). Porém, tanto quanto sabemos, ainda não foi desenvolvida uma investigação em que se utilize um instrumento linguístico para avaliar sistematicamente a aquisição destes segmentos do PE em diferentes contextos prosódicos por aprendentes chineses.

O PE apresenta duas consoantes laterais (/l/ e /ʎ/) (Mateus et al. 2005). A lateral alveolar /l/ ocorre em Ataque (simples ou ramificado), realizada como [l], e em Coda, realizada como [ɫ]; a lateral palatal /ʎ/ apenas ocorre em Ataque não ramificado, realizada como [ʎ]. No Chinês Mandarim (CM), existe só uma consoante lateral /l/ (Duanmu 2007, Lin 2007), apenas ocorrendo em Ataque não ramificado, realizada como [l].

Este trabalho examina a produção das laterais do PE por 14 falantes chineses, entre os 19 e os 21 anos, com dois anos de aprendizagem de PLE na China e 3 meses de imersão em Lisboa. Todos têm o mandarim como única língua materna e, à data da recolha de dados, participavam em aulas de PLE (nível B1) no ICLP-FLUL. Foi efetuada uma recolha de dados via aplicação de teste de nomeação, com palavras-alvo dissilábicas ou trissilábicas, com as laterais em sílaba tónica e nas várias posições possíveis na sílaba e na palavra (/l/ em Ataque simples e em Ataque ramificado iniciais e mediais; /l/ em Coda medial e final; /ʎ/ em Ataque simples medial).

Os dados são discutidos à luz da relação entre nível segmental e níveis prosódicos (Nespor & Vogel 1989/2007). Para o /l/, mostram que, no sistema interfonológico dos aprendentes avaliados: este segmento já está estabilizado em Ataque não ramificado (100%), devido principalmente à transferência positiva da L1; uma tendência universal para a glidização da lateral (neste caso, [w]) parece condicionar as produções para o alvo /l/ em Coda, com nível mais baixo de sucesso (16.7%); a elevada taxa de sucesso de /l/ em C2 (97.6%) pode ser atribuída ao efeito do não processamento da estrutura como silabicamente biposicional (Velooso 2006; Freitas 2003). Na aquisição da lateral palatal (52.4%), os dados demonstram que os aprendentes podem reorganizar os traços da L1 para adquirir uma estrutura nova na L2, confirmando a *Redeployment Hypothesis* (Archibald 2006, 2009). Na reconstrução deste segmento, quer segundo a hipótese da percepção (Flege 1995, Best e Tyler 2007), quer de acordo com a hipótese da articulação (Zimmer e Alves 2012), mostraremos que o que parece estar em causa na produção do /ʎ/ não conforme ao alvo é a interferência da L1.

#### Referências bibliográficas

- Archibald, J. (2006). Second language phonology as redeployment of phonological knowledge. *Canadian Journal of Linguistics* 50 (1/2/3/4). Pp 285-314.
- Archibald, J. (2009). Phonological feature re-assembly and the importance of phonetic cues. *Second Language Research* 25(2): 231-233.
- Batalha, G. N. (1995). O Português falado e escrito pelos Chineses de Macau. Instituto Cultural de Macau.
- Martins, M. M. (2008). O português dos chineses em Portugal – O caso dos imigrantes da área do comércio e restauração em Águeda. Dissertação de Mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro.

- Duanmu S. (2007). *The Phonology of Standard Chinese* (2nd ed.). Oxford: Oxford University Press.
- Lin, Y.H. (2007). *The Sounds of Chinese*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mateus, M.H., Falé, I. & Freitas, M.J. (2005). *Fonética e Fonologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Nespor, M., & Vogel, I. (1989/2007). *Prosodic phonology*. Berlin & New York: Mouton de Gruyter.
- Oliveira, D. M. (2016). *Percepção e Produção de Sons Consonânticos do Português Europeu por Aprendentes Chineses, 2016. Dissertação (Português Língua Não Materna) - Universidade do Minho.*



**Setembro 2017**